

**Universidade de Lisboa**



**A Escultura como elo entre a Identidade e a Cultura**

O contributo do ensino das Artes Visuais na fusão entre o clássico e o contemporâneo

**Inês Alexandra Assunção Madeira da Costa**

Mestrado em Ensino de Artes Visuais  
Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado  
pela Professora Doutora Marta Frade

2020

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Inês Alexandra Assunção Madeira da Costa, declaro que o presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada de mestrado intitulado “A Escultura como elo entre a Identidade e a Cultura – o contributo do ensino das Artes Visuais na fusão entre o clássico e o contemporâneo”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

A Candidata

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Inês Madeira', with a long, sweeping horizontal stroke extending to the right.

## Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer às duas pessoas que abraçaram este projeto comigo:

Professora Marta Frade, pelos conselhos, orientações, palavras de força e compreensão. Obrigada por todos estes anos de ensinamentos, experiências e por me ajudar a levar este projeto mais além.

À professora cooperante Mariana Azevedo, obrigada por me ter recebido como pupila, por me ensinar tanto sobre ser professora dentro e fora da sala de aula e por ter lutado por este projeto que sem si não estaria terminado.

À turma pelo entusiasmo e curiosidade com que me receberam e ao projeto. Pela boa disposição, pelo vosso talento e pela experiência que me proporcionaram. Obrigada a todos.

À direção da Escola Secundária Leal da Câmara pela flexibilidade e amabilidade fornecida e aos professores por me terem concedido a honra de assistir às suas aulas.

Aos meus pais por todo o apoio e por acreditarem nas minhas escolhas, sou grata por vos ter como referência. O meu maior objetivo é orgulhar-vos como merecem.

Aos meus avós Desidério e Guilhermina. Um sempre presente, a outra também, mesmo que de formas diferentes.

À Laura e ao Vicente, a minha voz da razão e a criança que há em mim.

À Catarina e à Beatriz, pela motivação e amizade.

Por último, mas não menos importante, ao Miguel, por ser o meu significado de lar e família, por todo o apoio, paciência e amor incondicional. Ao nosso futuro brilhante.







## Resumo

O presente relatório de prática profissional supervisionada foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e Secundário e reúne as informações relativas à intervenção didática desenvolvida na Escola Secundária Leal da Câmara (Lisboa), na disciplina de Oficina de Artes, numa turma do 12º ano do curso Científico-Humanístico de Artes Visuais.

O projeto tratado neste documento representa uma procura de abordar a escultura contemporânea no ensino secundário, através da utilização da técnica de moldes em gesso, com uma dimensão colaborativa e conceptual. A partir da análise do contexto educativo, artístico, escolar, curricular e das questões da prática pedagógica no Ensino Artístico, o presente projeto pedagógico foi criado, com o qual se pretendeu uma ação educativa colaborativa e condutora a aprendizagens significativas.

Esta unidade didática intitulada “A escultura como elo entre a Identidade e a Cultura” representa a necessidade de analisar a colaboração na arte como turma, explorar a identidade de cada aluno como artista, as potencialidades artísticas tridimensionais, a sua ligação vital à cultura local e como ser membro participativo ativo da mesma.

A Unidade Didática foi criada com o objetivo dos alunos se integrarem num grupo de trabalho colaborativo e o reconhecimento e prática da técnica de moldes de gesso, na reminiscência do saber fazer artístico, alertando também como técnica de conservação de património, conectado ao patrono da escola Leal da Câmara, um exemplo de património cultural local.

As estratégias adotadas passaram primeiramente por definir um exercício de *brainstorming* em que os alunos, a partir do ponto de partida físico – o molde das mãos – e ponto de partida temático – Tomás Leal da Câmara – engrenassem num projeto de instalação colaborativa, dialogando e argumentando possibilidades práticas conceptuais, através da metodologia projetual de resolução de problemas. O facto de a turma se dividir em dois turnos mostra-se interessante no sentido de comparação de desenvolvimento de processos e resultados, gerando duas obras distintas, apesar de conterem os mesmos objetivos e ponto de partida.

**Palavras chaves:** Escultura; Identidade; Cultura; Instalação; Moldes; Arte colaborativa; Covid 19.

## **Abstract**

This supervised professional practice report was carried out within the scope of the Master in Teaching of Visual Arts in the 3<sup>rd</sup> grade and Secondary Cycle and assembles information related to the didactic intervention developed at the Secondary School Leal da Câmara (Lisbon), in the discipline of Oficina de Artes, in a 12th year class of the Scientific-Humanistic Visual Arts course.

O projeto tratado neste documento representa uma procura de abordar a escultura contemporânea no ensino secundário, através da utilização da técnica de moldes em gesso, com uma dimensão colaborativa e conceptual. A partir da análise do contexto educativo, artístico, escolar, curricular e das questões da prática pedagógica no Ensino Artístico, o presente projeto pedagógico foi criado, com o qual se pretendeu uma ação educativa colaborativa e condutora a aprendizagens significativas.

The project addressed in this document represents a search of approach of contemporary sculpture in secondary education, through the usage of plaster cast, with a collaborative and conceptual dimension. As of an analysis of the educational, artistic, scholar and curricular context and from pedagogical practices of Art teaching, the presente project was created, with which was intended an educational, collaborative action, conductive to meaningful learning.

The presente didactic Unity was named “Sculpture as a bond between Identity and Culture” and represents the need to analyse the collaboration in art as a class, exploring the identity of each student as an artist, to the tridimensional artistic potentialities, its vital connection to local culture and how to participate as an active member of it.

The didactic Unity was created minding the goal of integration by the students in a group of collaborative work and the reconning and practice of casting mould, as a reminiscence of the artistic expertise, also raising awareness as a technique of conservation of heritage property, connected to the patron of the school Leal da Câmara, as an example of patrimony local culture.

The strategies adopted were primarily starting with a physical starting point – the cast of the students’ hands – and a thematic starting point – Tomás Leal da Câmara – to engage in a project of collaborative installation, through dialogue and arguing possible conceptual and practical possibilities, through the projectual methodology of problem

solving. The fact that the class divides in two groups arise na interest in the sense of comparing the development of processes and results, generating two diferente art pieces, although having the same starting point and goal.

**Keywords:** Sculpture; Identity; Culture; Instalation; Cast; Collaborative Art; Covid19.

## **Índice**

<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Resumo</b> .....	6
<b>Abstract</b> .....	7
<b>Índice de Figuras</b> .....	9
<b>Índice de Tabelas</b> .....	13
<b>Índice de Apêndices</b> .....	14
<b>Introdução</b> .....	15
<b>I. Enquadramento teórico</b> .....	17
1.1 Aprendizagem Significativa .....	17
1.2 Aprendizagem Colaborativa .....	21
1.3 Importância do Ensino da Escultura .....	24
1.4 Mãos como tema artístico.....	26
1.5 Moldes como técnica artística .....	46
1.6 Instalação.....	51
1.7 Arte Colaborativa.....	54
<b>II. Temas a abordar na Unidade Didática</b> .....	57
2.1 Identidade.....	57
2.2 Ligação da identidade com a cultura .....	59
2.4 Conceito de cultura e património local .....	61
2.5 Tomás Leal da Câmara .....	65
2.6 Educação para a Cidadania .....	70
2.7 Educação para a Cidadania – Igualdade de Género .....	73
<b>III. Contexto</b> .....	75
3.1 Caracterização do contexto escolar.....	75
3.2 Oferta Educativa .....	75
3.3 Recursos.....	76

3.4 Inclusão Escolar .....	76
3.5 Caracterização dos Participantes.....	77
3.6 Trabalhos e Atividades colaborativas na comunidade escolar .....	77
<b>IV. Unidade Didática .....</b>	<b>78</b>
4.1 Tema .....	78
4.2 Objetivos.....	79
4.3 Metodologia de Investigação .....	80
4.4 Instrumentos de Recolha de Dados .....	82
4.5 Oficina de Artes.....	84
4.6 Orçamento .....	90
4.7 Planificação.....	90
4.8 Metodologia Projetual.....	93
4.9 Surto de Covid 19 – adaptações e alterações .....	95
4.10 Relatório das aulas lecionadas .....	95
<b>V. Análise dos resultados .....</b>	<b>154</b>
5.1 Critérios de avaliação .....	154
5.2 Instrumentos de avaliação.....	155
5.3 Resultados.....	157
<b>VI. Conclusão .....</b>	<b>158</b>
6.1 Discussão de resultados .....	158
6.2 Avaliação da Unidade Didática .....	160
6.3 Futuros Desenvolvimentos .....	164
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>165</b>
<b>Apêndices .....</b>	<b>173</b>

## Índice de Figuras

Figura 1. Mapa conceptual da Unidade Didática. Fonte: própria.....	19
Figura 2. Fotografia da Cueva de las Manos, Argentina. 11000 AC. Fonte disponível no índice de figuras.....	26
Figura 3. Impressão de mão a negativo. Gargas Cave, Pirinéus. Fonte disponível no índice de figuras.....	27
Figura 4. Grutas Selawesi, 40000 de idade. Fonte: National Geographic .....	28
Figura 5. "A Royal Hand" Egito, 18ª dinastia, Reino de Akhenaten. 1349-1336 AC. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	29
Figura 6. "Diskobolos" de Myro. Grécia, 450 AC. Fonte disponível no índice de figuras. ....	31

Figura 7. The Grave Stele of a Little Girl. Grécia, 450–440 AC. Fonte Metropolitan Museum of Art. ....	32
Figura 8. "Christ washes the feet of the apostles", incluído no "Book of the Gospels of Otto" Munique, 4453. Fonte disponível no índice de figuras. ....	33
Figura 9. "Hand Hacha". Entre séc 4 e séc 7. Mexico, Veracruz. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	34
Figura 10. "The Goddess Durga Killing the Buffalo Demon, Mahisha (Mahishasuramardini)" Pala period, Bangladesh ou Índia, séc 12. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	35
Figura 11. "Study of Hands" Leonardo da Vinci, cerca de 1474. ....	36
Figura 12. "Praying Hands". Albrecht Dürer, 1508. Fonte disponível no índice de figuras. ....	37
Figura 13. "A Criação de Adão", Michelangelo — detalhe, cerca de 1512, Capela Sistina, Cidade do Vaticano. ....	38
Figura 14. "Incredulità di San Tommaso" Caravaggio. 1601–1602. Fonte disponível no índice de figuras. ....	39
Figura 15. "The Fortune Teller" Georges de la Tour. Possivelmente 1630s. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	40
Figura 16. "The Writing Master". Thomas Eakins, 1882. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	41
Figura 17. "The Death of Socrates" Jacques-Louis David. 1787. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	42
Figura 18. "The Hand of God". Auguste Rodin, modelado em 1896, transferido para mármore em 1907. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	43
Figura 19. "Drawing Hands". M.C. Escher, 1948. ....	44
Figura 20. "Hand Print". Sally Morgan, 2010. ....	45
Figura 21. "Study of a Hand" Auguste Rodin, último quarto do século XIX - início do século XX. ....	47
Figura 22. "Abattis" Auguste Rodin. Fonte: Musée Rodin. ....	48
Figura 23. "The Hand of Rodin" 1917. Fonte: Metropolitan Museum of Art. ....	49
Figura 24. Capa de jornal "A Corja" que valeu um mandato de captura ao artista. Fonte: BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa. ....	68
Figura 25. "O chefe de Estado em Portugal." de 5 de dezembro de 1897. Fonte: BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa. ....	69
Figura 26. Gráfico de Metodologia Projetual. Fonte própria. ....	94
Figura 27. Relação de palavras a Identidade - turno 2. Fonte: própria. ....	96
Figura 28. Relação de palavras a Identidade - turno 1. Fonte: própria. ....	97
Figura 29. Relação de palavras a Cultura - turno 2. Fonte: própria. ....	98
Figura 30. Relação de palavras a Cultura - turno 1. Fonte: própria. ....	99
Figura 31. Mistura do alginato com água. Fonte: própria. ....	103
Figura 32. Imobilização das mãos. Fonte: própria. ....	104
Figura 33. Confeção do gesso para enchimento do molde. Fonte: própria. ....	104

Figura 34. Retirada gentil da mão do aluno do molde. Fonte: própria. ....	105
Figura 35. Molde resultante. Fonte: própria. ....	105
Figura 36. Preenchimento do molde com gesso. Fonte: própria. ....	106
Figura 37. Desmolde de uma das peças. Fonte: própria. ....	106
Figura 38. Desmolde de uma das peças. Fonte: própria. ....	107
Figura 39. Mão silenciadora. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Fonte: própria. ....	108
Figura 40. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	109
Figura 41. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	110
Figura 42. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	111
Figura 43. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	112
Figura 44. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	112
Figura 45. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	113
Figura 46. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	114
Figura 47. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	115
Figura 48. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	116
Figura 49. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4. Fonte: própria. ....	117
Figura 50. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	118
Figura 51. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	119
Figura 52. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	120
Figura 53. Mão que segura a coroa. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	121
Figura 54. Mão que segura a coroa. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	122
Figura 55. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	123
Figura 56. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	124

Figura 57. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	125
Figura 58. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	126
Figura 59. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1 em detalhe. Fonte: própria. ....	127
Figura 60. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	128
Figura 61. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	129
Figura 62. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4. Fonte: própria. ....	130
Figura 63. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	131
Figura 64. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	132
Figura 65. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	132
Figura 66. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4. Fonte: própria. ....	133
Figura 67. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1 - detalhe. Fonte: própria. ....	134
Figura 68. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	135
Figura 69. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	136
Figura 70. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	137
Figura 71. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	138
Figura 72. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.2. Fonte: própria. ....	139
Figura 73. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	140
Figura 74. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	141
Figura 75. Mão que segura o livro. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	142
Figura 76. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	143
Figura 77. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	144
Figura 78. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	145
Figura 79. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	146



Figura 80. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	147
Figura 81. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	148
Figura 82. Mão que apoia o azulejo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	149
Figura 83. Mão que apoia o azulejo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	150
Figura 84. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria. ....	151
Figura 85. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria. ....	152
Figura 86. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria. ....	153
Figura 88. Reflexão contínua de um dos alunos sobre a aula prática dos moldes. Fonte: professora cooperante Mariana Azevedo. ....	160
Figura 89. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	161
Figura 90. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	161
Figura 91. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	161
Figura 92. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	161
Figura 93. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	162
Figura 95. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	162
Figura 94. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	162
Figura 96. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	162
Figura 97. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	163
Figura 98. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	163
Figura 99. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria. ....	163

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Grelha de planificação da Unidade Didática. Fonte: própria. ....	90
Tabela 2. Grelha de avaliação da Unidade Didática. Elaborada pela professora cooperante Mariana Azevedo. ....	157

## Índice de Apêndices

Apêndice 1 - Questionário Inicial .....	173
Apêndice 2 - Reflexão Contínua.....	174
Apêndice 3 – Questionário final .....	176
Apêndice 4 - Power Point apresentado aos alunos .....	177
Apêndice 5 – Grelha de planificação a médio prazo.....	185
Apêndice 6 – Grelha de planificação diária – Aula 1 .....	186
Apêndice 7 – Grelha de planificação diária – Aula 2 .....	187
Apêndice 8 - Grelha de planificação diária - Aula 3.....	189
Apêndice 9 - Grelha de planificação diária - Aula 4.....	190
Apêndice 10 - Grelha de planificação diária - Aula 5.....	191
Apêndice 11 - Plano de trabalho à distância. Fonte: professora cooperante Mariana Azevedo	192
Apêndice 12 - Grelha de conteúdos de avaliação entregue aos alunos .....	193
Apêndice 13 - Grelha de registo de comportamento.....	194
Apêndice 14 - Grelha de nível de desempenho máximo .....	195
Apêndice 15 - Grelha de níveis de desempenho.....	197
Apêndice 16 - Reflexões finais preenchidas pelos alunos.....	202
Apêndice 17 - Relatório da professora cooperante Mariana Azevedo. ....	213

## **Introdução**

O relatório da prática de ensino supervisionado apresentado, objetiva relatar a experiência educativa desenvolvida numa turma de 12.º ano do Curso CientíficoHumanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Leal da Câmara, em Sintra.

A unidade didática intitulada *Escultura como elo entre a Identidade e a Cultura*, foi implementada na disciplina de Oficina de Artes e projetou-se ao longo do segundo e terceiro período no decorrer de 5 aulas, três presenciais e duas online, devido ao surto de Covid19. O título surge na intenção de conectar os alunos com a arte local, bem como a sua definição como artistas, bem como o impacto do ensino da escultura no ensino secundário nos alunos. Na análise e observação dos efeitos e consequências das práticas artísticas tridimensionais, no processo artístico conceptual e na criação e compreensão de arte contemporânea, que cause aprendizagens significativas nos alunos de um modo colaborativo e interpretativo na fusão entre técnicas seculares e modos de arte contemporânea.

Com o objetivo de trabalhar a escultura no Ensino Secundário, que se mostra negligenciada pela sua natureza prática e material, viu-se nessa problemática uma estruturação de um projeto que trabalhasse a tridimensionalidade, que introduzisse um novo material aos alunos e consequentemente uma nova visão sobre as possibilidades da escultura, cumprindo o programa de Oficina de Artes, ao mesmo tempo oferecendo novidade e amplitude ao currículo das Artes Visuais.

Após a delineação das várias fases do projeto, concluindo que faria sentido ser empregado no segundo período no módulo de projeto da disciplina de Oficina de Artes, iniciando-se a investigação descrita no presente relatório. A denominação do presente relatório indica quatro vertentes – a escultura como elemento unificador entre identidade (moldes das mãos dos alunos) e cultura (Tomás Leal da Câmara) na fusão entre a técnica secular dos moldes em gesso e a forma de arte contemporânea de instalação colaborativa.

O projeto foi concebido em 7 etapas, em vista:

- 1.<sup>a</sup> – apresentação do projeto, iniciando o mesmo com uma chuva de ideias sobre os conceitos de identidade e cultura separadamente, quais os elementos geradores e consequências dos conceitos. Seguido de uma apresentação expositiva aos alunos das fases de trabalho, efetuando um esclarecimento de dúvidas e iniciando o *brainstorming* para a instalação colaborativa;
- 2.<sup>a</sup> – Concretização de uma visita de estudo extra-curricular ao local destinado à exposição – a Casa Museu Leal da Câmara nas Mercês;
- 3.<sup>a</sup> – Delineação conjunta da ideia, do método, materiais, posições das mãos nos moldes e local de exposição;
- 4.<sup>a</sup> – Aula prática para elaboração dos moldes;
- 5.<sup>a</sup> – Aula para planificação e realização da peça;
- 7.<sup>a</sup> – Apresentação e exposição dos trabalhos realizados.

O foco central desta investigação centra-se na análise das aprendizagens dos alunos do 12º ano de Oficina de Artes, expondo-os a técnicas de aprendizagem de escultura, bem como na criação e desenvolvimento de um projeto único que une a sua identidade como estudantes de arte e futuros artistas com a sua cultura local, numa fusão entre a arte clássica e a contemporânea, de modo a verificar a sua dinâmica como grupo artístico colaborativo.

A organização do presente relatório vê-se composta por quatro partes: a primeira sendo o enquadramento teórico (I); a segunda os temas a abordar na Unidade

Didática com os alunos (II); a terceira o contexto escolar (III); e por fim a Unidade Didática (IV). Seguindo-se a conclusão e as referências bibliográficas.

A primeira parte aborda o enquadramento teórico, onde se aborda as bases para a fundamentação do projeto e os temas fulcrais do mesmo.

Na segunda parte apresenta-se os temas a abordar com os alunos na Unidade Didática. Expõe-se as várias áreas trabalhadas e desenvolvidas. Na terceira parte apresenta-se a caracterização do contexto escolar em que o projeto foi implementado e trabalhado.

Na quarta e parte deste documento elabora-se a planificação e intervenção ocorridas no contexto do projeto criado e desenvolvido com e para a turma do 12º ano de Artes Visuais, da Escola Leal da Câmara. Na quinta parte descreve-se os critérios e instrumentos de avaliação e os resultados da prática, obtidos pelos alunos. Finaliza-se com a sexta parte, a conclusão que reflete os resultados obtidos, a avaliação do projeto e as considerações finais, visando concluir através dos comentários dos alunos se os objetivos estipulados se viram cumpridos com a presente investigação.

## **I. Enquadramento teórico**

### **1.1 Aprendizagem Significativa**

Para David Ausubel (1918-2008), o processo da aprendizagem significativa consiste na expressão de ideias relacionadas não arbitrariamente e substantivas ao que o aprendiz já sabe, especificamente a alguns aspetos relevantes já existentes na sua estrutura cognitiva. <sup>1</sup> A aprendizagem significativa é o acontecimento em que novas ideias se relacionam inconscientemente com ideias pré-existentes numa relação lógica e explícita em que o aluno utiliza várias redes do seu conhecimento associando aos novos conceitos e os mesmos consequentemente alterarem os conhecimentos anteriormente adquiridos, expandindo assim a sua estrutura cognitiva e linhas de pensamento. Quando existe aprendizagem significativa, o aluno será capaz de relacionar não arbitrariamente os conceitos que lhe são introduzidos com os existentes posteriormente. De acordo com

---

<sup>1</sup> Retirado e traduzido de Education Psychology: A Cognitive View de David Ausubel, pág. 37 e 38.

a teoria de Ausubel, o professor age como facilitador e o processo de aprendizagem ocorre com o aluno, do aluno e para o aluno. O mesmo deve encontrar a pertinência no conteúdo lecionado, através do estudo individualizado, exercitando a mobilidade na aprendizagem e a estruturação do conhecimento. Há, portanto, a aquisição, o armazenamento e a organização das suas ideias.

O autor Cristiano Cordeiro Cruz reflete nas considerações técnicas indicadas por David Ausubel, facilitadoras para o aprendiz, a saber:

Não sobrecarregar o aluno com informações excessivamente detalhas ou pormenorizadas, que pouco ou nada contribuam para a promoção da aprendizagem significativa da essência do conteúdo que se pretende transmitir; Organizar da forma mais lógica “a elaboração, a sequenciação, o relacionamento e a ordem de apresentação dos diversos materiais e da aula expositiva”; Avaliar a melhor estratégia pedagógica e adaptar-se “em função daquilo que o aluno já sabe (as ideias âncoras que possui)” e do que irá reter em relação a um determinado conteúdo; Orientar no ensino de um material desconhecido até à data, “preocupando-se em formar ideias de esteio firmes e amplas” de forma a evitar perdas oriundas e fenómenos como a obliteração. Estes aspetos dizem respeito à “manipulação cognitiva do aluno” e a técnicas facilitadoras de assimilação de novos conceitos, denominado genericamente de “facilitação pedagógica”. Sendo estas técnicas os fatores substantivos, onde se seleciona e filtra a matéria a lecionar de modo a evitar sobrecarregar o aluno com informação menos útil; Diferenciação progressiva, onde há uma esquematização de conceitos do mais generalista para o mais específico, deste modo ajudar a criar um mapa conceptual na estrutura de pensamento do aluno, simplificando o raciocínio. Como exemplo aplicado à Unidade Didática planeada, apresenta-se o seguinte mapa:

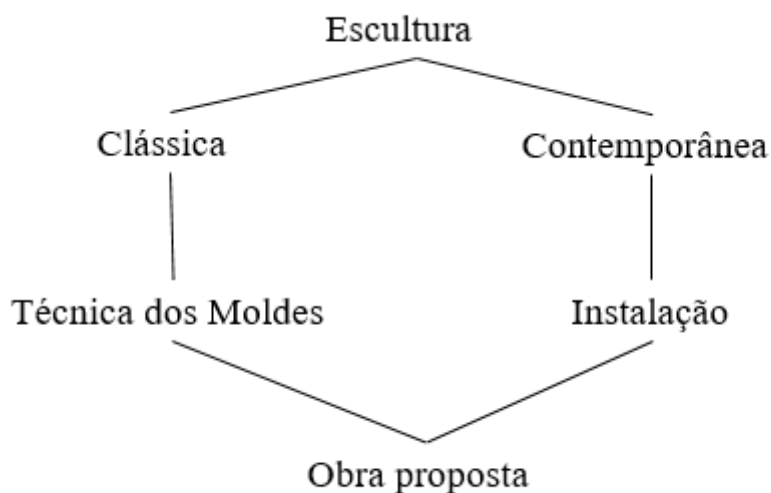


Figura 1. Mapa conceitual da Unidade Didática. Fonte: própria.

No que diz respeito à técnica da Reconciliação integrativa, esta preocupa Ausubel na forma em como os conceitos apresentados se relacionam entre si e de que modo os alunos irão formular essas associações, havendo um cuidado no delineamento explícito de relações entre ideias em que na apresentação de vários tópicos pertencentes ao mesmo conteúdo “deve-se explicitar eventuais relações existentes” entre os mesmos, visto que parte da aprendizagem só se efetuará caso estas relações sejam entendidas. Na avaliação determina-se o grau de alcance dos assuntos abordados. Por isso, devemos “avaliar os principais objetivos” entendidos para a aprendizagem ser plena; Se se tratou de uma “experiência útil para a aprendizagem dos alunos” e a capacidade de transmitir ao professor “informações a respeito da eficácia dos materiais e dos métodos” utilizados pelo mesmo. Um ponto importante e adotado nesta Unidade Didática será a reflexão no final de cada módulo, a fim de verificar o que foi retido pelo aluno, que dificuldades encarou e o seu grau de motivação. Por último, nos Organizadores prévios que segundo Faria (1989) são “materiais introdutórios destinados a facilitar a aprendizagem de tópicos específicos ou um conjunto de ideias consistentemente relacionadas entre si”. Cristiano acrescenta que a finalidade de um organizador prévio é promover ideias âncora, evidenciando-as na estrutura cognitiva do aluno, de modo a potencializar ao estudante uma aprendizagem significativa.

Citando David Ausubel: “It is also true that already meaningful component elements of a rote learning task can be related to cognitive structure in ways that do not involve any

learning of the elements themselves but nevertheless facilitate the rote learning of the task as a whole.”<sup>2</sup>

Com tal citação, aplicada ao presente projeto, ao ensinarmos a técnica dos moldes em alginato aos alunos não significa que tenhamos de ensinar a origem do gesso e os seus componentes ou do alginato, mas como processo o aluno aprendeu a técnica e expandirá as suas possibilidades artísticas e criativas, facilitando o processo de aprendizagem.

Mais um exemplo prático aplicado à Unidade Didática planeada visando facilitação pedagógica, para introduzir o conceito de moldes, associou-se primeiro o uso de moldes em objetos com que os alunos convivem diariamente. Deram-se exemplos explícitos de objetos cujo seu fabrico é produzido através de moldes de forma a haver uma associação de utilidade e técnica com objetos já conhecidos e utilizados pelos alunos como por exemplo garrafas de plástico, calçado, massa, sanitas, etc. Desta forma ao associarem o método a parte do seu quotidiano haverá uma compreensão aprimorada e conseqüentemente uma alteração nas suas noções anteriores. Há, desta forma, um olhar diferente para o seu quotidiano e uma reflexão em como os objetos são fabricados.

Outro exemplo concreto foi a introdução do conceito instalação colaborativa, para qual os alunos teriam de possuir como pré-requisitos as noções de escultura, instalação e colaboração. O facto de haver uma união de dois conceitos pré-concebidos, acabará por alterar os mesmos, onde existe uma ampliação das noções âncora, alastrando possibilidades artísticas, criativas e colaboradoras.

“El alumno debe reordenar la información, integrarla com la estrutura cognoscitiva existente, y reorganizar o transformar la combinación integrada de manera que se produzca el produto final deseado o se descubra la relación entre médios y fines que hacía falta.”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Retirado de Education Psychology: A Cognitive View de David Ausubel, pág. 41.

<sup>3</sup> Retirado de Ausubel, D., Novak, J. y Hanesian, H. (1983). Psicología educativa un punto de vista cognoscitivo.



## 1.2 Aprendizagem Colaborativa

Como o próprio termo indica, o propósito é a aprendizagem acontecer em conjunto. Tânia Graça cita Torres e Irala: “espera-se que ocorra a aprendizagem como efeito colateral de uma interação entre pares que trabalham em sistema de interdependência na resolução de problemas ou na realização de uma tarefa proposta pelo professor, levando a uma aprendizagem mais eficiente, em vez de competitiva e isolada.” Acrescenta ainda a “ideia de uma construção coletiva na busca de novos conhecimentos, que por sua vez advêm da interação entre os indivíduos.” Os alunos têm a mesma responsabilidade no projeto e completam ou desenvolvem as ideias uns dos outros de uma forma de aprender “dinâmica, criativa, ativa e encorajadora”.<sup>4</sup> Há uma união num “contrato didático” para um objetivo comum onde o comprometimento mútuo é a chave para o sucesso partilhado igualmente por todos. Apesar de a tarefa implicar a criação de um produto, o processo é o ponto fulcral deste modo de aprendizagem, em que há uma “união de esforço intelectual” Smith e Macgregor (1992) citados também pela mesma autora.

O fomentar o contacto intelectual dos alunos e influenciá-los a partilhar ideias, pensamentos e preferências promove o desenvolvimento de aptidões sociais e comunicativas que no futuro profissional dos alunos, poderá influenciar positivamente o seu percurso, como a capacidade de se expressar, de perder o medo de errar ou de dizer algo incorreto, partilhar estratégias e corrigir os colegas. A mesma autora cita Wiersema (2000) que afirma “se os alunos aprenderem a trabalhar juntos na sala de aula, terão a chance de se tornarem melhores cidadãos, pela facilidade de interagir com pessoas com pontos de vista diferentes dos seus”. A participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, a construção coletiva de conhecimento emergente da troca entre grupos, as suas reflexões e a flexibilização dos papéis no processo de comunicação levam a uma maior aceitação da diversidade e da diferença. Contribuindo também para uma autonomia pedagógica e a um sentido de responsabilidade livre. Estes aspetos vão de acordo com a teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky (1896-1934) que Moreira (1999) explica a teoria como “a distância entre o nível de desenvolvimento cognitivo real do individuo, tal como medido por sua capacidade de

---

<sup>4</sup> Retirado de A aprendizagem colaborativa no contexto do ensino-aprendizagem de português língua estrangeira, Tânia Graça, 2016.

resolver problemas independentemente, e o seu nível de desenvolvimento potencial, tal como medido através da solução de problemas sob orientação (de um adulto, no caso de uma criança) ou em colaboração com companheiros capazes. É, portanto, a teoria que diz que a qualidade das circunstâncias onde o ensino ocorre pode influenciar a eficácia do mesmo. Exemplificando, com apoio, os alunos serão capazes de esclarecer dúvidas sobre o funcionamento de materiais, logística, montagem, etc.

Citando Pierre Dillenbourg: “The words “collaborative learning” describe a situation in which particular forms of interaction among people are expected to occur, which would trigger learning mechanisms, but there is no guarantee that the expected interactions will actually occur. Hence, a general concern is to develop ways to increase the probability that some types of interactions occur” e esses cuidados são: as condições iniciais, como o número de membros do grupo, se será misto ou não, se é benéfico cruzar alunos cujas personalidades chocam. Outros cuidados iniciais a ter em conta são as tarefas a impingir aos alunos, se a aprendizagem colaborativa será eficaz com a adoção destas medidas. É precisamente este ponto que iremos investigar nesta Unidade Didática. Após observarmos os alunos durante meses, é notório o frequente uso do sarcasmo, interações menos apropriadas e a divisão da turma em grupos menores, existindo a falta de união num todo. O que se pretende verificar com esta Unidade é se a o envolver os respetivos turnos num trabalho reflexivo e de tomada de decisões como este, onde gostos e ideias se cruzam, trabalhar no diálogo e melhorar a capacidade argumentativa, respeitando os colegas e as suas ideias ajuda e resulta na chegada a um consenso. Este tipo de aprendizagem permite aos alunos defenderem e justificarem as suas ideias e aceitar melhor as perspetivas dos colegas, havendo um desenvolvimento da comunicação, argumentação e negociação. A aprendizagem é uma consequência da atividade de resolução de problemas em conjunto<sup>5</sup> onde o aluno ao entender as discrepâncias respeitando a sabedoria do colega aumenta a noção da sua própria sabedoria <sup>6</sup>.

“O professor retém um papel no sucesso da aprendizagem colaborativa. Este papel é mais importante à medida que o número de membros do grupo aumenta. (...) Este papel tem a denominação de “facilitador” pois o propósito não é fornecer a resposta correta ou conceder razão a um dos membros do grupo, mas de intervir minimalmente num teor

---

<sup>5</sup> Retirado e traduzido de What do you mean by collaborative learning? Pierre Dillenbourg 1999 pág 4

<sup>6</sup> Retirado e traduzido de What do you mean by collaborative learning? Pierre Dillenbourg 1999 pág 12.

pedagógico (por exemplo fornecer uma sugestão)” de modo a redirecionar o grupo de trabalho num caminho produtivo e monitorizar que membros do grupo estão excluídos da interação.<sup>7</sup> O professor age como investigador e mediador, ultrapassando o seu papel de superioridade intelectual, tornando-se num avaliador passivo das intervenções dos alunos e um observador do seu processo criativo conjunto. Não controlando nem determinando o ritmo da aula, deixando os alunos responsáveis pelo seu processo criativo ativo.

Pode afirmar-se, portanto, que a colaboração pedagógica é uma situação onde ocorrem interações colaborativas como a “interatividade, sincronização e negociabilidade”<sup>8</sup>.

Dillenbourg afirma ainda que a teoria de aprendizagem colaborativa envolve quatro itens: critérios que definam a situação, as interações, os processos e os efeitos. A base para entender a aprendizagem colaborativa como conceito é precisamente a relação entre os quatro itens. Relação essa explicada pelo autor numa relação bidirecional entre a situação e as interações, onde a situação define as condições em que há probabilidade das interações ocorrerem, por outro lado, as situações podem ser denominadas de colaborativas devido às interações com essa característica ocorridas entre os membros do grupo.

A segunda relação bidirecional ocorre entre as interações e os processos, pois é necessário referir o processo cognitivo para podermos definir uma função da interação para além de termos técnicos e simplificados.

A terceira e última relação ocorre entre os processos e os efeitos deste tipo de aprendizagem. Como princípio, os processos geram os efeitos, contudo, alguns efeitos são expressados em termos de processos de grupo, como a habilidade de trabalhar em conjunto.

---

<sup>7</sup> Retirado e traduzido de What do you mean by collaborative learning? Pierre Dillenbourg 1999 pág 6.

<sup>8</sup> Retirado e traduzido de What do you mean by collaborative learning? Pierre Dillenbourg 1999 pág 8.

### **1.3 Importância do Ensino da Escultura**

O ensino da arte tridimensional traz vastos benefícios para o desenvolvimento crítico, físico e criativo do aluno. Ao aprender escultura exercita dois dos sentidos mais importantes para fazer arte: visão e tato. Através da observação e tato o aluno está a estudar volume, contorno da forma, movimento, contraste, ritmo, proporção, estruturação, base, textura, tratamento de superfícies e a luminosidade. Acima de tudo, a sua capacidade de visualizar no espaço é melhorada. Este tipo de estudo traduz-se no quotidiano na forma em como observa o mundo que o rodeia. A sua ligação com o mundo tridimensional é fortalecida e concede uma maior sensibilidade à Natureza e aos feitos dos Homens, no sentido em que há uma compreensão e uma capacidade de análise à forma do corpo humano, dos objetos orgânicos, da função dos mesmos e da sua harmonia tridimensional. Fatores como estes oferecem também um sentido crítico à poluição visual, à qualidade de design e à relação entre forma e função, levando à noção de capacidade de alterar ou melhorar o ambiente envolvente.

Pouca escultura se pode considerar espontânea pois requer planeamento. A paciência e a disciplina são colocadas à prova no sentido em que o aluno entende que precisa de trabalhar muito se quer de facto ver a sua peça de arte ganhar vida.

As suas habilidades artísticas, técnicas e criativas são trabalhadas na medida em que há uma relação direta entre a sua vontade, a sua imaginação e o seu sentido crítico. Há uma liberdade e uma responsabilidade que se unem e se focam no propósito da arte. A exploração de materiais traz um conhecimento técnico e estimulante na criatividade, ou seja, quanto mais o aluno explora materiais, mais estimula a sua criatividade e imaginação.

Outro aspeto extremamente relevante é a capacidade de resolução de problemas que é testada constantemente e revela-se útil mais tarde na vida profissional futura do aluno. Se há algo que se aprende em escultura é que nem sempre o planeado é eficaz e a procura de alternativas e o tentar novamente ajudam o aluno a fortalecer o seu processo criativo e técnico. A sua independência artística traz uma busca pessoal por respostas, uma definição do seu processo de construção, o que conduz a uma melhor expressão.

Junto com tudo isto, acresce a pressão de cumprir prazos e objetivos o que ajuda o aluno não só a gerir melhor o seu tempo e os seus meios como também a ser mais responsável, outro aspeto crucial na vida profissional futura. A escultura é associada a um processo pouco imediato em que o aluno inicia o mesmo com um conceito ou ideia, prosseguindo para o estudo de várias possibilidades, no esboço antes da construção, na seleção de materiais e métodos, na planificação e na realização/montagem da peça. Todo este processo é composto por alterações e imprevistos.

A sua ligação com a cultura sofre mudanças no sentido em que há agora uma maior valorização pela arte e pelo património pois agora o aluno entende o processo por trás e o trabalho englobado na materialização da arte. Como artista e como observador, o aluno consome a cultura de outra forma, mais intimista e consciencializado.

A escultura abre portas para outras variantes artísticas que não as tradicionais de modelar em barro, esculpir em pedra ou ferro. A escultura pode dar a conhecer, como nos deu durante o percurso académico, a Conservação e Restauro, uma área nobre elucidante da importância da conservação do património, abordando e estudando características patológicas e uma oportunidade de fazer parte da história da arte ao recuperar obras danificadas. E o nosso país, riquíssimo em história, muita arte tem para restaurar. Esta Unidade Didática foi planeada não só, mas com o intuito de dar a conhecer esta área aos alunos para que possam considerar esta via artística nas suas carreiras.

A expressão através da escultura é a recompensa de todo o esforço. O aluno ver-se no seu trabalho trá-lo a um mundo onde a sua imaginação não tem limites e estabelece mais confiança e noção de si próprio quando efetivamente vê o seu trabalho completo, numa sensação de objetivo cumprido em direção a uma melhor definição da sua estética. O processo e produto da sua autoexpressão pode levar o aluno a descobrir características em si que desconhecia através de uma introspeção sobre o que pensa sobre algo, alguém, sobre o mundo e o que gosta ou não gosta. Pode levá-lo a pensar sobre aspetos reveladores da sua personalidade. A escultura é, portanto, a fusão entre a identidade e a cultura.

## 1.4 Mãos como tema artístico

Através de vários exemplos concretos de arte pré-histórica, conseguimos concluir que a mão foi um dos, senão o primeiro ponto central da arte, não apenas como a ferramenta principal da criação, mas como representatividade do desenvolvimento artístico e cultural do homem ao longo do tempo. Como afirma Samuel Ferreira (2016) “a mão materializa as ideias (...) a capacidade de trabalhar com as mãos, combinada com a curiosidade fizeram do Homem um inventor ativo.” Acrescenta mais tarde que “enquanto parte dinâmica do corpo, é não só um órgão de desempenho, mas também um órgão de percepção.”<sup>9</sup> Neste segmento apresenta-se uma sequência de imagens com peças de arte com a mão como tema central ou envolvente das mesmas.

Um dos exemplos das mãos como tema artístico no paleolítico situa-se na Argentina, na Cueva de las Manos e de acordo com a UNESCO, foram criadas há 13.000 anos atrás e as mais recentes datam 9000 anos de existência.



*Figura 2. Fotografia da Cueva de las Manos, Argentina. 11000 AC. Fonte disponível no índice de figuras.*

Endereço da imagem: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f4/SantaCruz-CuevaManos-P2210651b.jpg>

---

<sup>9</sup> Retirado de A mão, técnica como pensamento de Samuel António Frazão Ferreira, 2016.

Mais um exemplo de arte paleolítica, viajamos desta vez para os Midi Pyrénées, para a Gargas Cave, onde encontramos uma mão em negativo elaborada com uma espécie de tinta feita de carvão, datada com 30000 anos de existência.



*Figura 3. Impressão de mão a negativo. Gargas Cave, Pirinéus. Fonte disponível no índice de figuras.*

Endereço: <http://www.scielo.br/img/fbpe/aob/v10n3/14336f1.jpg>



Mais antigo ainda, há 40000 anos atrás, nas grutas de Sulawesi, uma ilha na Indonésia, encontramos a impressão de uma mão, sugerindo que a mão de facto se tratou dos primeiros impulsos artísticos do Homo Sapiens.



*Figura 4. Grutas Selawesi, 40000 de idade. Fonte: National Geographic*

Endereço

<https://www.nationalgeographic.com/content/dam/news/photos/000/844/84472.jpg>



Como exemplo na época egípcia, apresenta-se a “Royal Hand” elaborada em pedra calcária em baixo relevo com alguns vestígios de tinta. Pertencente ao período Amarna.



*Figura 5. "A Royal Hand" Egito, 18ª dinastia, Reino de Akhenaten. 1349-1336 AC. Fonte: Metropolitan Museum of Art.*

Endereço [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_1985.328.1.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_1985.328.1.jpg)

Segue-se a Grécia Antiga com esta escultura de Myro, originalmente elaborada em bronze mas provavelmente derretida, observamos a cópia italiana em mármore. Um dos primeiros exemplos demonstrativos de movimento na escultura, atendendo aos cânones de proporção característicos desse tempo<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Retirado, traduzido e adaptado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-78522002000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522002000300003)



Figura 6. "Diskobolos" de Myro. Grécia, 450 AC. Fonte disponível no índice de figuras.

Endereço <https://s3-us-west-2.amazonaws.com/courses-images/wp-content/uploads/sites/1849/2017/05/31155739/cobolus-lancelotti-massimo.jpeg>

Outro exemplo grego de uma campá de uma menina a segurar carinhosamente as suas pombas de estimação, uma delas a comer da sua boca e olhar da menina voltado para baixo, como que a despedir-se dos seus animais. O facto de pombas estarem presentes

também pode estar relacionado com o além.



Figura 7. The Grave Stele of a Little Girl. Grécia, 450–440 AC. Fonte Metropolitan Museum of Art.

Endereço [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_27.45.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_27.45.jpg)

Prosseguindo historicamente para a época medieval, onde obtemos a ilustração do livro “Book of the Gospels of Otto III” onde observamos Jesus prestes a lavar os pés dos seus



apóstolos num ato de humildade. Note-se o braço direito alongado de Jesus, indicando bênção.<sup>11</sup> Este é um episódio bíblico que podemos encontrar em João 13:1-17.



Figura 8. "Christ washes the feet of the apostles", incluído no "Book of the Gospels of Otto" Munique, 4453. Fonte disponível no índice de figuras.

Endereço: <https://d32dm0rphc51dk.cloudfront.net/9r9R3WUEfDYEZC2dZdLzJA/large.jpg>

Ao representar mãos humanas, a tridimensionalidade desta escultura de pedra em ballgame contrasta com a forma mais comum, achatada e pontiaguda, que dá ao hacha ("machado" em espanhol) o seu nome. O artista utilizou linhas incisivas para delinear a anatomia das mãos e depressões esculpidas para representar as unhas. As mãos surgem

---

<sup>11</sup> Retirado e traduzido de A World History of Art. Capítulo 9.

com os punhos bem apertados e colocadas de trás para a frente. As mãos sugerem estar atadas como as de uma vítima cativa ou sacrificial, relacionando este objeto com o tema do sacrifício que predomina na escultura de ballgame da região de El Tajín.<sup>12</sup>



Figura 9. "Hand Hacha". Entre séc 4 e séc 7. Mexico, Veracruz. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço: [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_1979.206.1042.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_1979.206.1042.jpg)

Esta escultura do século 12 retrata a forma de dezasseis braços da deusa Durga como a assassina do demônio búfalo Mahisha. O conjunto de braços, cada um exibindo uma

---

<sup>12</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1979.206.1042/>

arma, cria uma energia cinética na peça. Trata-se de uma obra pequena com apenas 13.5 cm de altura; 8.9 cm de comprimento; 4.4 cm de diâmetro.<sup>13</sup>



Figura 10. "The Goddess Durga Killing the Buffalo Demon, Mahisha (Mahishasuramardini)" Pala period, Bangladesh ou Índia, séc 12. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço: [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_1993.7.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_1993.7.jpg)

Este esboço encontra-se na Biblioteca Real do Castelo de Windsor, exemplifica a intensa atenção de Leonardo da Vinci, fascinado com a correção anatômica e os efeitos

---

<sup>13</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1993.7/>



da luz e da sombra.<sup>14</sup> Revolucionário do Renascimento ao estudar o corpo humano de um ponto de vista científico e artístico.



Figura 11. “Study of Hands” Leonardo da Vinci, cerca de 1474.

Endereço:[https://lh3.googleusercontent.com/-HlLea5PuNwo/VDd\\_RmosUWI/AAAAAAAAADm4/ONXt9OTZeJM/w429-h612-no/Hands\\_Leonardo\\_%28Windsor\\_Castle%29.jpg](https://lh3.googleusercontent.com/-HlLea5PuNwo/VDd_RmosUWI/AAAAAAAAADm4/ONXt9OTZeJM/w429-h612-no/Hands_Leonardo_%28Windsor_Castle%29.jpg)

No início do século 16, Albrecht Dürer criou a caneta e o desenho a tinta que conhecemos como “Praying Hands”, ou *Betende Hände* em alemão. O desenho é em

---

<sup>14</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <https://www.thoughtco.com/leonardo-da-vincis-study-of-hands-183299>



papel azul que Dürer fez. Acredita-se tratar-se de um estudo para um altar comissionado por Jakob Heller.<sup>15</sup>



Figura 12. "Praying Hands". Albrecht Dürer, 1508. Fonte disponível no índice de figuras.

Endereço:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/63/Albrecht\\_D%C3%BCrer\\_-\\_Praying\\_Hands%2C\\_1508\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg/300px-Albrecht\\_D%C3%BCrer\\_-\\_Praying\\_Hands%2C\\_1508\\_-\\_Google\\_Art\\_Project.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/63/Albrecht_D%C3%BCrer_-_Praying_Hands%2C_1508_-_Google_Art_Project.jpg/300px-Albrecht_D%C3%BCrer_-_Praying_Hands%2C_1508_-_Google_Art_Project.jpg)

Neste detalhe da Criação de Adão de Michelangelo, provavelmente as mãos mais famosas da história da arte ocidental, o braço direito de Deus, estendido para transmitir

---

<sup>15</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <http://www.albrechtdurer.org/praying-hands/>

a vida do seu próprio dedo para o de Adão, cujo braço esquerdo se encontra estendido numa pose espelhando o de Deus, um lembrete de que o homem é criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26). Outro ponto é que o dedo de Adão e o dedo de Deus não se tocam. Tal pormenor sugere que Deus, o doador da vida, está alcançando Adão que ainda não o recebeu.<sup>16</sup>



*Figura 13. “A Criação de Adão”, Michelangelo — detalhe, cerca de 1512, Capela Sistina, Cidade do Vaticano.*

Endereço: [https://lh6.googleusercontent.com/-G2E0ES0suxU/VDeGM2LwMcl/AAAAAAAAADp4/7gxRgKf08Es/w816-h612-no/The\\_Creation\\_Michelangelo.jpg](https://lh6.googleusercontent.com/-G2E0ES0suxU/VDeGM2LwMcl/AAAAAAAAADp4/7gxRgKf08Es/w816-h612-no/The_Creation_Michelangelo.jpg)

Caravaggio retrata o episódio bíblico em que Tomé tem de ver para acreditar que Jesus regressou. O evangelho de João é claro para afirmar que Tomé precisava não só de ver,

---

<sup>16</sup> Retirado, traduzido e adaptado de [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Creation\\_of\\_Adam](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Creation_of_Adam)

mas também tocar as feridas de Cristo a fim de crer na sua ressurreição. Caravaggio, pintando (em 1600) rompendo a harmonia do classicismo da Renascença e traz à pintura o naturalismo realista. A mão rude de Tomé é anatomicamente perfeita e mostra-se suja sob a unha do polegar.<sup>17</sup>

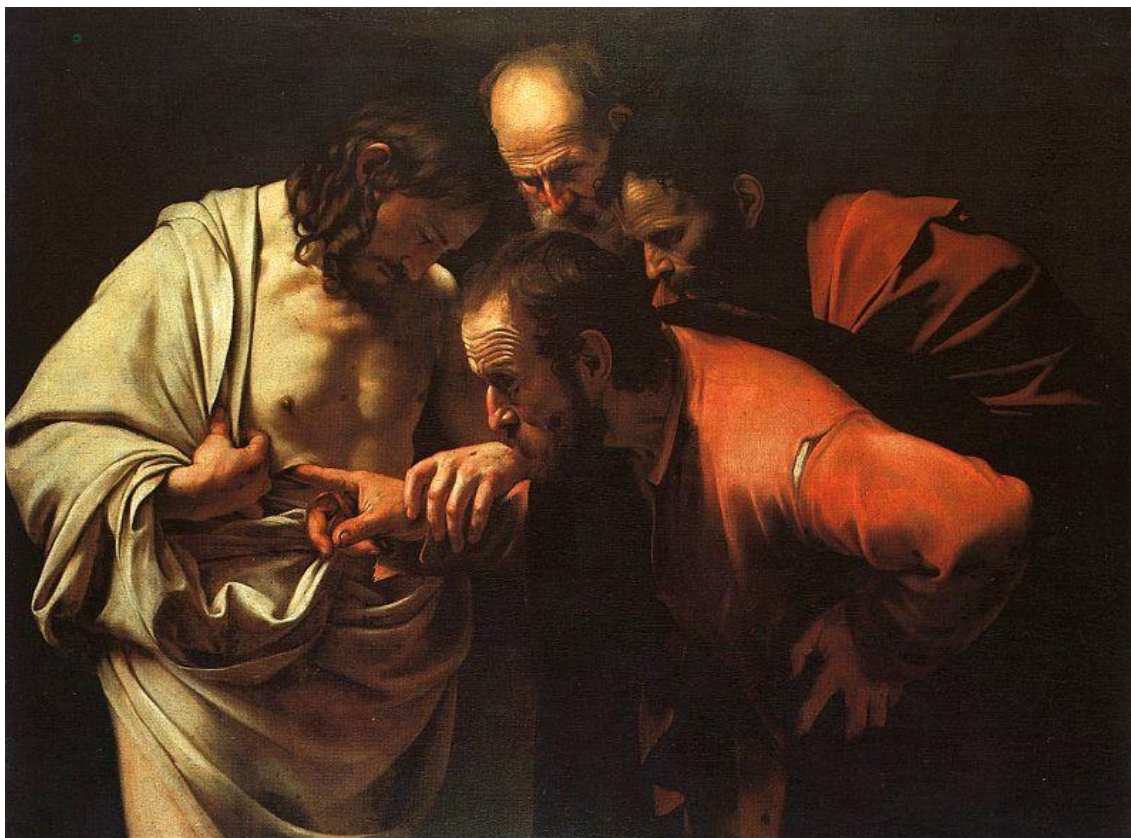


Figura 14. "Incredulità di San Tommaso" Caravaggio. 1601–1602. Fonte disponível no índice de figuras.

Endereço: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Caravaggio -  
The Incredulity of Saint Thomas.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Caravaggio_-_The_Incredulity_of_Saint_Thomas.jpg)

---

<sup>17</sup> Retirado, traduzido e adaptado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-78522002000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522002000300003)



Só descoberta em meados do século XX, esta pintura de Georges de la Tour é uma “sinfonia de mãos” <sup>18</sup> capta o momento em que um jovem rico, distraído por ter a sua sina lida por uma idosa vidente, é assaltado pelas suas cúmplices, <sup>19</sup> uma delas colocando a mão no bolso e outra roubando a sua joia.



Figura 15. "The Fortune Teller" Georges de la Tour. Possivelmente 1630s. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço: [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_60.30.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_60.30.jpg)

---

<sup>18</sup> Citando Alice Schwarz na sua peça sobre mãos

<https://www.metmuseum.org/connections/hands#/Feature/>

<sup>19</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/60.30/>

A obra deste pintor americano retrata o pai escritor, que se observarmos atentamente as mãos, conseguimos denotar as manchas da velhice, traços de artrite <sup>20</sup> com um realismo notável.

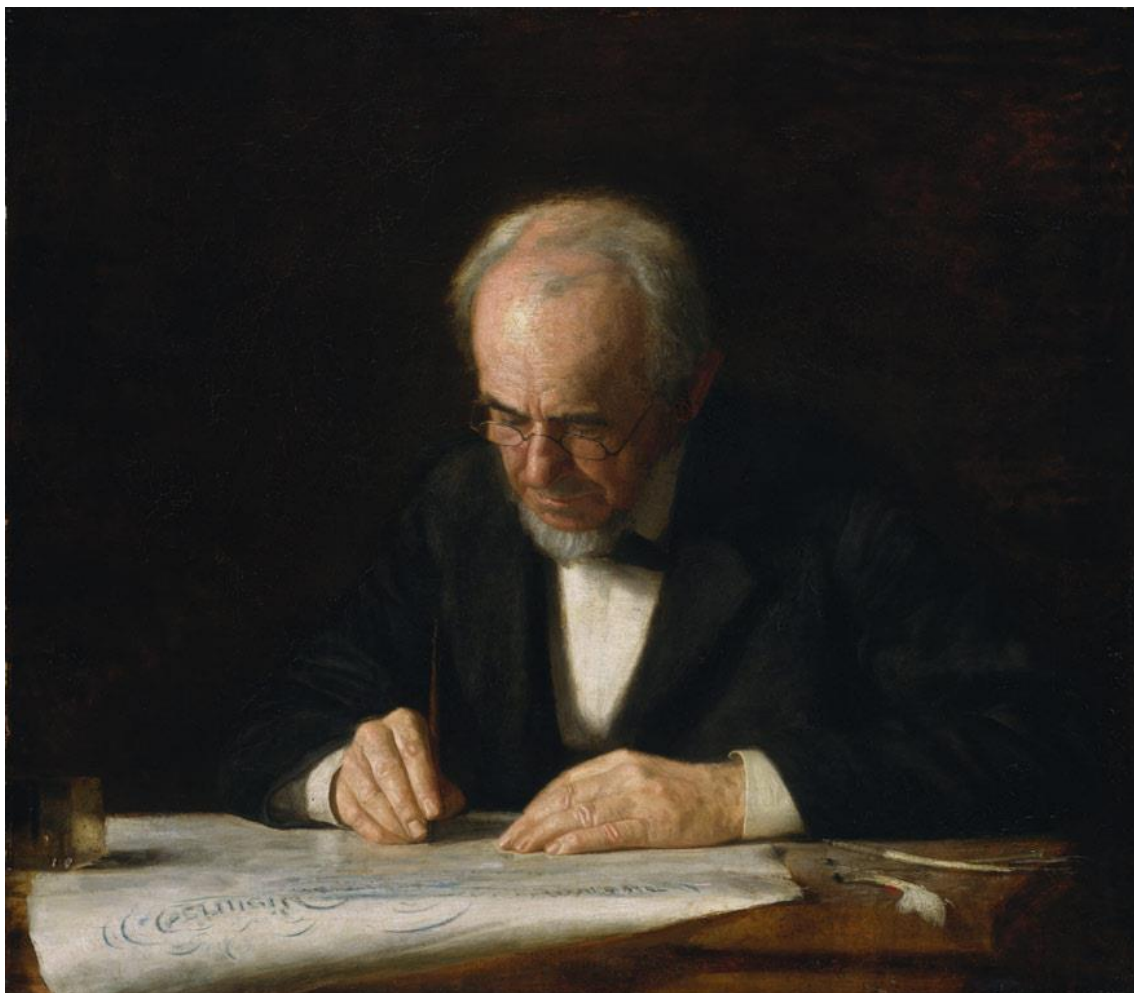


Figura 16. "The Writing Master". Thomas Eakins, 1882. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço: [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_17.173.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_17.173.jpg)

---

<sup>20</sup> Citando Alice Schwarz na sua peça sobre mãos em <https://www.metmuseum.org/connections/hands#/Feature/>

“Sócrates, na prisão, acabando de anunciar o seu suicídio por via de ingestão de veneno, com a sua mão esquerda apontando para os céus, talvez uma referência do local onde se dirige, mas para mim é uma anunciação de algo que necessita exprimir. Se observarmos os seus estudantes, há mãos a tapar ouvidos como se não se quisesse ouvir a verdade. Observamos uma mão meio que contorcida quase a tocar no joelho de Sócrates. Possivelmente o mais solene é Platão à esquerda, com as suas mãos levemente pousadas uma em cima da outra. E lá ao fundo no corredor, observamos uma figura feminina, que se trata da mulher de Sócrates, com a sua mão levantada, como que num gesto de despedida.”<sup>21</sup>



Figura 17. "The Death of Socrates" Jacques-Louis David. 1787. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço: [https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_31.45.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_31.45.jpg)

---

<sup>21</sup> Traduzido e adaptado da peça de Alie Schwarz sobre mãos em <https://www.metmuseum.org/connections/hands#/Feature/>



Segue-se um dos muitos exemplos disponíveis de Auguste Rodin (1840 -1917), com a peça intitulada “A Mão de Deus” com 94 cm de altura; 82.5 cm de comprimento e 54.9 cm de diâmetro. “Uma grande mão direita, ela própria emergindo de um bloco de mármore muito áspero, segura um torrão de terra no qual duas figuras emergentes em luta, Adão e Eva, foram modeladas. A mão do Criador original é também a do escultor.”

22



Figura 18. “The Hand of God”. Auguste Rodin, modelado em 1896, transferido para mármore em 1907. Fonte: Metropolitan Museum of Art

Endereço:

[https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2\\_08.210\\_v001.jpg](https://www.metmuseum.org/connections/images/c2/c2_08.210_v001.jpg)

---

<sup>22</sup> Retirado, traduzido e adaptado de <http://www.musee-rodin.fr/en/collections/sculptures/hand-god>

Maurits Cornelis Escher (1898-1972) é um dos artistas gráficos mais famosos do mundo. Nesta peça, observamos um diálogo entre a arte e o artista, uma obra introspetiva e sobrenatural, condizente com o estilo de Escher. Um “questionamento da arte ocidental, da sua história e da sua natureza e a mão faz inevitavelmente parte dessa reflexão”<sup>23</sup>

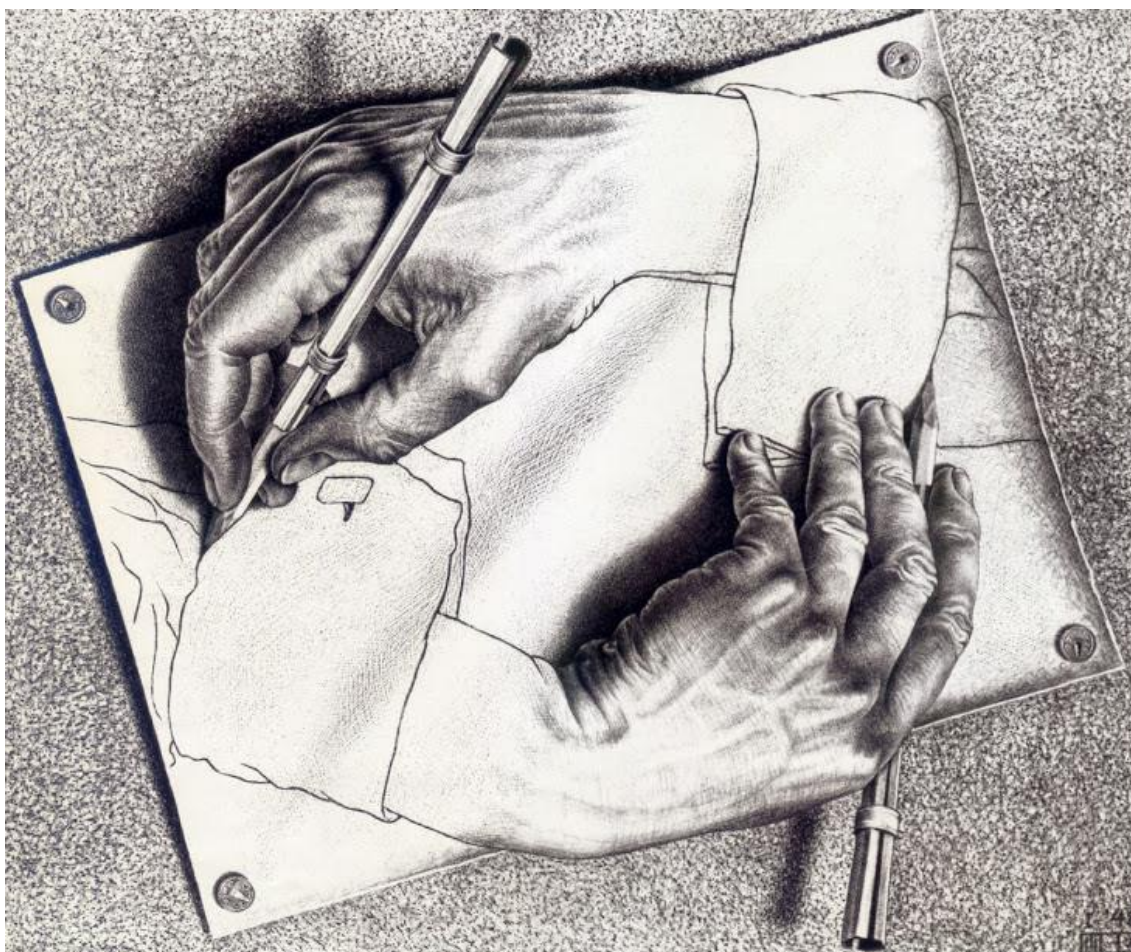


Figura 19. "Drawing Hands". M.C. Escher, 1948.

Endereço: [https://lh6.googleusercontent.com/-Wf6t-gsEe6k/VDd\\_VGYgE7I/AAAAAAAAADoA/sahomVPlcy0/w732-h612-no/drawing-hands.jpg](https://lh6.googleusercontent.com/-Wf6t-gsEe6k/VDd_VGYgE7I/AAAAAAAAADoA/sahomVPlcy0/w732-h612-no/drawing-hands.jpg)

---

<sup>23</sup> Retirado, traduzido e adaptado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-78522002000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522002000300003)



De uma forma cíclica, terminamos por onde começamos. Com o trabalho de 2010 da designer Sally Morgan. Após toda esta viagem, “o impulso pré-histórico de deixar a impressão da nossa palma permanece connosco.”



Figura 20. "Hand Print". Sally Morgan, 2010.

endereço: [https://lh5.googleusercontent.com/-IBSMxCNF\\_gw/VDd\\_WZkmwcl/AAAAAAAAADpg/Kk5f7Hlr6PI/w590-h612-no/hand-print-for-print1.jpg](https://lh5.googleusercontent.com/-IBSMxCNF_gw/VDd_WZkmwcl/AAAAAAAAADpg/Kk5f7Hlr6PI/w590-h612-no/hand-print-for-print1.jpg)

## 1.5 Moldes como técnica artística

“O molde é uma peça, geralmente oca, que quando enchida por um material, tal como o gesso, serve para reproduzir um ou mais objetos idênticos. O molde é a impressão em negativo de uma peça original (...)”<sup>24</sup> “(...) a presença da ausência da forma, o negativo!”<sup>25</sup>

A técnica dos moldes surgiu na pré-história, nomeadamente utilizada para fabricar “ferramentas, cerâmicas ou na moldagem de fragmentos do corpo” como refere Lúcia Louro ao citar Elisa Lozano <sup>26</sup>

“Acredita-se que os primeiros moldes teriam sido realizados em pedra ou barro; datam do período neolítico e serviram para fabricar telhas, estatuetas e vasilhas em escala reduzida (...). Desde o seu descobrimento que o molde tem como uma das suas principais utilidades a abordagem rápida e realista da morfologia humana. E variadas técnicas de reprodução de um elemento original sobreviveram à história da arte nos últimos dois mil anos.”<sup>27</sup>

Além da sua utilidade como técnica de conservação preventiva em Conservação e Restauro, os moldes em gesso são utilizados como técnica artística.

Como exemplo concreto de artistas praticantes da técnica de moldagem no fabrico de arte, dos mais longínquos e pioneiro na prática “o escultor Andrea del Verrochio (1435-1488) que utilizava o gesso para obter moldes de partes do corpo, que depois de cheios serviam de modelo.”<sup>28</sup>

Talvez dos exemplos mais célebres está Auguste Rodin que efetuava moldes de fragmentos do corpo (umas das características mais predominantes na sua arte era o estudo e exploração da desfragmentação corporal) como nos diz um artigo presente no

---

<sup>24</sup> Retirado de MONTEIRO, Dinora (2016) Moldes de Produção Artística vs Moldes de Conservação e Restauro, Trabalho policopiado para a cadeira de Laboratório de Conservação e Restauro III, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa

<sup>25</sup> FRADE, Marta (2016), “A importância do ensino dos moldes na Reabilitação, Conservação e Restauro de Estuques Decorativos em gesso: técnicas tradicionais e modernas” Revista Matéria Prima Vol. 4 (2): 72-82.

<sup>26</sup> LOZANO, Elisa. El molde en la arte. (2007): Tecnologías y estrategias para la creación artística.

<sup>27</sup> LOURO, Lúcia (2016) Moldes em Conservação e Restauro, Trabalho realizado para a cadeira de Laboratório de Conservação e Restauro III, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

<sup>28</sup> LOURO, Lúcia (2016) Moldes em Conservação e Restauro, Trabalho realizado para a cadeira de Laboratório de Conservação e Restauro III, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

website do seu museu em Paris: “Because it enabled figures or fragments of figures designed earlier to be reproduced and multiplied, then combined differently in new compositions, notably for commercial purposes, casting was a very widespread practice in 19th-century sculptors’ studios. Making a plaster cast was also a technical requirement in the process of casting a bronze or carving a marble. Rodin’s innovativeness resided in the fact that this technique became a systematic part of his creative process.”<sup>29</sup>



*Figura 21. "Study of a Hand" Auguste Rodin, último quarto do século XIX - início do século XX*

Endereço [https://www.metmuseum.org/toah/images/hb/hb\\_12.12.17.jpg](https://www.metmuseum.org/toah/images/hb/hb_12.12.17.jpg)

---

<sup>29</sup> Retirado e adaptado de <http://www.musee-rodin.fr/en/resources/educational-files/multiples-fragments-assemblages> consultado dia 3/3/2020 às 15:44



*Figura 22. "Abattis" Auguste Rodin. Fonte: Musée Rodin.*

Endereço [http://www.musee-rodin.fr/sites/musee/files/resourceSpace/3450\\_635f83216353f8e.jpg](http://www.musee-rodin.fr/sites/musee/files/resourceSpace/3450_635f83216353f8e.jpg)

“Pouco antes da morte de Rodin, o seu assistente, Paul Cruet, pegou num molde da mão do seu mestre e combinou-o com um pequeno tronco feminino de Rodin. Mais um tributo à genialidade do grande escultor do que uma obra de arte, este grupo de gesso era um tesouro da sua mais talentosa estudante americana, a escultora nova-iorquina Malvina Hoffman.”<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Retirado e traduzido de <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/204715>



Figura 23. "The Hand of Rodin" 1917. Fonte: Metropolitan Museum of Art.

Endereço <https://collectionapi.metmuseum.org/api/collection/v1/iiif/204715/1711129/main-image>

Também é possível explorar o interesse de Marcel Duchamp na técnica dos moldes no artigo de Elisa Lozano Chiarlones “La huella de Duchamp. El molde como obra definitiva” das Actas do Congresso Internacional CSO’2010.

É essa mesma técnica que pretendemos transmitir aos alunos nesta Unidade Didática. As suas propriedades de transmissão fiel da forma pretendida e a sua capacidade reprodutiva abrem portas à criatividade e à imaginação no fazer da arte. Uma técnica secular transmitida a alunos do séc. XXI para elaborarem os moldes de uma das suas mãos e usarem essa parte de si mesmos para construírem uma peça artística única em conjunto. “Ensinar este tipo de técnica aos alunos permite, não só a experiencia do manuseamento de um material diferente (que não está contemplado nos programas das disciplinas), como é essencial na transmissão e valorização do património imaterial”<sup>31</sup> “Ao fazerem os moldes, os alunos têm um contacto muito próximo com a arte, quase ao ponto de a saberem de memória. Iniciam um diálogo com a obra de arte. Como refere

---

<sup>31</sup> FRANÇA, Marta Marques (2018) Pés nas representações artísticas, Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Mestrado em Ensino de Artes Visuais, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Fernando Rodrigues, “o diálogo – estratégia de aperfeiçoamento do olhar – é aqui entendido na sua vertente ativa da comunicação, aberta, convivência, relação, ligação” ao ponto de tomar a obra de arte como sua. (Rodrigues, 2011:106)”<sup>32</sup> “O aluno, na realidade em que nos encontramos, precisa de estar munido do saber-fazer. Ganha assim uma consciência do trabalho que outrora os escultores, formadores, estucadores, canteiros, pintores, entre outros, tiveram na concretização e salvaguarda do nosso património”<sup>33</sup>

“Miguel Ângelo afirmava que “o barro era vida, o gesso a morte, o bronze ou o mármore, a ressurreição.” <sup>34</sup>Neste Unidade Didática, pode dizer-se que o gesso é vida. Demonstra e retrata a vida destes alunos, nos tempos contemporâneos, inseridos no meio escolar, juntos como turma, prestes a iniciarem a sua vida profissional.

“Em relação às esculturas perenes, temos as que foram realmente feitas para ser em gesso e assim permaneceram: as cópias de esculturas da antiguidade clássica, que circularam por todo o mundo e os ornamentos arquitetónicos. Atualmente, o gesso é usado como material definitivo na escultura contemporânea”<sup>35</sup>

Os moldes a realizar na presente Unidade Didática serão em alginato, material utilizado também em Conservação e Restauro, maleável e de extrema capacidade de reprodução como a colega Débora Chaves explica:

“O alginato é um material bastante recente na criação de moldes em conservação e restauro. No entanto revelou ser prático e de grande utilidade, graças a sua composição esponjosa facilita o processo de desmoldar uma obra/objeto. A maior advertência deste material é talvez o facto de apodrecer facilmente devido a sua composição de derivados orgânicos (em que o principal componente é o sal de sódio do ácido algínico) pelo que deve manter-se num ambiente húmido para a sua conservação.

Obsv: Este material é tradicionalmente utilizado na medicina odontológica, na criação de moldes dentífricos. No entanto, e apesar de pouco explorado em Portugal, tem vindo

---

<sup>32</sup> FRADE, Marta (2016), “A importância do ensino dos moldes na Reabilitação, Conservação e Restauro de Estuques Decorativos em gesso: técnica tradicionais e modernas” Revista Matéria Prima Vol. 4 (2): 72-82.

<sup>33</sup> FRADE, Marta (2018) Conservação e Restauro de Esculturas em Gesso Valorização, Metodologia, Ensino Volume I. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

<sup>34</sup> TEIXEIRA, Pedro Anjos, (2006) Tecnologias da Escultura, Câmara Municipal de Sintra, Sintra, p.51.

<sup>35</sup> FRADE, Marta (2018) Conservação e Restauro de Esculturas em Gesso Valorização, Metodologia, Ensino Volume I. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

a ser bastante utilizado para criar moldes maioritariamente em gesso de pés e mãos de bebés, famílias, crianças, noivos, etc... como esculturas decorativas/festivas encomendadas a artistas conhecedores e praticantes desta técnica.”<sup>36</sup> Em forma de conclusão, podemos afirmar que este tipo de aprendizagem prática trará benesses aos alunos, como afirma a professora Dra. Marta Frade: “A transmissão de saberes, o manuseamento de ferramentas e o conhecimento de materiais tradicionais no processo de criação/manutenção de moldes proporciona assim um vasto conhecimento. O conhecimento e o reconhecimento da técnica tradicional a par da área de conservação e restauro permitem o encontro do passado com o futuro através do presente.”<sup>37</sup>

## 1.6 Instalação

A instalação é uma expressão dentro da arte conceptual cujo uso da expressão teve início na década de 60 e representa a relação da obra com o espaço em que esta se insere. “The material support of the installation medium is the space itself. (...) The installation transforms the empty, neutral, public space into an individual artwork – and it invites the visitor to experience this space as the holistic, totalizing space of an artwork”. <sup>38</sup>Uma forma de arte exploratória do espaço de exposição, não confundindo com *site specific* – em que a obra é pensada especificamente para aquele espaço e fora dele não faz sentido (exemplo: Tilted arc de Richard Serra). “The art installation is not site-specific, and it can be installed in any place and for any time.”<sup>39</sup> Como refere a artista plástica Elaine Tedesco citando Sylviano Leprun: a instalação é uma forma singular de ocupação do espaço, oriunda de uma reflexão espacial posta em perspectiva no campo plástico.” É, portanto, “uma proposta artística penetrável, herança das ambientações.” Sendo que algumas “são remontáveis exatamente como foram projetadas e outras reconsiderando o novo contexto”. E tratam-se de “proposições espaço/temporais que evidenciam o carácter de experiência da arte.”

---

<sup>36</sup> CHAVES, Débora (2016) Moldes: Conservação e Restauro – Artísticos. Trabalho realizado para a cadeira de Conservação e Restauro III. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa: Lisboa.

<sup>37</sup> FRADE, Marta (2016), “A importância do ensino dos moldes na Reabilitação, Conservação e Restauro de Estuques Decorativos em gesso: técnica tradicionais e modernas” Revista Matéria Prima Vol. 4 (2): 72-82.

<sup>38</sup> GROYS, Boris. (s/d) Politics of Instalation.

<sup>39</sup> GROYS, Boris. (s/d) Politics of Instalation.

Trata-se de uma forma de arte que homenageia o aqui e agora, o momento presente. Pois mesmo que seja transportável para outro lugar expositivo, não tem a mesma ambiência, a mesma luz, ou a mesma aura. É um tributo ao espectador que deixa se ter essa nomenclatura para agora fazer parte da obra. Sem público, a obra não existe. “In general, the installation operates as a reversal of reproduction. The installation takes a copy out of an unmarked, open, space of anonymous circulation and places it – if only temporarily – within a fixed, stable, closed context of the topologically well defined “here and now” (...) This enclosed space seems to be transformed into a platform for public discussion, democratic practice, communication, networking, education, and so forth.”

O espaço, mesmo que não lhe pertença sempre, durante a obra, pertence ao artista como se de propriedade privada se tratasse. Há uma democratização artística dada à sua liberdade de tomar o espaço como seu e o usar como entender. É essa democratização e desafio que se pretende transmitir aos alunos com a Unidade Didática planeada. A liberdade de expressão e de criatividade, a possibilidade de com o ponto de partida que lhes é dado (moldes das mãos) usarem a imaginação e adaptarem os mesmos a uma forma de instalação.

Um exemplo de uma instalação é a obra “Dinner Party” de Judy Chicago





[https://arteref.com/wp-content/uploads/2019/06/Dinner\\_Party.jpg](https://arteref.com/wp-content/uploads/2019/06/Dinner_Party.jpg)

“The Dinner Party é uma obra de instalação da artista feminista Judy Chicago. É considerada a primeira obra de arte feminista épica, funciona como uma história simbólica das mulheres na civilização.

Existem 39 elaborados locais dispostos ao longo de uma mesa triangular para 39 mulheres famosas míticas e históricas. (...). Cada local exclusivo inclui um prato de porcelana pintada à mão, talheres e cálice de cerâmica e um guardanapo com uma borda dourada bordada. (...). Foi produzido de 1974 a 1979 como uma colaboração e foi exibido pela primeira vez em 1979. Posteriormente, apesar da resistência do mundo da arte, visitou 16 locais em seis países em três continentes para uma audiência de 15 milhões de pessoas. (...) Desde 2007, está em exposição permanente no Centro de Arte Feminista Elizabeth A. Sackler, no Brooklyn Museum, em Nova York.”<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Retirado e adaptado de <https://arteref.com/instalacao/o-que-e-instalacao-saiba-tudo-aqui/>



## 1.7 Arte Colaborativa

De modo a esclarecer o conceito de arte colaborativa, começamos pelo termo colaboração que descreve uma interação entre duas ou mais pessoas num processo de trabalho partilhado. Colaboração ou participação como o termo indica representa uma ideologia, um discurso e uma prática. Estas são algumas razões possíveis para o aumento atual no trabalho colaborativo/participativo e a relação que este possa ter com o panorama, mais amplo, sociopolítico e tecnológico.<sup>41</sup>

A arte colaborativa pode significar várias práticas e métodos de trabalho, como refere a autora Cynthia McCabe: “Por vezes os críticos colaboram com artistas, artistas com outros artistas, artistas com espectadores, e todos nós com a história. A colaboração

---

<sup>41</sup> Retirado de BASTOS, Paulo Bernardino; LOPES, Maria Manuela; Participação colaborativa: reflexões sobre práticas enquanto artistas visuais, 2016.

pode ser uma conspiração, e pode ser aberta.”<sup>42</sup> Entre artistas trabalharem juntos ou o artista elaborar arte para posteriormente o público envolver-se na mesma (como exemplo mais claro temos a obra de Edward Kienholz, “Still Live” de 1982 em que o artista formou uma espécie de cenário confortável de sala em que o mesmo continua uma caixa com explosivos e a obra centrava-se na reação do público ao sentar na cadeira da instalação e aperceber-se que ao seu lado estava o perigo iminente. A colaboração na arte é uma expressão vaga e ambígua pois será um ângulo interessante questionar até que ponto os colaboradores de uma obra não fazem parte da mesma. Como nas obras de Joana Vasconcelos por exemplo que desenha a ideia e a sua equipa de 30 pessoas<sup>43</sup> realiza. Será arte colaborativa ou individual?

Citando trechos reflexivos de Cynthia Jafee McCabe na sua obra *Artistic Collaboration in the Twentieth Century*:

“Quão mais fácil e satisfatória é a ideia da colaboração! Um conceito de criação que não separa, mas sim integra, que não faz do ego o sujeito, mas sim está sintonizado com alguma função fora do indivíduo, do eu isolado. (...). Nas últimas duas décadas, a colaboração não tem sido o pilar da arte, mas tem proporcionado aos artistas uma forma alternativa de olhar e reagir ao mundo. Os sociólogos lembram-nos que nossa sociedade é dinâmica, não estática, e preocupa-se em adquirir experiências e não objetos.”

<sup>44</sup>Apesar do inerente materialismo da nossa sociedade. “(...) a arte colaborativa permite tanto ao artista como ao espectador uma experiência mais envolvente e dinâmica do que a arte anterior. Com a arte colaborativa, já não podemos assumir que estamos a ter uma meditação estética e privada sobre a sensibilidade destilada de outra pessoa. Quando olhamos para uma obra de arte colaborativa, estamos a examinar um diálogo ou conversa entre artistas. E nós não olhamos de forma estonteante, impressionados com o prazer estético; devemos participar ao pensar na interação que acontece e realmente começar a interagir com a arte nós mesmos. Em muitos trabalhos, este novo modo dinâmico de ver e perceber a arte pode ser demonstrado.”<sup>45</sup> E mostra ser importante pois

---

<sup>42</sup> MCCABE, Cynthia. (1984) *Artistic Collaboration in the Twentieth Century*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press: EUA.

<sup>43</sup> SANTOS, Jorge. (2014) *Público(s) de Arte Contemporânea- A Exposição Joana Vasconcelos no Palácio Nacional da Ajuda*. ISCTE IUL: Lisboa.

<sup>44</sup> MCCABE, Cynthia. (1984) *Artistic Collaboration in the Twentieth Century*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press: EUA.

<sup>45</sup> MCCABE, Cynthia. (1984) *Artistic Collaboration in the Twentieth Century*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press: EUA.

“permite a todos nós quebrar barreiras, deixar de estar presos a uma definição monolítica e amplamente materialista do eu, e reconhecer a arte como dinâmica e não estática, parte de um discurso e não um absoluto, ligado à história e às pessoas e não simplesmente uma obra-prima descontextualizada.”

Sobre o que une os envolventes e o que fomenta o sucesso, os autores Paulo Bernardino Bastos e Maria Manuela Lopes afirmam que: “Os objetivos da colaboração precisam de ser desafiantes o suficiente para atrair o interesse e as contribuições de todos os colaboradores, embora também flexíveis para permitir que os colaboradores desenvolvam uma visão colaborativa compartilhada de como proceder, em que os papéis podem mudar e evoluir, e manter a motivação devido à natureza dinâmica que sustenta o desenvolvimento da colaboração (...) as qualidades fundamentais necessárias para processos colaborativos de sucesso seriam:

Princípios comuns: compreensão mútua e valores compartilhados desenvolvidas entre colaboradores individuais, e/ou suas respectivas disciplinas;

Visão Criativa Partilhada: objetivos comuns e expectativas compartilhadas do processo de colaboração desenvolvidos entre os colaboradores, explorando tanto especificidade do indivíduo e a especialização disciplinar, para alcançar os processos de colaboração mutuamente benéficos e resultados;

Propriedade compartilhada: uma sensação igual de autoria compartilhada, controle e responsabilidade na obtenção de uma visão criativa comum, alcançada por debate e negociação das contribuições individuais e papéis dos colaboradores;

Transformação mutuamente benéfica: a abertura e disponibilidade para aprender, sobre e através de colaboradores e o processo colaborativo, as opiniões desafiam a partilha, mudando e evoluindo durante o processo.”<sup>46</sup>

O artigo dos autores Marcelo Wasem e Mariana Novaes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sobre a arte colaborativa demonstrou-se ser esclarecedor na medida em que o termo arte colaborativa não só representa a nível artístico, mas como que consequências e efeitos pode gerar nos envolvidos, como refletem: “o sentido da obra de arte colaborativa é tornar-se numa experiência pessoal continuada, que atravessa a

---

<sup>46</sup> Retirado de BASTOS, Paulo Bernardino; LOPES, Maria Manuela; Participação colaborativa: reflexões sobre práticas enquanto artistas visuais, 2016.

vida de todos os que estabelecem uma relação real e direta com os processos desencadeados e fomenta uma produção de subjetividades”.<sup>47</sup>

Citando um parágrafo do mesmo:

“A obra de arte colaborativa configura-se como um dispositivo – um conjunto de relações construídas numa oportunidade geradora ou não de materialidades, mediada ou não por outros dispositivos que favorecem a troca entre artistas e não artistas. (...) A fragmentação é um facto inevitável, pois toda a enunciação conta com um agente enunciador que dará o seu ponto de vista, a sua forma de organização das informações, adequando-se, assim, às especificidades do meio.”

Referindo-nos especificamente à Unidade Didática planeada, este último parágrafo clarifica e sintetiza o sucedido: o objetivo principal sendo a (re)conexão dos alunos como turma e unidade de trabalho, neste caso gerador de materialidade, mediada pela professora cooperante e pela aluna estagiária. Quanto às peças resultantes a sua fragmentação é de facto inevitável, por tratar-se de uma instalação e pela exposição ser de carácter temporário, restando no final a parte que a cada aluno pertence (as suas mãos) e a memória do processo criativo.

## **II. Temas a abordar na Unidade Didática**

### **2.1 Identidade**

Como aponta David Buckingham do Instituto de Educação da Universidade de Londres, o termo identidade provém de um paradoxo, pois provém do latim “idem” que significa “o mesmo” e identidade é precisamente o que nos difere das outras pessoas e algo que nos define que é mais ou menos consistente (daí “idem”) ao longo do tempo. Este termo pode também abranger uma corelação com um coletivo ou grupo social como identidade nacional, cultural ou de género. Aqui identidade torna-se numa variante de

---

<sup>47</sup> Retirado e adaptado de

[http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s10/marcelo\\_wasem\\_mariana\\_moraes.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s10/marcelo_wasem_mariana_moraes.pdf)

identificação com outros que assumimos similares ou iguais a nós próprios, de alguma forma significativa, como valores partilhados, histórias pessoais ou interesses.<sup>48</sup>

A identidade abrange inúmeros aspetos sociais e é parcialmente um processo psicológico – uma função de desenvolvimento cognitivo geral – ocorrendo também através da interação com pares e cuidadores. Apesar de ser desenvolvida pelo indivíduo, há a necessidade de reconhecimento e confirmação por pares.<sup>49</sup>

Existe a questão de se a adolescência se trata de um período de crise de identidade pois o jovem considera potenciais escolhas de vida e eventualmente faz um compromisso ou um investimento psicológico em determinadas decisões. A nossa identidade não é uma posse, mas sim um processo construtivo social, alimentado por variadas vertentes e é algo que fazemos e construímos e não o que somos. Podemos afirmar que é um termo amplo e ambíguo que se assenta em questões cruciais sobre desenvolvimento pessoal e relações sociais.<sup>50</sup>

Refletindo agora sobre o capítulo James E. Marcia – Identity in Adolescence

A identidade trata-se de uma posição existencial, uma organização interior de necessidades, habilidades, auto percepções e postura sociopolítica. É a estruturação do carácter, uma organização dinâmica de estímulos e motivações, habilidades, crenças e historia individual. “A identidade contribui para intimidade no sentido da confiança necessária a permitir arriscar a vulnerabilidade inerente à conexão temporária com outrem. É um paradoxo pois a intimidade é uma força apenas adquirida através da vulnerabilidade; e a vulnerabilidade só é possível com a garantia interna de uma identidade firme. (...) A formação da identidade não acontece ordenadamente, tratando-se de um processo que envolve compromisso a uma orientação sexual, a uma posição ideológica e a uma direção vocacional.”<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> BUCKINGHAM, David. (2008) “Introducing Identity.” Youth, Identity, and Digital Media. In The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press. 1–24.

<sup>49</sup> BUCKINGHAM, David. (2008) “Introducing Identity.” Youth, Identity, and Digital Media. In The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press. 1–24.

<sup>50</sup> BUCKINGHAM, David. (2008) “Introducing Identity.” Youth, Identity, and Digital Media. In The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press. 1–24.

<sup>51</sup> MARCIA, James E. (1980) Handbook of Adolescent Psychology

Na presente Unidade Didática, ao utilizar os moldes das suas mãos, pede-se aos alunos que reflitam sobre o que nos torna quem somos e quem o quê contribui para o processo. De que modo quem nos rodeia tem influência em nós e na construção do nosso carácter. Pretende-se que os alunos tenham noção destas vertentes de modo a consciencializarem-se do processo da sua formação e como indivíduos e como cidadãos. No questionário inicial distribuído aos alunos (Apêndice 1) a mestranda questiona sobre a identidade dos alunos, sendo uma das perguntas o género, com as seguintes opções: Masculino; Feminino e Outro. Ao que um dos alunos questiona se existem outros géneros para além de masculino e feminino, correspondendo ao propósito da colocação da opção “Outro” no questionário. A mestranda prontamente esclareceu o aluno de que existem pessoas que não se identificam com nenhum dos géneros pré-estabelecidos, usualmente identificando-se como não-binárias. Este tópico foi colocado para que os alunos reflitam sobre a sua identidade e a dos outros, tomando conhecimento de uma das diferentes características individuais identitárias do ser humano.

## **2.2 Ligação da identidade com a cultura**

A cultura tem um papel significativo na formação da nossa identidade, no entanto, podemos concluir que os indivíduos que partilhem a mesma cultura não possuem identidades idênticas. A cultura tem a sua influência na formação da identidade, mas não a molda.

Arias (2002) considera a cultura “uma construção especificamente humana que se expressa através de todos esses universos simbólicos e de sentido socialmente compartilhado, que permitiu uma sociedade chegar a “ser” tudo o que construiu como povo e sobre o qual se constrói um referente discursivo de pertinência e de diferença: a identidade.”<sup>52</sup>

“A construção de uma cultura está repleta de elementos e significados que vão identificar esse povo como pertencente a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras comunidades, surge assim, a identidade cultural.”

---

<sup>52</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

Como refere Arias (2002): “(...) o estudo a partir da perspectiva da antropologia do ser humano, da sua identidade e cultura, das relações de alteridade que se tecem à sua volta e dos sentidos que emergem destas relações, bem como de toda a problemática que se levanta em relação à sua produção, constitui uma exigência e uma das tarefas urgentes do processo de construção de sociedades interculturais nas quais o respeito e a convivência pacífica com a diversidade e a diferença são possíveis.”<sup>53</sup>

Quer o autor dizer que a partir do estudo antropológico que diz respeito à produção da identidade e da cultura e do que emerge da mesma se trata de uma urgência no processo social abrangendo e possibilitando a paz e aceitação. É, portanto, importante o entendimento do fabrico da cultura e da identidade para melhor entendermos como conviver com a diferença. Como referem Silva e Mendes (s/d): “(...) para conhecer e assimilar a história de construção da cultura de outros povos, deve-se primeiro conhecer a história da própria cultura, saber como se deu essa construção e como ocorreu o processo de evolução e desenvolvimento da mesma. Só assim, se pode conhecer e entender outras culturas. Conhecendo a própria cultura, o indivíduo compreenderá a importância de mantê-la viva na memória, protege-la e valorizar a cultura como forma de preservar o que somos, as nossas características e a nossa identidade. Segundo Barros (2008): “proteger não significa o isolamento ou o fechamento ao diálogo com outras culturas, mas sim encontrar meios de promover a sua própria cultura.”<sup>54</sup>

“Em sociedades como as nossas, atravessadas pela riqueza da diversidade e da diferença, a antropologia deve contribuir para a defesa pelo direito a essa mesma diversidade e diferença.”<sup>55</sup>

“Se existe uma identidade cultural, esta está constantemente a fazer-se, desfazer-se e a refazer-se. E a arte faz funcionar o espírito renovador das sociedades.” <sup>56</sup> Maria Calé

---

<sup>53</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>54</sup> SILVA, Susie Barreto; MENDES, Rosicléia Lopes Rodrigues. (s/d) A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo. Brasil Escola

<sup>55</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>56</sup> CALÉ, Maria. (2017). Construção de Identidade e Emancipação em Educação Artística. Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Educação Artística.



Se a nossa identidade é formada pelas reflexões internas e por influências externas, uma dessas é indiscutivelmente a cultura. A partir da cultura reconhecemos os símbolos, significados, costumes, tradições da comunidade que nos rodeia. O que se pretende é colocar a questão aos alunos de que modo ou quanto é que a cultura influencia a nossa identidade e se nós como indivíduos podemos ser ativos no fabrico de cultura. Quem pratica a cultura? Seremos passivos culturalmente? Ou podemos fazer parte e contribuir para a história da nossa localidade e consequentemente do património cultural local? E como podemos definir cultura?

## **2.3 Cultura**

### **2.4 Conceito de cultura e património local**

Podemos afirmar que a cultura é uma construção social temporal dentro de uma determinada comunidade/sociedade, referenciada por uma totalidade de práticas, dentro de um processo histórico concreto.<sup>57</sup> “Há que ver que se a cultura é uma construção social presente em toda a sociedade humana, esta não pode entender-se à margem da mesma sociedade, dos sujeitos sociais que a constroem (...) a cultura é possível porque existem seres concretos que a produzem desde a sua própria quotidianidade, em resposta a uma realidade em transformação contínua.”<sup>58</sup>

Cultura vem do latim *colere* que significa cultivar, em referencia a uma das atividades produtivas, a agricultura. Inicialmente o verbo latino teve o sentido de habitar e cultivar, referindo-se à produção rural, que mediante a agricultura deixa de ser nómada para transformar-se em sedentária, a agricultura obrigava a estabelecer um lugar fixo de habitação. O verbo refere-se assim à população rural, em contraposição à civilização

---

<sup>57</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>58</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

que em contrapartida se refere a população urbana. No início alude a uma habitação com os deuses, daí derivará mais tarde a ideia de adorar (culto) os deuses.<sup>59</sup>

Nietzsche afirma que cultura não é sinonimo de saber muitas coisas ou de aprender muitas coisas, mas sim que cultura é o resultado de uma atividade de vontade criativa de um povo. Para o filósofo prima a noção de unidade, a cultura possibilita que um povo se unifique, evitando a sua desassociação. A cultura, portanto, é todo o ato criador e transformador do ser humano e do mundo que o mesmo criou. Considera também que graças à cultura se produziram processos de criação e transformação de todos os saberes, sejam estes arte, ciência, filosofia, tecnologia, política, que são frutos da cultura.<sup>60</sup>

Arias afirma ainda que a cultura não pode continuar a ser lida como um atributo quase natural e genético das sociedades. A cultura deve ser olhada como uma “construção” especificamente humana, resultante da ação social. A cultura é a construção que possibilitou que o ser humano chegue a constituir-se como tal e a diferenciar-se do resto dos seres da natureza. E denominar a mesma de construção social implica que esta apenas pode ser criada em conjunto com os “outros” e para os outros, em comunicação, em relação dialógica com os “outros”. Consequentemente pensamos que a cultura constitui um ato supremo de alteridade, que possibilita o encontro dialogal dos seres humanos de modo a estruturar um sentido coletivo do seu modo de ser e estar no mundo e na vida.<sup>61</sup>

A cultura não é somente responsável pelos aspetos externos das nossas condutas, mas também da vida interna dos indivíduos. Quase todos os aspetos que se consideram naturais como as emoções, os sentimentos como o amor, o ódio, o prazer, o medo, a raiva, a culpabilidade, o egoísmo, a agressão, a aflição, a indiferença, a alegria, a pena, a percepção de vida e morte, o belo, o feio, o bom, o mau, o tempo, o espaço e a e a própria realidade são modelados pela cultura, pois as diversas sociedades dão variadas respostas

---

<sup>59</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>60</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>61</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

a estas mesmas necessidades (...) diferenciamo-nos pelas respostas culturais que damos às necessidades que se encontram profundamente moldadas culturalmente”.<sup>62</sup>

O campo das manifestações corresponde aos objetos, ao artesanato, à música, à dança, às festas e rituais, ao vestuário, à gastronomia, o alojamento, às práticas produtivas, aos jogos, à língua, às práticas e discursos sociais, através das quais a produção e circulação são obtidas as várias formas de comunicação, auto compreensão e interpretação de uma sociedade.<sup>63</sup>

No que diz respeito ao património, Llorenç Prats esclarece que “o património é um sistema de representação que se baseia na exterioridade cultural. A metonímia, as relíquias que a constituem, são objetos, lugares ou manifestações, provenientes da natureza virgem ou indomada (em oposição ao espaço domesticado pela cultura), do passado (em oposição ao tempo fora do tempo, não do tempo presente, mas do tempo percebido como presente), ou do génio (geralmente criativo, mas também destrutivo, como expressão de exceção, de superação, em algum sentido, dos limites da condição humana culturalmente estabelecida)”<sup>64</sup>

Do ponto de vista da construção social do património, o património local não tem de apresentar diferenças substanciais em relação a outras áreas de construção do património. Neste sentido, poderíamos dizer que o património local é composto por todos aqueles objetos, lugares e manifestações locais que, em cada caso, têm uma relação metonímica com o exterior cultural. Mas precisamente o fator escala introduz variações significativas na conceptualização e gestão do património local.<sup>65</sup>

Prats (2005) constata ainda que “o património localizado também faz parte do património local (embora não o inverso), mesmo de forma significativa, uma vez que o interesse externo pode contribuir para a apreciação interna, embora, por outro lado, a sua apreciação e interpretação a nível local não coincida necessariamente com a

---

<sup>62</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>63</sup> ARIAS, P. G. (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>64</sup> PRATS, Llorenç. (2005). Concepto y gestión del patrimonio local em Cuadernos de Antropología Social Nº 21, pp. 17-35

<sup>65</sup> PRATS, Llorenç. (2005). Concepto y gestión del patrimonio local em Cuadernos de Antropología Social Nº 21, pp. 17-35

apreciação e interpretação geral e do visitante, tratando-se de interpretações divergentes. O património é concebido como uma realidade pré-existente essencial, e não como uma construção social, pelo que as políticas de conservação e divulgação do património identificam as referências com base nestes princípios implícitos de legitimidade (...)”<sup>66</sup>

Abordamos na presente Unidade Didática a importância da valorização e preservação do património local pelo poder enriquecedor da identidade do habitante. Ao conhecer a história do local onde nasceu, cresceu ou onde estuda, acredita-se contribuir com a legitimação do aluno como cidadão e ao desenvolver e aumentar a sua cultura, definir-se-á como indivíduo. A valorização do património tem como consequência uma maior sensibilidade para com a arte e os objetos artísticos em geral. O conhecer a história e as posses culturais locais, o aluno valoriza mais a sua origem e a sua confiança como artista ou futuro produtor de cultura e património local. A questão fulcral que se pretende é a reflexão por parte dos alunos no facto da atividade cultural não se situar somente na capital, onde “tudo acontece”, é valorizar o seu redor e tornar-se produtor de cultura local.

Como exemplo prático e concreto de cultura e património imaterial local atual, Joel Rodrigues e André Agostinho proporcionaram à sua localidade em 2014 uma nova fase da cultura local, criando um festival de curtas-metragens impulsionando a atividade, o praticar e organizar cultura fora da capital, trazendo pessoas de inúmeros países a assistir e participar no Curt’Arruda em Arruda dos Vinhos, nos arredores de Lisboa. Atraindo população exterior que eventualmente sem a existência do festival não visitariam ou conheceriam a localidade, valorizando a ruralidade intrínseca da sua história e origem, prestando homenagem às lendas urbanas e educando a população com arte elaborada não só por participantes exteriores à terra, mas também como forma de inspiração à juventude e população local de participar em forma de voluntariado, em criação de arte e como agente atribuidor de reconhecimento pela atividade artística. É precisamente este sentido de iniciativa, confiança e ação na criação renovadora cultural e patrimonial local que se pretende transmitir aos alunos.

“É claro que os artistas concebem e fazem arte, mas todos nós colaboramos na criação do seu papel cultural. Podemos retirar a arte do seu contexto e estetizá-la como forma

---

<sup>66</sup> PRATS, Llorenç. (2005). Concepto y gestión del patrimonio local em Cuadernos de Antropología Social Nº 21, pp. 17-35

significativa, e isso também é uma forma possível de lidar com ela num mundo difícil, em mudança, que precisa de âncoras definitivas, mesmo que sejam apenas sensibilidades manifestadas. Mas também podemos reconhecer que a arte desempenha uma importante função de simbolizar a realidade num determinado momento; para funcionar, é necessário que um número de pessoas reúna os seus interesses comuns para pensar sobre ela e avaliá-la. Desta forma, a arte torna-se colaborativa, e também se torna cultura.”<sup>67</sup>

Em forma de conclusão, ainda refletindo sobre a obra de Arias (2002): “A cultura não é algo dado, uma herança biológica, mas uma construção social historicamente situada, em consequência de um produto histórico concreto, uma construção que se insere na história e especificamente na história das interações que os diversos grupos sociais estabelecem entre si. De modo a aproximar-nos de uma estratégia conceptual da cultura e analisar um sistema cultural é necessário situá-lo historicamente dentro das diversas formações sociais e condicionantes socio históricas que o tornaram possível.”<sup>68</sup>

## 2.5 Tomás Leal da Câmara

Tomás Leal da Câmara foi um desenhador, ilustrador, caricaturista, designer gráfico e de equipamento, animador cultural, conferencista, criador de figurinos para teatro e professor durante 27 anos.<sup>69</sup> Contra a monarquia constitucional, usou o seu talento ao serviço da causa republicana em união com a imprensa, usando o desenho caricatural

---

<sup>67</sup> MCCABE, Cynthia. (1984) *Artistic Collaboration in the Twentieth Century*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press: EUA.

<sup>68</sup> ARIAS, P. G. (2002). *La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia*. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala

<sup>69</sup> BERNARDINO, Arminda. (2008). *O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915)*, Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

para “enfrentar aqueles a quem decretara guerra”.<sup>70</sup> Viveu em Goa até aos 6 anos, vindo para Portugal em 1882. Era dono de uma “personalidade crítica materializada no desenho caricatural onde impera o sarcasmo e a ridicularização de destacadas figuras públicas e políticas, valeu-lhe o reconhecimento no meio intelectual como a perseguição por parte das autoridades que chegou a transformar-se em mandato de captura, forçando-o a sair do país, rumo a Espanha.”<sup>71</sup> Estudou pintura no país vizinho e mais tarde deslocou-se até Paris onde viveu 13 anos e lecionou em academias e ateliers, criando novas metodologias de ensino técnico profissional de mulheres. Viajou por Inglaterra, Holanda, e Bélgica, inclusive fundou um jornal humorístico em Bruxelas “Le Rire Belge”.

Em 1923 foi viver para a sua casa na Rinchoa até à sua morte, onde formou a Casa-Museu Leal da Câmara e onde se pretende organizar a exposição final da presente Unidade Didática.

Em 1930 isola-se e vira a sua atenção para o mundo rural que o rodeava, “aplicando a sua expressão e a sua técnica no registo dos trajes e dos costumes das gentes daquela região então saloia. (...) regista gente comum com a mesma qualidade gráfica” <sup>72</sup>que registava políticos e monarcas.

Um marco de talento, garra e requinte “presente em cada quadro, em cada peça de mobiliário e em cada desenho. (...) Não foi mais um cidadão que deixou passar por si os acontecimentos, porque a sua natureza interveniente e inconformista não o permitiu.”<sup>73</sup>

Um exemplo de que a arte serve para combater política, para lutar pela democratização e pela liberdade artística.

---

<sup>70</sup> BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

<sup>71</sup> BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

<sup>72</sup> BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

<sup>73</sup> BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

Com este exemplo de vida, esta história de inconformidade, criatividade e coragem, pretende-se que os alunos busquem nela inspiração, que investiguem e registem factos e pormenores sobre Leal da Câmara que lhes transmitam encorajamento para que tomem como exemplo o seu percurso de sobrevivência e inconformismo, que à nossa maneira é possível fazer a diferença. Que descubram quem era realmente a pessoa que fez muito mais do que atribuir um nome à escola onde estudam.

ANNO I — N.º 17

Alameda da Restauração, 207, 2.º

PERIODICO DE CARICATURAS

# A CORJA!

Lisboa, 16 de Outubro de 1908.

Caricaturas de LEAL DA CAMARA

Antonio Duarte da Silva

Impresso na Lithographia Artistica  
Travessa de André Yalente, 10

A CORJA é o jornal do mal,  
circulando... em toda a Ge-  
ografia Civil.

(SUPPLEMENTO AO N.º 17)



## AO PUBLICO

À hora a que escrevemos este supplemento, a policia está apprehendendo o n.º 17 da CORJA, sahido hoje pela manhã. A policia, comandada pelo agente "Fagulha", entra nas lojas onde o nosso jornal se vende e apprehende todos os exemplares.

Os nossos vendedores foram presos depois de lhes terem sido apprehendidos os exemplares da CORJA.

O publico que faça o commentario a este facto, passado n'uma cidade onde se acaba de fazer um congresso a favor da **LIBERDADE DE IMPRENSA!**

Figura 24. Capa de jornal "A Corja" que valeu um mandato de captura ao artista. Fonte: BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.





Figura 25. "O chefe de Estado em Portugal." de 5 de dezembro de 1897. Fonte: BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa.

## 2.6 Educação para a Cidadania

“Atualmente, a Cidadania pode ser entendida “como um conjunto de práticas (jurídicas, políticas, económicas e culturais) que definem uma pessoa como membro competente da sociedade” (Turner, 1993 In Nogueira & Silva, 2001, pp. 7)”<sup>74</sup>

Disposto na página inicial do website criado pela Direção Geral de Educação sobre a Educação para a Cidadania:

“A educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.”<sup>75</sup>

Foi efetuada em 2012 a Recomendação n.º 1/2012 referente à Educação para a Cidadania nas escolas onde constata-se que o seu objetivo é que os alunos, à saída da escolaridade obrigatória, se tornem “adultos e adultas com uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais, a integração da diferença, o respeito pelos Direitos Humanos e a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática, no quadro do sistema educativo, da autonomia das escolas e dos documentos curriculares em vigor.”

Esta abordagem educativa, segundo a mesma recomendação, é proposta que atenda a três eixos já anteriormente recomendados em 2008, no Documento do Fórum Educação para a Cidadania:

- Atitude cívica individual (identidade cidadã, autonomia individual, direitos humanos);
- Relacionamento interpessoal (comunicação, diálogo);
- Relacionamento social e intercultural (democracia, desenvolvimento humano sustentável, globalização e interdependência, paz e gestão de conflitos).<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> OLIVEIRA, Diana Filipa da Silva. (s/d) Educação para a Cidadania: um desafio da escola actual. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

<sup>75</sup> Retirado de <https://cidadania.dge.mec.pt/>

<sup>76</sup> Retirado de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/estrategia\\_cidadania\\_original.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/estrategia_cidadania_original.pdf)

As várias áreas temáticas abordadas no âmbito da Educação para a Cidadania foram orquestradas pelo Grupo de Trabalho de Educação para a Cidadania no documento Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e encontram-se organizadas da seguinte forma: Em “três grupos com implicações diferenciadas: o primeiro, obrigatório para todos os níveis e ciclos de escolaridade (porque se trata de áreas transversais e longitudinais), o segundo, pelo menos em dois ciclos do ensino básico, o terceiro com aplicação opcional em qualquer ano de escolaridade.”<sup>77</sup>

“1.º Grupo: Direitos Humanos (civis e políticos, económicos, sociais e culturais e de solidariedade); Igualdade de Género; Interculturalidade (diversidade cultural e religiosa); Desenvolvimento Sustentável; Educação Ambiental; Saúde (promoção da saúde, saúde pública, alimentação, exercício físico).

2.º Grupo: Sexualidade (diversidade, direitos, saúde sexual e reprodutiva); Media; Instituições e participação democrática. Literacia financeira e educação para o consumo; Segurança rodoviária; Risco.

3.º Grupo: Empreendedorismo (nas suas vertentes económica e social); Mundo do Trabalho; Segurança, Defesa e Paz; Bem-estar animal; Voluntariado. Outras (de acordo com as necessidades de educação para a cidadania diagnosticadas pela escola e que se enquadre no conceito de EC proposto pelo Grupo).”<sup>78</sup>

Atendendo à obra investigativa da aluna Diana Filipa da Silva Oliveira da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, que aborda precisamente o desafio que é implementar ou praticar a Educação para a Cidadania na escolaridade atual, ressaltando a sua observação de que “atualmente, a Educação para a Cidadania é encarada como um desafio central das instituições escolares e da sociedade em geral. Assim, os agentes educativos devem promover a formação e a socialização das crianças e jovens, fomentando igualmente a sua integração a participação ativa e responsável na vida da sociedade. Neste âmbito é atribuído aos professores um papel fundamental: o de mediadores do processo de desenvolvimento pessoal e social dos

---

<sup>77</sup> Retirado de

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/estrategia\\_cidadania\\_original.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/estrategia_cidadania_original.pdf)

<sup>78</sup> Retirado de

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/estrategia\\_cidadania\\_original.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/estrategia_cidadania_original.pdf)

seus alunos.”<sup>79</sup> De acordo com a mesma autora, “(...) consequentemente, os professores possuem uma função fundamental neste âmbito, assumindo uma grande responsabilidade na formação e na preparação dos indivíduos “para o amanhã”. A eles compete a exigente tarefa de educar as crianças e jovens para serem elementos ativos, participativos e impulsionadores da mudança e da transformação social. Esta nobre “missão” de formar os indivíduos para o exercício da cidadania tem-se revelado uma questão central no panorama educativo atual.”<sup>80</sup>

“Educar para a cidadania é construir e/ou fortalecer a auto-estima, o auto-conhecimento e o conhecimento dos outros, de modo a possibilitar a inserção no colectivo, percebendo-se como alguém com direitos e deveres e como agente de transformação social responsável e consciente dos seus próprios limites.” (In Figueiredo, 2002, pp. 7)”<sup>81</sup>

Pode concluir-se que a Educação para a Cidadania se trata de uma medida criada que visa o reforço da educação centrada para uma sociedade respeitadora, educada e pacífica, importante no setor educativo para a construção cívica de futuros profissionais ao promover a democracia, a igualdade e o respeito pelos direitos humanos, focados no respeito pela diferença seja ela entre géneros, raças, etnias, religiões ou classes sociais.

“A educação para a cidadania, prevista e desenvolvida explicitamente no currículo escolar do ensino básico, obrigatório e universal, passou, mais recentemente, a estar contemplada na matriz curricular dos cursos científico humanísticos do ensino secundário” <sup>82</sup>(cf. Decreto –Lei n.º 50/2011 de 8 de abril).

“Uma proposta curricular de educação para a cidadania para os ensinos básico e secundário deverá considerar como competências a desenvolver, entre outras, a cooperação na prossecução de objetivos comuns e a identificação de diferentes opiniões e pontos de vista; o pensamento crítico; a comunicação, a argumentação e a participação.”<sup>83</sup>

(Despacho n.º 6173/2016, publicado no D.R., II.ª Série, n.º 90, de 10 de maio de 2016)

---

<sup>79</sup> OLIVEIRA, Diana Filipa da Silva. (s/d) Educação para a Cidadania: um desafio da escola actual. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

<sup>80</sup> OLIVEIRA, Diana Filipa da Silva. (s/d) Educação para a Cidadania: um desafio da escola actual. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

<sup>81</sup> OLIVEIRA, Diana Filipa da Silva. (s/d) Educação para a Cidadania: um desafio da escola actual. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

<sup>82</sup> Retirado de [http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec\\_Ed\\_Cidadania.pdf](http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec_Ed_Cidadania.pdf)

<sup>83</sup> Retirado de [http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec\\_Ed\\_Cidadania.pdf](http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec_Ed_Cidadania.pdf)

## 2.7 Educação para a Cidadania – Igualdade de Género

Ao abordar esta temática, é importante esclarecer o significado de Igualdade de Género:

“A Igualdade entre Mulheres e Homens, ou Igualdade de Género, significa igualdade de direitos e liberdades para a igualdade de oportunidades de participação, reconhecimento e valorização de mulheres e de homens, em todos os domínios da sociedade, político, económico, laboral, pessoal e familiar.”<sup>84</sup>

“A Educação para a Igualdade de Género, que visa a promoção da igualdade de direitos e deveres das alunas e dos alunos, através de uma educação livre de preconceitos e de estereótipos de género, de forma a garantir as mesmas oportunidades educativas e opções profissionais e sociais. Este processo configura-se a partir de uma progressiva tomada de consciência da realidade vivida por alunas e alunos, tendo em conta a sua evolução histórica, na perspetiva de uma alteração de atitudes e comportamentos.”<sup>85</sup>

Um estudo realizado este ano (2020) pelas United Nations Development Programme em Nova Iorque, de nome “Talking Social Norms – A game changer for gender inequalities” refere que nenhum país no mundo atingiu a igualdade de género e que as mulheres sofrem de discriminação na saúde, na educação, em casa e no mercado de trabalho – com repercussões negativas para a sua liberdade. O mesmo estudo constata que em 50 países onde as mulheres têm mais educação que os homens, recebem 39% menos salário que os homens, apesar de entregarem mais tempo ao trabalho.<sup>86</sup>

Os estereótipos sociais tornam-se numa rampa de lançamento para a desigualdade. Estereótipos como por exemplo “Globalmente cerca de 50% da população afirma achar que os homens dão melhores líderes políticos, enquanto que mais de 40% sente que os homens são melhores em cargos de negócios executivos – um julgamento social, apenas por se ser mulher, uma barreira invisível e um afronto à justiça e a meritocracia.”<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> Retirado de [http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/CadernoCaritas\\_Fasciculo\\_1.pdf](http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/CadernoCaritas_Fasciculo_1.pdf)

<sup>85</sup> Retirado de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao\\_para\\_cidadania\\_linhas\\_orientadoras\\_nov2013.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf)

<sup>86</sup> Retirado e traduzido de [https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma\\_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html](https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html)

<sup>87</sup> Retirado e traduzido de [https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma\\_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html](https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html)

Como parte cívica da Unidade Didática planeada, abordou-se questões relativas à igualdade de género e a importância do feminismo para a sociedade. Como futuros profissionais ativos do país, é importante a noção das irregularidades que as mulheres enfrentam, pois quando há conhecimento, há poder de mudança. O objetivo da educação é ajudar a criar mentes independentes ativamente participativas e conscientes na sociedade. E de forma a criar uma sociedade mais justa e igualitária, o primeiro passo para a mudança é a informação.



### **III. Contexto**

#### **3.1 Caracterização do contexto escolar**

A escola cooperante trata-se da Escola Secundária Leal da Câmara, situada em Rio de Mouro no concelho de Sintra, no distrito de Lisboa.

A sua inauguração foi no ano de 1986.

Trata-se de uma escola num Agrupamento TEIPE (Território Educativo de Intervenção Prioritária Educativa) de nível económico médio e tem como missão de Projecto Educativo “Prestar um Ensino de qualidade, norteado por valores éticos de equidade, solidariedade e respeito pelo outro, promovendo o sucesso escolar e assumindo o compromisso com a formação integral dos alunos, de modo a garantir-lhes condições para a prossecução dos estudos, a integração plena na vida ativa e a vivência de uma cidadania responsável e atuante.”<sup>88</sup>

#### **3.2 Oferta Educativa**

A sua Oferta Educativa contém:

Ensino Secundário (diurno)

Cursos Científico-Humanísticos: Curso de Ciências e Tecnologias; Curso de Ciências Socioeconómicas; Curso de Línguas e Humanidades e Curso de Artes Visuais.

Cursos Profissionais: Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos; Técnico de Electrónica, Automação e Computadores; Técnico de Desporto e Técnico de Multimédia.

Ensino Nocturno: Cursos de Educação e Formação de Adultos - Nível básico de Certificação de Qualificações; Ensino Recorrente – Cursos Científico-Humanísticos Português para falantes de outras línguas Cursos de Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário UFCD - Unidade Formação Curta Duração - Ensino Básico de Inglês Iniciação e continuação 50h cada.

Os critérios de avaliação dos Cursos Científico-Humanísticos encontra-se referenciada em: <http://www.aelc.pt/alunos-ee/informacoes/criterios-de-avaliacao/c-c-h>

---

<sup>88</sup> Retirado de [http://www.aelc.pt/files/escola/pe/PE\\_2018\\_2022.pdfEm](http://www.aelc.pt/files/escola/pe/PE_2018_2022.pdfEm)

### 3.3 Recursos

Em termos de recursos de sala de aula, a escola contém 34 salas de aula, 5 laboratórios, 2 salas de desenho e 7 oficinas. Os alunos de Artes Visuais dispõem de vários computadores e video-projector na sala de aula e uma oficina própria para trabalhos manuais.

Contém uma Biblioteca equipada com mais de 20.000 livros organizada com um esquema informático de pesquisa. O professor responsável do Centro de Recursos deu uma aula a cada turma do ensino Secundário e Profissional sobre como pesquisar na biblioteca e como estruturar um trabalho.<sup>89</sup>

A escola engloba vários clubes, tais como a Oficina de Fusing, o Clube de Desporto Escolar, o Clube Europeu, o Clube da Saúde (Projecto Educação para a Saúde), Grupo de teatro do qual um dos participantes do estudo é integrante, Parlamento dos Jovens, Eco-Escolas, Clube de Robótica, a Escola Azul e a Escola Embaixadora. Dispõe também de uma rádio Onda-Jovem (iniciada em 1993/1994) e de uma revista, a 100letras.<sup>90</sup>

### 3.4 Inclusão Escolar

O Agrupamento Leal da Câmara engloba dentro da sua medida de educação inclusiva um número acima da média de alunos, oferecendo um grande grau de inclusão social e tratando-se de uma escola de referência para alunos invisuais.

De acordo com o decreto de lei 54/2018 de 6 de Julho

“O Programa do XXI Governo Constitucional estabelece como uma das prioridades da ação governativa a aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social. Esta prioridade política vem concretizar o direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social.”

---

<sup>89</sup> Aula presenciada pela aluna estagiária a uma outra turma que não a turma cooperante, da disciplina de Imagem Digital, lecionada pela professora Maria do Céu Rodrigues no dia 14/10/2019.

<sup>90</sup> Informação retirada e adaptada de Moreira, F. Carvalhas, M. Lúcia. Escola Secundária Leal da Câmara · 1986-2006 · Memória de 20 anos. (2007) Lisboa: Escola Secundária Leal da Câmara



### **3.5 Caracterização dos Participantes**

A turma de 12º ano integrante no projecto a realizar na prática pedagógica supervisionada é constituída por 19 alunos dos quais um reprovou por faltas e outro aluno saiu (conselho de turma de 19/12/2019), pelo que as estatísticas centram-se nos restantes 18 estudantes. O segundo aluno saiu da turma após as estatísticas elaboradas anonimamente, tendo essa situação em conta, as estatísticas seguintes ainda incluem esse aluno, apesar de não ter participado no resto da Unidade Didática.

As idades estão compreendidas entre os 16 e os 19 anos, sendo que 61% tem 17 anos, 22% têm 18 anos, 11% têm 16 anos e 5% tem 19 anos.

Dos 18 alunos questionados, 9 dos pais completaram o 12º ano e 3 são licenciados. Quanto às mães, 7 completaram o 12º e 3 são licenciadas.

100% dos alunos tem acesso à Internet em casa e 94% têm acesso a computador nas suas habitações.

Na questão da mobilidade até ao estabelecimento escolar 61% desloca-se a pé, os restantes de carro ou comboio. Quanto à duração da deslocação, a turma na sua totalidade demora entre os 5 e os 20 minutos, sendo a maioria entre os 5 e os 10 minutos.

Dos 18 alunos questionados, 77% desejam seguir cursos superiores/ profissões ligadas à áreas das artes plásticas, design e arquitectura. 5% ainda não decidiu e 16% deseja uma profissão fora das artes visuais.

Estatística obtida através do Questionário inicial anónimo, disponível como Apêndice 1.

### **3.6 Trabalhos e Atividades colaborativas na comunidade escolar**

O trabalho anterior à presente Unidade Didática tratou-se de uma excelente preparação em termos de colaboração entre alunos e de objeto de estudo por parte da observação da aluna estagiária.

Os alunos teriam de, a pares, criar uma peça artística para uma exposição sobre a poluição. Acompanhando o processo de metodologia projetual utilizado pela professora cooperante, e a organização das várias fases de trabalho inerentes no projeto artístico, utilizou-se a mesma metodologia para a presente Unidade Didática, pela familiaridade por parte dos alunos e pela eficácia demonstrada. Os alunos criaram *site specifics*, instalações, performance e peças escultóricas de conceitos ricos e apropriados à temática. Este projeto ajudou os alunos na sintetização de ideias, na gestão de tempo, no trabalho colaborativo, no cumprimento de prazos e nas adaptações em relação à expectativa e à realização dos seus projetos.

## **IV. Unidade Didática**

### **4.1 Tema**

O tema unificado desta Unidade Didática centra-se na arte (neste caso escultura) como definição e esclarecimento da identidade do artista. A utilização da arte como afirmação identitária, a sua ligação com a cultura local e noção da importância da conservação do património local e global, material e imaterial. A partir da Escultura, e reivindicando as suas distintas variantes, pretende-se tomar dois caminhos – o clássico e o contemporâneo – e fundi-los numa obra de arte única. Dentro do clássico, introduzir-se-á os moldes como reminiscência do saber-fazer, enquanto que dentro do contemporâneo, irá abordar-se o conceito de instalação e arte colaborativa. O termo instalação é utilizado para descrever obras em grande escala, de materiais variados e muitas vezes planeados para um local específico por um período temporário. Assim os alunos terão de construir um projeto em que terão de pensar, em conjunto, discutindo as suas ideias, transformando-as num consenso de obra, utilizando como ponto de partida físico o molde de cada uma das suas mãos e como ponto de partida temático o patrono da sua escola e da sua localidade.

O que será pedido aos alunos nada mais se trata do que construir ou crescer (n)as suas relações com os colegas mediante de uma oportunidade que nesta situação gerará materialidade. Neste caso específico duas, sendo uma por cada turno. A característica

efémera da peça anui com a inevitabilidade da fragmentação da mesma, continuando na vida dos alunos a parte que lhes pertence (as mãos).

A seleção do tema surgiu após assistir e observar os alunos e o desejo recorrente de alguns deles de quererem trabalhar individualmente. A vida profissional em qualquer profissão envolve trabalhar em conjunto, com pessoas e para pessoas. Assim sendo tornou-se arbitrário implementar um trabalho de grupo onde os alunos se focassem no mesmo objetivo, aprendessem a ouvir e respeitar as ideias dos outros, criticar construtivamente, mas sugerir soluções de seguida. Dada a experiência dos alunos com escultura nos seus projetos anteriores a esta mesma Unidade Didática, pareceu conveniente a abordagem escultórica para aprimoramento e evolução nas suas noções de fazer arte e fazer escultura, desta vez em conjunto, com cada turno unido para um único propósito.

## **4.2 Objetivos**

O principal objetivo será colocar os alunos em contacto com a sua cultura local e os próprios produzirem e fazerem parte da mesma, como forma de acentuação da sua identidade. A nossa identidade é definida por quem nos criou, quem veio antes de nós, dos ambientes que nos rodeiam e da cultura que consumimos. Espera-se com esta Unidade Didática fomentar o interesse dos alunos pelo sítio e história de onde vivem e estudam, onde se definem como pessoas e indivíduos. Objetiva-se também investigar de que modo a arte colaborativa fortalece as relações dos alunos como colegas.

Pretende-se que os alunos se conectem com técnicas clássicas, que empreguem e utilizem património imaterial secular para fabricar arte e que desenvolvam a sua capacidade crítica e de pensamento conceptual em conjunto. Pretende-se também verificar de que modo as diferentes dinâmicas de turma se refletem nas peças resultantes.

Os objetivos que serão os fios condutores do relatório serão então analisar de que forma a aprendizagem colaborativa através da escultura fortalece conhecimentos, bem como a relação intrapessoal e interpessoais nos alunos do 12ºano de Oficina de Artes. Também analisar de que forma a cultura local através da escultura fortalece o sentido de identidade dos alunos do 12ºano de Oficina de Artes.

### 4.3 Metodologia de Investigação

A presente investigação qualifica-se com o paradigma de investigação científica interpretativo onde o foco do estudo é individual a cada participante e interpretação particular, efetuado em pequena escala, onde há um envolvimento direto do investigador, de interesse prático e que pretende compreender as ações/significados dos efeitos da prática da Unidade Didática planeada.

A abordagem é qualitativa, amplamente construcionista e interpretivista, onde a realidade é compreendida através da análise da interpretação do mundo social pelos seus participantes. Foram utilizadas técnicas de recolhas de dados descritivas onde se “analisam valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”.<sup>91</sup> Analisam também ações, interações e discursos, mais ênfase no processo do que propriamente no produto resultante. Com este estudo pretende-se recolher o sentido conferido dos participantes focados num dado conceito, levado por valores pessoais, tendo em conta o contexto e localização dos participantes, numa forma interpretativa dos dados recolhidos e envolvimento total e colaboração com os alunos.

A Modalidade Investigativa centra-se na Investigação-Ação - Intervenção em pequena escala centrada em fenómenos reais, seguido de uma análise “rigorosa dos efeitos da intervenção”,<sup>92</sup> englobando recolha de informações com o objetivo de promover mudanças sociais. O processo é construído com base em planeamento, ação e avaliação dos respetivos resultados. As suas características passam pela colaboratividade e participação dos intervenientes, numa prática interventiva, numa ação deliberada à mudança.

As descobertas geram possibilidades de mudança e adaptações ao projeto, implementadas e avaliadas no passo seguinte, articulando a teoria e a prática. Os participantes devem procurar melhores práticas e atuam como agentes de mudança

---

<sup>91</sup> Retirado de

[https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod\\_resource/content/0/PPT\\_\\_metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod_resource/content/0/PPT__metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf)

<sup>92</sup> Retirado de

[https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod\\_resource/content/0/PPT\\_\\_metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod_resource/content/0/PPT__metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf)

(transformação) e numa autoavaliação introspetiva, onde as mudanças são avaliadas continuamente, na perspectiva de deliberar novos conhecimentos.

Citando Alberto Sousa:

“A investigação-ação baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da ação pedagógica e lidando com os problemas concretos localizados na situação imediata. Possui, por isso, uma feição eminentemente empírica.”<sup>93</sup>

Ainda de acordo com o mesmo autor, os procedimentos passam por uma planificação de ações, contendo determinados conteúdos programáticos e uma calendarização predefinida por etapas. Cada uma dessas etapas tem uma avaliação, para verificação da evolução e se o estudo decorre como o previsto e se existem pontos a ajustar ou corrigir. Uma das características da modalidade da investigação-ação que mais se relaciona com a decorrente investigação, como refere ainda Alberto Sousa, “É um meio de promover a constante reformulação e inovação (...)”<sup>94</sup>

Como refere Ponte (2002):

“A investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem ativamente. E, para além dos professores envolvidos, também as instituições educativas a que eles pertencem podem beneficiar fortemente pelo facto dos seus membros se envolverem neste tipo de atividade, reformulando as suas formas de trabalho, a sua cultura institucional, o seu relacionamento com o exterior e até os seus próprios objetivos.”<sup>95</sup>

As questões centrais da investigação ditam se o método de trabalho adotado traz benefícios aos participantes. As questões nos quais se baseou a presente investigação são então:

De que forma a fusão entre a técnica clássica dos moldes e a forma de arte contemporânea – instalação colaborativa pode auxiliar os alunos do 12ºano de Oficina de Artes a fortalecerem a sua identidade e relações com os colegas?

---

<sup>93</sup> Retirado de Sousa, A.B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>94</sup> Retirado de Sousa, A.B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte

<sup>95</sup> Retirado de Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.

De que modo a elaboração de moldes das suas próprias mãos e utilizá-las em contexto de arte conceptual pode trazer conhecimento artístico e expressivo aos alunos do 12ºano de Oficina de Artes?

De que forma a interação com materiais e técnicas clássicas de escultura pode trazer conhecimentos e mudanças no processo artístico e escolhas académicas e profissionais dos alunos do 12ºano de Oficina de Artes?

#### **4.4 Instrumentos de Recolha de Dados**

Questionário Inicial:

O questionário inicial foi distribuído na quarta sessão de acompanhamento dos alunos do 12ºano de Oficina de Artes, antes da implementação da Unidade Didática. Verificou-se durante as primeiras aulas de observação que tipos de questões seriam pertinentes no contexto do estudo e tendo em conta os comportamentos entre participantes. O questionário inicial (Apêndice 1) é constituído por 3 grupos, o primeiro de questões sobre a identidade, família e acessos. O segundo é composto por questões relacionadas aos interesses, ambições e autoestima do aluno. O terceiro grupo contém duas perguntas relacionadas com um outro trabalho de mestrado, não deixando de considerar as respostas como dado relativamente à relação dos alunos da turma com o conceito e contexto de escola.

O questionário mostrou-se útil para a construção da caracterização dos participantes e para entender que tipo de rumo os estudantes desejam tomar após a conclusão do ensino secundário.

Diário de bordo

“Instrumento constituído por uma parte descritiva e outra parte reflexiva em que o investigador regista de forma sistemática, no decurso do estudo, elementos descritivos a partir da recolha de dados e elementos de natureza reflexiva, de carácter pessoal.”

É, portanto, é um documento imprescindível na prática profissional no registo das atividades, conteúdos e pormenores relevantes à investigação.

Após trabalhar com várias estruturas de diário de campo, a que se mostrou mais útil e eficaz é exemplificada da seguinte forma:

“Sessão nº1

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Disciplina: Oficina de Artes

Turno: 1 ou 2

Alunos presentes: x

Observações:”

### Observação

A observação é essencial na prática pedagógica supervisionada. Ao observar há uma percepção da dinâmica da turma e mostra-nos como adotar estratégias de ensino personalizadas. Uma observação perspicaz e atenta permite registrar perfis dos alunos sem partir de diálogos com o professor. Permite o constante acompanhamento e seguimento do processo de trabalho. Permite conhecer melhor o aluno.

Citando Albano Estrela:

“O observador intervém no trabalho que o aluno está a realizar, ajudando-o ocasionalmente ou limitando-se a pedir-lhe alguns esclarecimentos acerca do que está a fazer – modos, razões, fins imediatos (o “como”, o “porquê”, o “para quê”). Visa-se, assim, o esclarecimento de pistas levantadas por observação directa (ou por outros processos) e o levantamento de novas pistas explicativas.”

### Recolha Documental

Em conjunto com a professora cooperante, desenvolveu-se um modelo de reflexão contínua sobre o progresso do projeto de trabalho a implementar com os alunos. Onde finalizada cada fase do projeto, terão de resumir sucintamente o que consideraram sobre a sua prestação e o que podia ter sido gerido de melhor forma, numa forma de autoavaliação, avaliação da dinâmica da turma, tendo em conta que se trata de um projeto colaborativo. O modelo de reflexão contínua encontra-se em Apêndice 2. Os documentos preenchidos pelos alunos não serão publicados devido à exposição dos seus dados, mas sim porções recortadas na fase de Avaliação da Unidade Didática.

### Reflexão/Questionário Final

O questionário final irá servir como ferramenta de avaliação tanto aos alunos, como à professora estagiária, como à unidade didática. Os alunos terão oportunidade de expressar o seu agrado ou desagrado perante o proposto e refletir sobre o trabalho elaborado. É uma forma de verificar o efeito dos conteúdos abordados e se surtiu mudanças, quais foram. Exemplificado no Apêndice 3.

### Questões Éticas

Seguindo as orientações da Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2016) foi tido em conta:

- a) O consentimento informado dos participantes e dos seus Encarregados de Educação através da informação à direção e direção de turma e acordado em protocolo entre o Instituto de Educação e a escola cooperante.
- b) A confidencialidade dos dados recolhidos. Os alunos foram informados de que os dados recolhidos pela professora estagiária são confidenciais e apenas iriam ser utilizados no contexto deste mestrado e do relatório inerente ao mesmo sem revelação de rostos ou nomes ou do número de turma.
- c) A ausência de plágio, falsificações, distorção dos dados angariados e a não fabricação dos mesmos.

## 4.5 Oficina de Artes

A disciplina de Oficina de Artes é optativa, integrante nas Aprendizagens Essenciais (conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes), oferecida aos alunos do 12.º ano de escolaridade, encontrando-se disponível nos Cursos CientíficoHumanísticos de Artes Visuais.

Tal como descrito no documento oficial das Aprendizagens Essenciais, do Ministério da Educação, articulação com o perfil dos alunos, em agosto de 2018:

“A disciplina de Oficina de Artes deve ter uma componente experimental que envolva um estudo conceptual, baseado nas artes contemporâneas. Com enfoque na experimentação de diferentes formas de registo, que permita conhecer o comportamento e as sensações estéticas dos diferentes materiais inerentes às artes plásticas. A transdisciplinaridade e a multimodalidade devem



ser o eixo basilar nesta disciplina e deve apresentar uma componente experimental, baseada no pensamento, expressão e projeto, onde o processo deve ser valorizado. Neste sentido, e por uma educação artística abrangente que responda aos paradigmas da arte contemporânea, que fortaleça, potencie e desenvolva características necessárias para uma sociedade globalizada e diversificada, com enfoque no Eu, no Outro e no Coletivo, consideramos como aprendizagens essenciais as capacidades criativas e críticas para procurar, sintetizar, manipular, transformar, programar, recriar e disseminar informação em diferentes suportes visuais.”<sup>96</sup>

As aprendizagens destinadas a esta disciplina são esquematizadas nos seguintes pontos:

- Implementar projetos de trabalho (turma/escola/comunidade) com temas transversais que integrem conteúdos de várias disciplinas de forma a promover questões identitárias/cidadania;
- Combinar atividades e exercícios que valorizem, simultaneamente, a descoberta e a interrogação, a aprendizagem prática e a compreensão conceptual, a expressão pessoal e a reflexão individual e coletiva;
- Desenvolver a reflexão crítica sobre os conhecimentos, sobre as interpretações possíveis e que promovam espírito de inquérito e capacidades de agir, utilizando processos de pensar e de fazer artísticos para resolver problemas num futuro que desejamos mais sustentável.<sup>97</sup>

As Aprendizagens Essenciais para a disciplina de Oficina das Artes estão estruturadas por Domínios, comuns às disciplinas da Educação Artística,

---

<sup>96</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/12\\_oficina\\_de\\_artes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_oficina_de_artes.pdf)

<sup>97</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/12\\_oficina\\_de\\_artes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_oficina_de_artes.pdf)

designadamente: Apropriação e Reflexão; Interpretação e Comunicação; Experimentação e Criação.<sup>98</sup>

Dentro dos objetivos pré-definidos para cada domínio, no mesmo documento, lista-se que o aluno deve ficar capaz de:

Relativamente ao domínio de Apropriação e Reflexão:

Analisar as diferentes manifestações artísticas e outras realidades visuais, mobilizando diferentes critérios estéticos;

Demonstrar consciência e respeito pela diversidade cultural e artística;

Compreender as características da linguagem das artes visuais em diferentes contextos culturais;

Compreender o desenho como forma de pensamento comunicação e criação nas variadas áreas de produção artística, tecnológica e científica;

Conhecer em profundidade processos artísticos como modo de intervenção na sociedade e comunidade;

Aplicar com fluência a gramática da linguagem visual;

Dominar o desenho como forma de pensamento e comunicação;

Refletir sobre temas de identidade e do quotidiano utilizando referências da arte contemporânea;

Dominar processos de questionamento.

No domínio de Interpretação e Comunicação:

Comunicar, utilizando discursos multimodais recorrendo a técnicas variadas;

Interpretar a multiplicidade de respostas das artes visuais na contemporaneidade;

Interpretar vivências de modo a construir narrativas que se podem concretizar nas variadas áreas da produção artística contemporânea;

---

<sup>98</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/12\\_oficina\\_de\\_artes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_oficina_de_artes.pdf)

Refletir sobre vivências que tenham tido mostras de arte.

E finalmente no domínio de Experimentação e Criação:

Manipular com intencionalidade os diferentes processos artísticos;

Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo;

Intervencionar criticamente, no âmbito da realização plástica, na comunidade em que está inserido;

Transformar os conhecimentos adquiridos nos seus trabalhos de um modo pessoal;

Elaborar discursos visuais informados e criativos utilizando metodologias de trabalho faseadas;

Romper limites para imaginar novas soluções;

Experimentar materiais, técnicas e suportes com persistência;

Concretizar projetos artísticos temáticos individuais e de grupo partindo do desenho;

Dinamizar intervenções artísticas colaborativas no âmbito da cidadania e da sustentabilidade pessoal, social e ambiental;

Apresentar publicamente um portefólio de produto em forma digital e física;

Organizar exposições com os projetos e produções multidisciplinares.<sup>99</sup>

A presente Unidade de prática de ensino supervisionada decorreu no segundo período. O programa da disciplina relativo ao mesmo é o seguinte:

Módulo 2 – Projecto Artístico (Questões Permanentes)

---

<sup>99</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/12\\_oficina\\_de\\_artes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_oficina_de_artes.pdf)

## 1. – Projecto e Objecto

## 2. – Representação expressiva e representação rigorosa das formas e do espaço<sup>100</sup>

No caso da presente Unidade Didática, centra-se no ponto 1. Projeto e Objeto que contém os seguintes temas/conteúdos:

### 1. PROJECTO E OBJECTO

#### 1.1. Conceito(s) de Projecto

#### 1.2. O Projecto como sistema de relações transversais a várias áreas

#### 1.3. Do Projecto ao Objecto

#### 1.4. Metodologias do Projecto<sup>101</sup>

Apresentando como objetivos:

- Identificar diferentes conceitos de Projecto;
- Entender o Projecto como uma realidade múltipla e multifacetada;
- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto;
- Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projecto;
- Estruturar um Projecto.

Como conceitos essenciais contém: Projecto; Metodologia Projectual; Objecto; Objecto Artístico; Objecto de Design.

---

<sup>100</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/Curso\\_de\\_Artes\\_Visuais/oficina\\_artes\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/oficina_artes_12.pdf)

<sup>101</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/Curso\\_de\\_Artes\\_Visuais/oficina\\_artes\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/oficina_artes_12.pdf)

Como sugestões metodológicas apresenta o seguinte:

Após a abordagem dos conceitos essenciais, importa motivar o aluno para as escolhas temáticas dos Projectos a desenvolver, sendo conveniente:

– Identificar as semelhanças e diferenças que se podem estabelecer entre Projectos, em casos concretos diversificados; Usar técnicas de seriação e síntese dos problemas, bem como os processos possíveis de coordenação das matérias, em ordem à estruturação de um Projecto. Propor aos alunos a estruturação de um Projecto, tendo em vista:

- a) A enunciação clara do problema a resolver;
- b) A definição de objectivos, enquadrando aspectos que tenham em conta os limites e grau de funcionalidade da proposta de solução para o problema enunciado;
- c) A identificação dos elementos que deverão constituir e integrar o desenvolvimento do Projecto;
- d) A identificação das disponibilidades tecnológicas (matérias, materiais e instrumentos) que, considerando a simulação do objecto/produto final, permitam resolver as primeiras hipóteses formais orientadas para a prossecução do projecto;
- e) A exploração de técnicas e meios visando soluções inovadoras;
- f) O ensaio de modelos;
- g) A programação e realização do Projecto, tendo em conta uma resolução posterior ao nível da simulação ou do protótipo;

h) Apresentação do projecto à comunidade escolar.<sup>102</sup>

#### 4.6 Orçamento

O orçamento para a realização da atividade prática dentro da Unidade Didática, foi consolidado pela mestranda, por forma a exemplificar a exequibilidade da atividade a um valor aceitável, afim de servir de modelo para a escola cooperante ou outras escolas, como projeto viável, enriquecedor e interessante para os alunos realizarem. Elaborou-se então um orçamento para mais tarde ser entregue a escolas como proposta de projeto, onde apesar do seu valor monetário não ser o mais acessível, daria oportunidade de todos os alunos participarem, independentemente das suas capacidades financeiras. O alginato foi cinquenta e oito euros, dos oito pacotes adquiridos, sobraram dois, sendo que cada pacote serve essencialmente para três mãos, daria para mais seis alunos. A saca de gesso de 30kg teve o custo de seis euros e quarenta cêntimos, tendo sobrado metade da mesma, podendo eventualmente servir para outra turma realizar o mesmo projeto. Foram também adquiridos recipientes para elaborar os moldes, bem como instrumentos de mistura. O total estimado entre todos os materiais acima descritos foi de cerca de setenta euros. Correspondendo então ao valor de quatro euros e onze cêntimos por aluno.

#### 4.7 Planificação

Tabela 1. Grelha de planificação da Unidade Didática. Fonte: própria.

Produto	Recursos	Tempo designado (a cada turno)
Introdução teórica da Unidade (Apresentação)	Questionário inicial; Tela de projeção; Computador; Videoprojector.	1 aula de 90 minutos 9/3/2020
Projeto de instalação colaborativa (conceito; delineação da	Materiais riscadores; Suportes para esboços. Computadores.	1 aula de 90 minutos 11 e 12/3/2020

<sup>102</sup> Retirado do documento

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/Curso\\_de\\_Artes\\_Visuais/oficina\\_artes\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/oficina_artes_12.pdf)

ideia; patrono)		
Moldes tridimensionais das mãos dos alunos	Alginato; Recipientes; Gesso; Água; Máquina fotográfica.	1 aula de 90 minutos 16/3/2020
Concretização / Realização da ideia	Teques; Materiais a designar pelos alunos.	1 aula de 90 minutos 18 e 19/3/2020
Entrega do documento de projeto/ Avaliação e reflexão final	Questionário final. Suportes para escrita e materiais riscadores.	1 aula de 90 minutos 23/3/2020

A presente Unidade Didática foi planeada para ser implementada em cinco aulas a cada turno, em que a primeira aula consiste num brainstorming em conjunto onde se escreve a palavra Identidade e se forma um gráfico de ideias no quadro negro onde os alunos contribuiriam com palavras que associassem ao termo “Identidade”. Após aceitar todas as sugestões e até se chegar à fração mais científica da identidade como por exemplo “ADN” ou “impressão digital”, utilizar-se-ia o mesmo método com a expressão “Cultura”. O objetivo seria aliciar os alunos no caminho da cultura local, dando pistas até que chegassem ao patrono da sua escola, Tomás Leal da Câmara. Assim com este exercício, os alunos desenvolvem os raciocínios uns dos outros, trabalhando em equipa sem se aperceberem e redefinem com mais clareza os termos seleccionados. O gráfico no quadro com ambas as chuvas de ideias serve também para fazerem a ligação que se pretende entre Identidade e Cultura nesta Unidade Didática.

De seguida dá-se a apresentação do trabalho pedido (apresentação por slides em apêndice 4) onde se especifica que a instalação colaborativa será a união dos moldes das suas mãos com Leal da Câmara. De seguida questiona-se os alunos sobre o que são moldes e para que servem e que método achavam ser utilizado no trabalho sugerido. Apresenta-se a calendarização da atividade, para alertar os alunos de que em duas semanas a ideia para a instalação teria de estar decidida e os moldes elaborados. Alerta-se também os alunos de que a exposição final será na Casa-Museu do patrono Leal da Câmara e que para reconhecimento do espaço e melhor entendimento da sua história, arte e contexto, que se iria organizar uma visita extracurricular à Casa-Museu, com a



mestranda e os alunos de ambos os turnos. Referindo também que no final do projeto terão de entregar um Documento de Projeto onde devem colocar todas as fases, desde biografia do patrono, a registos da visita, a esboços, a memória descritiva da ideia e documentação fotográfica do processo. Explicou-se o procedimento dos moldes em alginato e terminou-se com o slide “Ideias?” a sugerir que iniciassem a conversa em turma para discutir possibilidades e vias de trabalho. Demonstra-se também exemplos de moldes elaborados pela mestranda como um punho, visando exemplificar o resultado da prática dos moldes e o molde de uma orelha da mestranda, fruto de um trabalho académico, pintada ao estilo de Van Gogh, essa peça também uma mistura de identidade e cultura.

Na segunda aula faz-se consolidação da visita de estudo e aborda-se o tema Igualdade de Género, utilizando como ponto de partida as convicções feministas tanto do patrono como da sua esposa Júlia Leal da Câmara e forma-se um diálogo sobre este problema social e formas de o contornar e ultrapassar. Após esse diálogo, inicia-se ou dá-se continuidade ao *brainstorm* iniciado na aula anterior e falado no fim da visita de estudo. Os alunos decidem a ideia após troca de opiniões, sugestões e críticas construtivas. Decidem-se também a posição das mãos a imortalizar nos moldes, tendo em conta a necessidade de estrutura de algumas posições e a possível interação com objetos.

A terceira aula seria inteiramente dedicada à elaboração dos moldes, com a ajuda da Professora Doutora Marta Frade, orientadora deste projeto. O procedimento consiste na mistura do alginato com água nas devidas proporções, na imobilização da mão do aluno no recipiente por aproximadamente três minutos até ocorrer a solidificação do alginato. Elaborar o gesso utilizando gesso em pó e água e a retirada da mão e o enchimento do molde com o gesso até à sua solidificação. De seguida o retirar do recipiente e do alginato até à revelação da peça no seu interior. Imagens do processo no Power Point apresentado aos alunos em apêndice 4.

A quarta aula destina-se ao polimento de quaisquer imperfeições que se tenham manifestado nas peças e ajustar pormenores práticos em relação à peça final de cada turno (montagem, materiais, localização e outros fatores relativos aos objetos selecionados pelos alunos). É também a aula onde se irá efetivar decisões sobre a exposição final, em termos de localização, organização dos espaços, folheto de entrada

e caderno de anotações para visitantes expressarem a sua opinião, designação do percurso feito pelos expectadores, entre outros.

A quinta e última aula servirá o propósito de entrega do documento final e consolidação dos conteúdos lecionados no projeto. Dialogar com os alunos sobre o que foi aprendido, o que poderia ter sido melhorado e o seu grau de satisfação e entusiasmo com a exposição final, a realizar após a conclusão do projeto. Será também um espaço de avaliação onde os alunos se auto avaliam como membro e como grupo de trabalho e onde expressam a sua opinião sobre o projeto e o seu desenvolvimento e metodologia utilizada.

Em apêndice 5 apresenta-se uma grelha de planificação a médio prazo, elaborado pela mestranda e pela professora cooperante a resumir a planificação da Unidade Didática, bem como uma tabela correspondente a cada aula planeada, também elaboradas em conjunto com a professora cooperante Mariana Azevedo, em Apêndice 6.

#### **4.8 Metodologia Projetual**

Para a delineação prévia do projeto dos alunos, de modo a ter um desenvolvimento organizado e coeso, utilizou-se a metodologia projetual previamente adoptada pela professora cooperante Mariana Azevedo no projeto anterior com a turma. A familiaridade do processo e a sua ordem fez sentido para estipular e desenhar os passos a seguir pelos alunos.

Trata-se do Método de Resolução de Problemas, apontado pela autora Luísa Abalada da Universidade do Algarve (2012)<sup>103</sup> e sugerido pelo Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem<sup>104</sup>. Bruno Munari na sua obra *Das Coisas Nascem Coisas* (1981), também referido pela autora, delineia um esquema resumindo a metodologia e as suas etapas. A saber: Problema; Definição do Problema; Componentes do Problema; Recolha de Dados; Análise dos Dados; Criatividade; Materiais/Tecnologias; Experimentação;

---

<sup>103</sup> <http://docplayer.com.br/8188419-Universidade-do-algarve-intervencao-nos-espacos.html>

<sup>104</sup> [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_cn\\_programa\\_cn\\_2c\\_ii.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_cn_programa_cn_2c_ii.pdf)

Modelo; Verificação; Desenho Construtivo; Solução. A forma de resolver o problema aplica-se a qualquer problemática desde que se conheça os valores objetivos. Munari afirma “Por exemplo, se eu afirmar que misturando, amarelo-limão com azul-turquesa se obtém verde, quer se use têmpera, óleo, acrílicos ou pastéis, estou a afirmar um valor objetivo. Não se pode dizer: “para mim o verde obtém-se misturando o vermelho com o castanho.” Num caso destes consegue-se um vermelho sujo, em certos casos um teimoso dirá que para ele isso é um verde, mas será apenas para ele e para mais ninguém.” (Munari, 1981)

Luísa (2012) refere ainda que o método de resolução de problemas apresentado pelo Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem é o seguinte esquema: Situação; Problema; Investigação; Projeto; Realização; Avaliação/Testagem.”

Este método é meramente orientativo, um processo que ajuda os alunos a adquirirem a noção de projeto e de métodos de resolução de problemas, contribuindo para a eficácia e organização nas suas vidas profissionais. Uma ferramenta e rampa de lançamento que aprimorará a criatividade dos alunos.

Demonstra-se então a metodologia utilizada na Unidade Didática relatada:

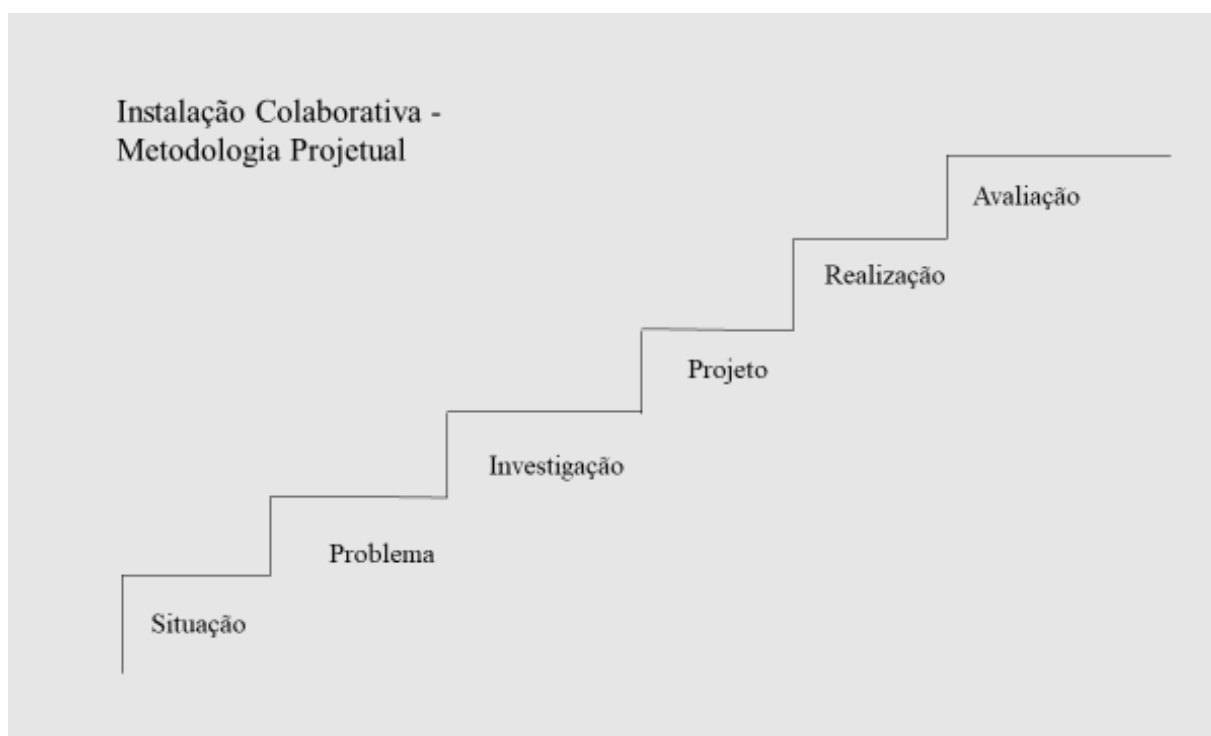


Figura 26. Gráfico de Metodologia Projetual. Fonte própria.

#### **4.9 Surto de Covid 19 – adaptações e alterações**

No dia 2 de março de 2020 o primeiro caso de Covid 19 chegou a Portugal<sup>105</sup>, dia 16 de março de 2020 todas as escolas fecharam<sup>106</sup>. Coincidiu com a data da terceira aula, pelo que adaptações e alterações tiveram de ser implementadas, nomeadamente foi efetuado um plano de trabalho para os alunos produzirem em casa. Perante a adversidade de ausência de salas de aula e de aulas presenciais, professores em todo o país e todo o mundo, viram-se obrigados a adaptar os seus métodos e práticas de ensino face às novas condições impostas pela chegada do surto do novo Coronavírus. Em apêndice 7 é possível consultar a grelha contendo um plano de trabalho à distância. Foi pedido aos alunos em fases premeditadas pela professora cooperante, que avançassem com partes do documento de projeto e a entrega das respetivas fases fosse via correio eletrónico. A professora cooperante em conversações com a direção da Escola Secundária Leal da Câmara obteve autorização para com todas as medidas de segurança e prevenção possíveis, a terminar o projeto com os alunos em turnos separados, no fim de junho. Conclusão essa que se realizou nos dias 16/06/2020 e 19/06/2020, com todas as medidas de segurança da DGS<sup>107</sup>, todos os alunos usaram máscara e desinfetaram as mãos à entrada. Houve também distanciamento na medida do possível.

#### **4.10 Relatório das aulas lecionadas**

##### **Aulas anteriores ao projeto**

No final do anterior projeto dos alunos “Terra, Mar, Amar / Mare Nostrum” a consolidação e reflexão final mostrou-se de grande importância pois os alunos debateram sobre os seus trabalhos escultóricos, os imprevistos naturais e humanos, sobre adaptações de última hora. Um dos alunos refere que apesar do seu trabalho ser individual que a ajuda dos colegas na montagem facilitou o processo. O mesmo aluno afirma ainda que os restantes colegas da escola não têm respeito pelos trabalhos. A professora cooperante afirma que ao intervirem e pedirem educadamente aos colegas para não mexerem no trabalho que muda mentalidades sobre o património escolar. Os alunos refletem ainda na interpretação do público e leitura das peças. Este diálogo ajudou os alunos a aprenderem sobre os obstáculos que podem surgir durante e após a conclusão do projeto, sobre o cuidado, a adaptação e a importância da organização e gestão do espaço numa exposição. Esta aprendizagem contribuirá para um melhor

<sup>105</sup> <https://expresso.pt/sociedade/2020-03-02-Ministra-confirma-primeiro-caso-positivo-de-coronavirus-em-Portugal>

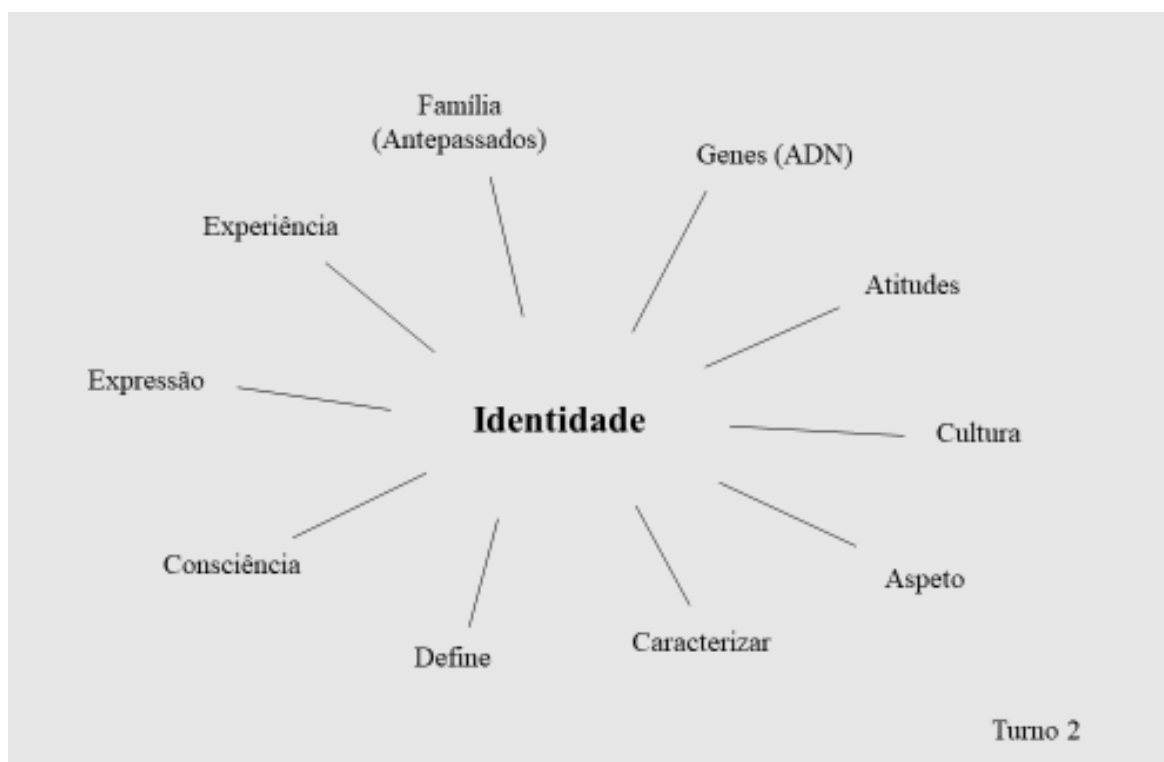
<sup>106</sup> <https://www.dn.pt/pais/covid-19-governo-fecha-escolas-a-partir-de-segunda-feira-11922363.html>

<sup>107</sup> Direção Geral de Saúde

cálculo sobre a perspectiva do observador e a sua leitura dos trabalhos. Para quem faz arte não basta apenas a intenção e a materialização, há também a ponderação sobre a perspectiva do observador, a sua leitura e a sua própria interpretação.

### **Primeira aula – 09/03/2020**

Na primeira aula lecionada iniciou-se com a chuva de ideias sobre identidade e cultura. Todas as sugestões foram aceites e as professoras não deram respostas, apenas sugestões para que os alunos chegassem à expressão ou palavra desejada. Visto tratar-se de dois turnos distintos, é possível identificar um contraste em ambos os resultados, observemos:



*Figura 27. Relação de palavras a Identidade - turno 2. Fonte: própria.*



Figura 28. Relação de palavras a Identidade - turno 1. Fonte: própria.

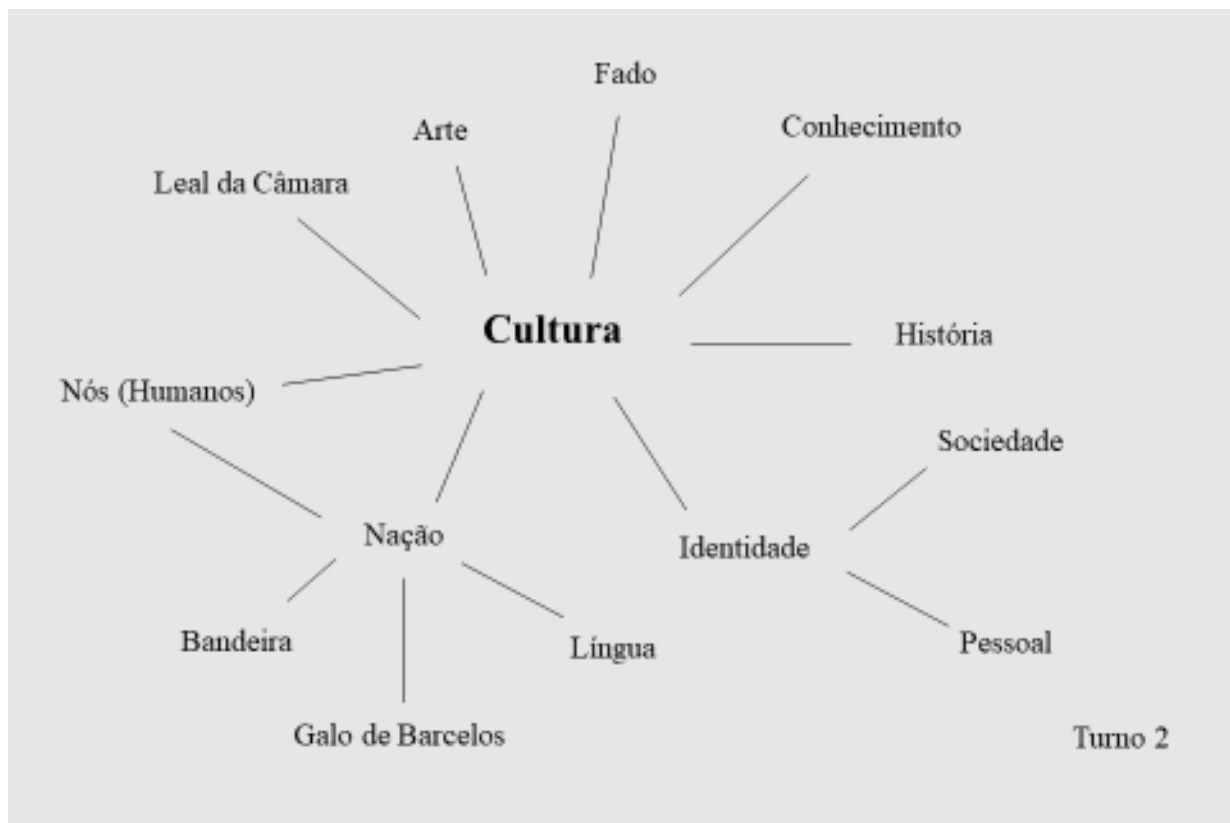


Figura 29. Relação de palavras a Cultura - turno 2. Fonte: própria.





Figura 30. Relação de palavras a Cultura - turno 1. Fonte: própria.

O segundo turno presenciou esta aula primeiramente em relação ao primeiro, portanto existiu menos desenvolvimento em comparação. A professora cooperante, entre ambas as aulas, sugeriu fornecer mais pistas e desenvolver cada tópico com os alunos, resultando numa maior quantidade de palavras e mais precisas em relação ao tema que se pretende abordar.

Ao apresentar a proposta de trabalho aos alunos do segundo turno os mesmos aceitaram bem, mostrando entusiasmo por experienciarem um material novo para eles. Referiram prontamente ideias para a instalação colaborativa e não acharam o trabalho muito exigente. Concordaram com a visita de estudo fora do seu horário letivo e combinaram a data com a mestrandia.

As ideias sugeridas pelo segundo turno na primeira aula foram através dos moldes das mãos, posicioná-las de forma a formar um retrato de Leal da Câmara; A partir da rotina do artista as mãos segurarem objetos referentes à mesma, mostrando a parte humana do artista, depois um dos alunos completou esta ideia com um roteiro pela Casa Museu com os objetos da rotina, o que se viu complicado para concretizar visto que uma parte da casa de Leal da Câmara está para uso residencial privado da herdeira de D. Júlia Leal da Câmara. Referiram também a ideia de suspender as mãos, mas a viabilidade de meios

de instalação não era a mais fácil de obter autorização de concretização; Um dos alunos sugeriu também as mãos a referenciar várias culturas, representação dos países por onde Leal da Câmara viajou; Um aluno sugeriu também as mãos segurarem objetos riscadores de forma a simular o fabrico de uma pintura ou desenho; Sugeriram contar-se a história de vida do artista através das mãos; Sugeriram pegar na sátira característica das obras de Leal da Câmara e utilizar assuntos da atualidade para satirizar, utilizando a mesma ferramenta que o artista utilizou.

O primeiro turno como referido acima foi-lhes pedido um desenvolvimento mais profundo nas chuvas de ideias, a professora cooperante fez a ligação entre a impressão digital e o trabalho dos moldes, de modo a fazer compreender o propósito conceptual do trabalho. Os alunos, tal como o turno anterior, receberam bem o trabalho e não acharam exigente, mostrando igual interesse no processo dos moldes das mãos. Em relação à dinâmica de grupo na altura de sugerir ideias, demonstrou ser um grupo mais individualista e menos unido. Uma aluna sugeriu a mesma ideia quatro vezes e outro aluno sugeriu utilizar um dos seus trabalhos antigos sobre o patrono e colocar no meio do círculo formado com os moldes das mãos. Este turno também sugeriu trabalhar a rotina do artista; Outra aluna sugeriu abordar o escrutínio e julgamento de que o artista foi alvo pela corte, obrigando ao seu exílio, e utilizar as mãos a pontar para o artista como forma de sensibilização à sua determinação e luta pela liberdade de expressão; Outra aluna sugeriu colorir as mãos com estampas saloias, tema que o artista abordou na sua fase final de carreira; Outra ideia era suspender as mãos na árvore do jardim da Casa-Museu; Um aluno sugeriu também a utilização de linguagem gestual, imortalizando uma frase através dos moldes das mãos dos alunos. Outra ideia foi a de segurar objetos que sejam associados ao Leal da Câmara, que acabou por ser unânime a decisão de que seria essa a ideia mais prática e eficaz.

### **Visita de estudo – 10/03/2020**

A visita à Casa-Museu foi extracurricular por vários motivos: devido aos alunos terem todas as tardes livres, por a maioria morar em Rio de Mouro e perto do local da visita e por serem já de uma idade em que são responsáveis e independentes. A visita correu de forma excecional, os alunos apresentaram-se exemplarmente bem-comportados, atentos e respeitadores do Sr. Élvio, o guia designado. O Sr. Élvio referiu ser uma visita que dificilmente iria esquecer pois era a primeira vez que uma turma realizava uma visita em que vinha por própria vontade. Os alunos converteram esta oportunidade em estudo de espaço, observando e fazendo reconhecimento da área com que irão trabalhar e inspirarem-se para aprimorarem as suas ideias.

## Segunda aula – 11/03/2020 e 12/03/2020

A segunda aula desempenhou o papel de consolidação da visita de estudo e da ideia da peça de instalação colaborativa de cada turno. Serviu também para falar de tópicos que não se havia falado na aula anterior, no caso do primeiro turno a conservação de moldes e a sua importância. Abordou-se também a igualdade de género, fazendo ponte com o que o Sr. Élvio contou sobre a D. Júlia Leal da Câmara, que acreditava que uma mulher que estudasse e fosse independente financeiramente poderia ser livre. E incitava as suas alunas a prosseguir estudos. Aproveitou-se então essa ponte para abordar a igualdade de género, fazendo questões morais aos alunos sobre o tema, e lendo factos sobre o estudo *“Tackling social norms a game changer for gender inequalities”* de 2020, ao que alguns alunos reagiram com dúvidas, afirmando que também havia desigualdade para o sexo masculino. As desigualdades foram discutidas entre todos. Um dos alunos afirma achar a religião a culpada pela desigualdade existente nos dias de hoje. Após chegar-se à conclusão de que é necessária mudança na forma como educamos as crianças, no sistema laboral e corporativo e em termos salariais, passou-se para a decisão final da ideia da instalação e a decisão das respetivas posições das mãos dos alunos para na aula seguinte se proceder à elaboração dos moldes. Ambos os turnos ficaram com as ideias definidas nesta aula, bem como as respetivas posições das mãos, verificando-se assim ambas as ideias:

O primeiro turno quis basear-se na visita à casa-museu, utilizando como referência os objetos lá encontrados, querendo utilizá-los com os seus moldes das mãos, como que incorporando o Leal da Câmara dentro de cada um dos alunos. Estes objetos simbolizam a vida e o percurso do artista. Os objetos são: uma miniatura do seu diabrete Ex libris<sup>108</sup>, elaborado pela aluna em questão, uma das suas obras mais reconhecidas e representativas da personalidade artística de Leal da Câmara; muitos dos objetos os alunos optaram pois encontram-se expostos na Casa-Museu como os seus pincéis, os seus óculos, o seu cachimbo, a sua régua, as cartas, os livros e os azulejos com o seu símbolo, visível à entrada do pátio, os corações coroados presentes por toda a casa bem como nos móveis desenhados pelo artista e finalmente a bandeira portuguesa apenas com as cores vermelho e verde, retratada desta forma pelo artista em algumas obras. Os alunos visitaram o jardim e consideraram um local viável para a exposição das peças, apoiadas em cima de plintos brancos ou de madeira, efetuando um contraste cromático com a natureza circundante.

---

<sup>108</sup> [http://2.bp.blogspot.com/-kxJVNs6kYrU/URPF9i6AnsI/AAAAAAAAAFTY/hLEKiLUon08/s1600/p25\\_s.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-kxJVNs6kYrU/URPF9i6AnsI/AAAAAAAAAFTY/hLEKiLUon08/s1600/p25_s.jpg)

O segundo turno resolveu colocar as suas mãos, cada uma a simbolizar valores que Leal da Câmara defendia, juntos num painel branco, organizado de forma lógica. Os moldes no painel formarão um triângulo invertido, símbolo da água, do sangue, representando luta, trabalho, esforço, família e o equilíbrio. Sendo um deles um símbolo de coração nas mãos, o limite inferior do triângulo, retratado por tinta ou lápis de cera derretido a escorrer pelo molde da mão do aluno, uma coroa partida, simbolizando o fim da luta de que Leal da Câmara fez parte em terminar com a monarquia, o rosto silenciado como símbolo da censura e exílio que sofreu, pela falta de liberdade de expressão. Duas mãos, uma segurando a outra, uma das mãos com um anel representante da corte e outra mão suja representando o povo, tema que o artista abordava constantemente nas suas obras. Uma das mãos com o gesto de alcance, como que a sair do painel, representando a sua liberdade ao retornar ao seu país de origem. Um punho com pincéis entre os dedos, remanescente ao super-herói *Wolverine*, neste caso simbolizando a arma que Leal da Câmara utilizou para aclamar a sua verdade, os materiais riscadores que utilizou para as suas obras contra a monarquia, o seu inimigo. Uma das mãos torcida de modo a simular que se encontra a escrever no próprio painel, simbolizando a astúcia do artista em expressar-se de formas irreverentes. E finalmente um fio de prumo, no início e a meio do triângulo, com o mesmo suspenso até ao centro da peça, representando o equilíbrio, a justiça e a inteligência envolvida na arte, tanto do artista, como dos alunos. Na forma como todos os elementos se conjugam na luta pela liberdade artística. Símbolos de luta, perseverança, resistência, coragem, justiça, valores que o patrono defendeu arduamente durante todo o seu percurso.

Após o fecho das escolas foi elaborado um plano de trabalho em colaboração com a professora cooperante (consultar apêndice 7) onde se designou por partes a confeção do documento de projeto que os alunos devem entregar no final da Unidade Didática, cujos conteúdos se encontram designados no apêndice 8.

Dia 15/06/2020 a mestranda participou na sessão de zoom com a maior parte da turma, para esclarecimento sobre as datas das aulas extra e esclarecimento de quaisquer dúvidas. Relembrou-se também aos alunos que estudassem a posição da sua mão e levassem os objetos correspondentes, de forma a ter-se uma noção precisa do espaçamento que a mão iria necessitar para que encaixasse com os objetos escolhidos pelos alunos.

Graças à flexibilidade e compreensão por parte da Direção da escola e diálogos com a professora cooperante, foi concedida autorização para duas aulas de uma hora, uma para cada turno, com todas as medidas de segurança e higiene. As duas aulas deram-se nos dias 16/6/2020 e 19/6/2020 pelas 12h15. As aulas foram aproveitadas para a confeção dos moldes, nas posições previamente decididas pelos alunos. Os alunos de ambos os turnos receberam a experiência com muito entusiasmo e curiosidade, uns cooperando mais que outros e demonstrando sempre interesse no desmolde e no resultado. Em baixo apresentam-se fotografias tiradas pelos alunos e pelas professoras de todo o processo prático. A execução dos moldes foi feita inicialmente dois alunos de cada vez, de modo a agilizar o processo.



*Figura 31. Mistura do alginato com água. Fonte: própria.*



*Figura 32. Imobilização das mãos. Fonte: própria.*

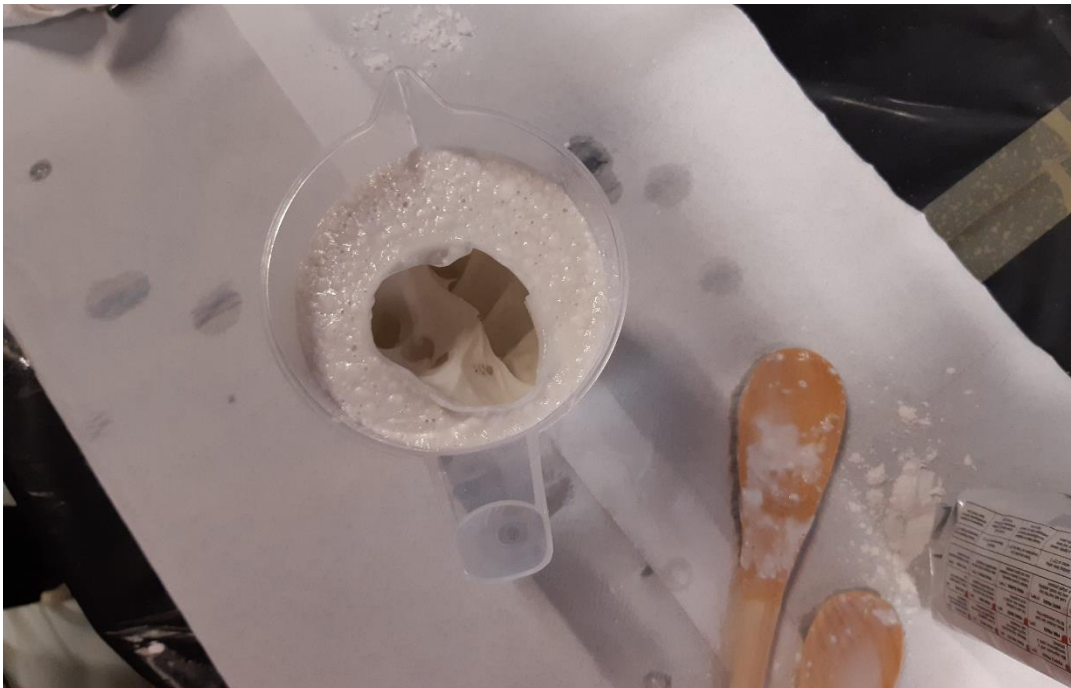


*Figura 33. Confeção do gesso para enchimento do molde. Fonte: própria.*





*Figura 34. Retirada gentil da mão do aluno do molde. Fonte: própria.*



*Figura 35. Molde resultante. Fonte: própria.*

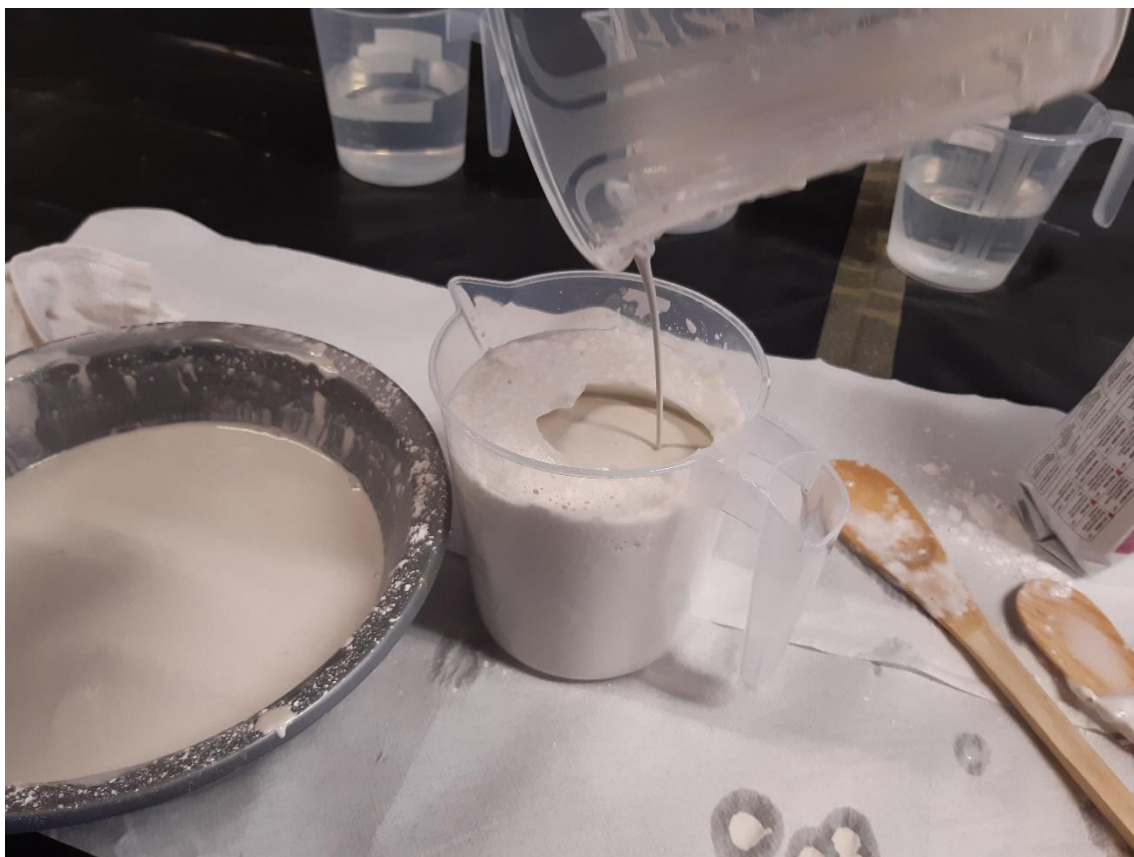


Figura 36. Preenchimento do molde com gesso. Fonte: própria.



Figura 37. Desmolde de uma das peças. Fonte: própria.





*Figura 38. Desmolde de uma das peças. Fonte: própria.*

Seguem-se registros fotográficos das mãos resultantes:



*Figura 39. Mão silenciadora. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Fonte: própria.*



*Figura 40. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 1. Fonte: própria.*



*Figura 41. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 2. Fonte: própria.*





*Figura 42. Mão da corte e mão do povo. Molde em alginato elaborado através do método de contramolde utilizando ligaduras de gesso e gesso. Com a ajuda da professora orientadora Marta Frade. Perspetiva 3. Fonte: própria.*



*Figura 43. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 44. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 45. Mão que segura o lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 46. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*





*Figura 47. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*



*Figura 48. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria.*



*Figura 49. Mão que segura a carta. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4. Fonte: própria.*



*Figura 50. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 51. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 52. Mão que segura o cachimbo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*





*Figura 53. Mão que segura a coroa. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 54. Mão que segura a coroa. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*





*Figura 55. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 56. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*



*Figura 57. Mão que segura o coração. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 58. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 59. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1 em detalhe. Fonte: própria.*





*Figura 60. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 61. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 62. Mão que segura os óculos. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4.  
Fonte: própria.*





*Figura 63. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1. Fonte: própria.*



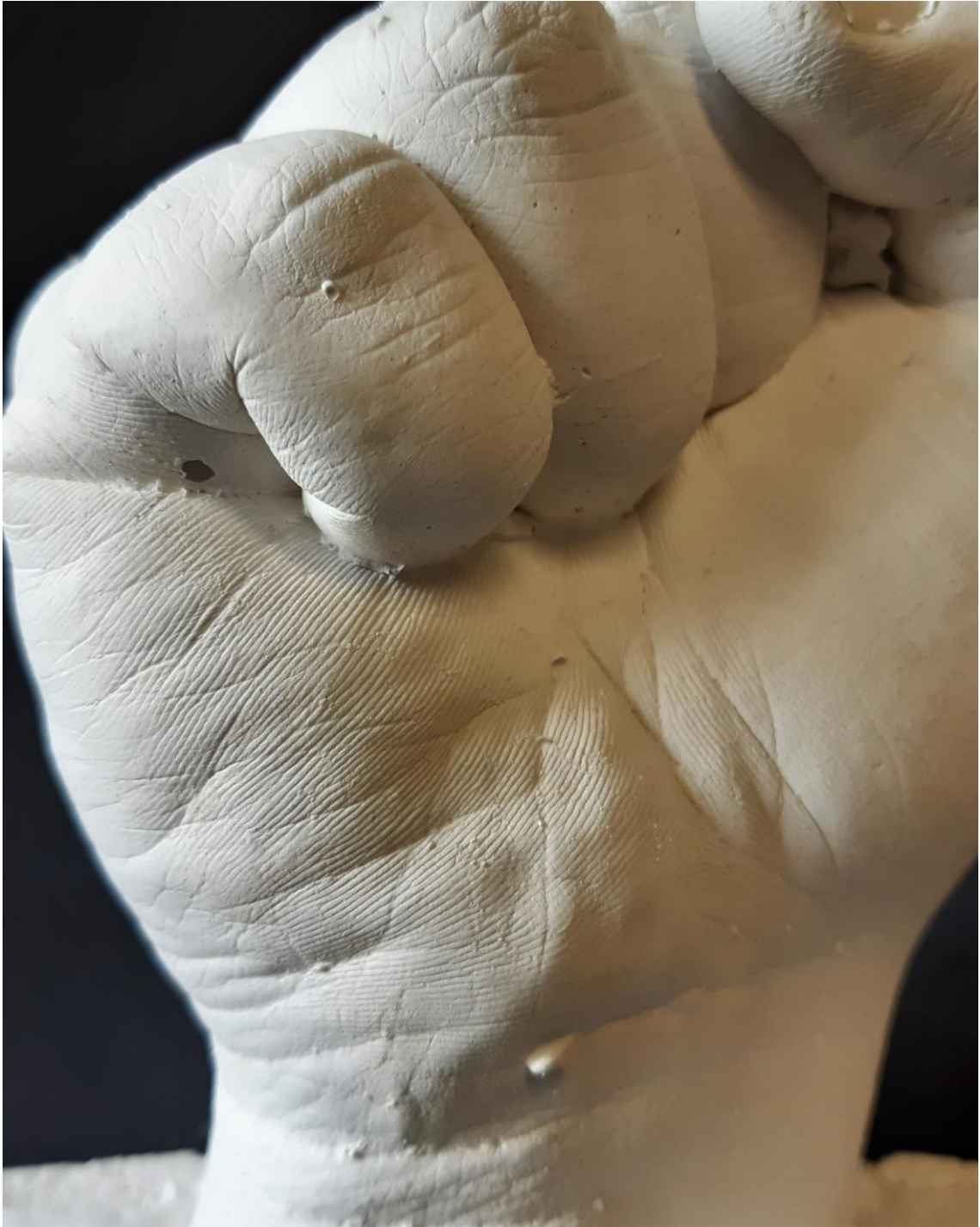
*Figura 64. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*



*Figura 65. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria.*



*Figura 66. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 4. Fonte: própria.*



*Figura 67. Mão de Wolverine cujas garras são pincéis e lápis. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1 - detalhe. Fonte: própria.*

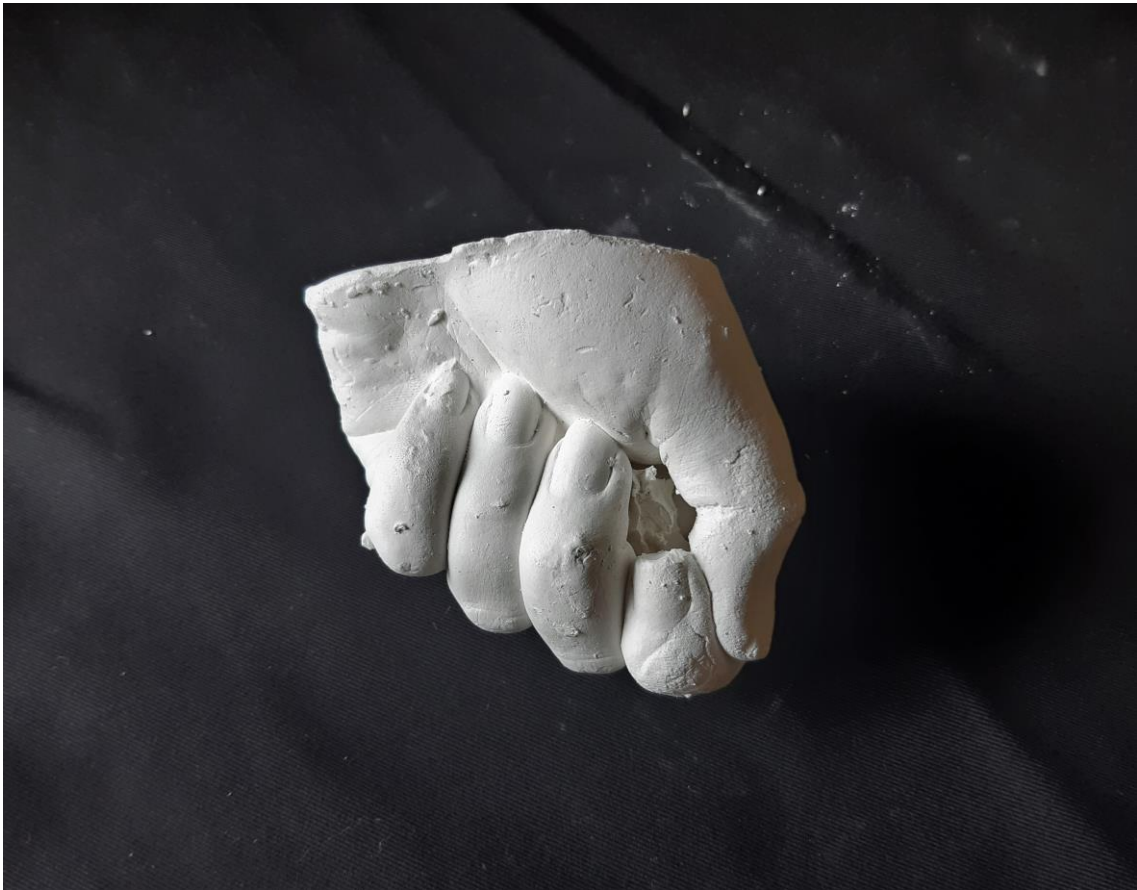




*Figura 68. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 69. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 70. Mão que segura a bandeira. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*





*Figura 71. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 72. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.2.  
Fonte: própria.*



*Figura 73. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 74. Mão que emerge do painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 75. Mão que segura o livro. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 76. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*





*Figura 77. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*





*Figura 78. Mão que sustenta o diabrete. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 79. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 80. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 81. Mão que escreve no painel. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3.  
Fonte: própria.*



*Figura 82. Mão que apoia o azulejo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*



*Figura 83. Mão que apoia o azulejo. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2. Fonte: própria.*





*Figura 84. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 1.  
Fonte: própria.*





*Figura 85. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 2.  
Fonte: própria.*



*Figura 86. Mão que segura a régua. Molde em alginato cujo contramolde foi o recipiente utilizado. Perspetiva 3. Fonte: própria.*

A última sessão via Google Meets com os alunos passou-se dia 24/06/2020. Nessa mesma aula obteve-se as impressões dos alunos sobre o trabalho, as suas aprendizagens e dificuldades, falando cada aluno da sua experiência individual. Alguns pontos importantes foram abordados. A maioria dos alunos achou a experiência inovadora, útil e importante. E sobre o projeto de estágio de prática profissional supervisionada vários alunos apontaram aspetos relevantes tais como: o facto de uma professora estagiária estar presente no projeto anterior a esta Unidade Didática e contribuir para os projetos anteriores dos alunos; O facto da professora estagiária estar na reta final do percurso académico e os alunos irem iniciar esse processo, uma das alunas afirmou ser importante “ver ambos os lados da moeda”; Apontaram também o facto de ter sido didática a abordagem prática com materiais novos, onde “sujassem as mãos.” Três alunas referiram que o curso de Artes Visuais foi uma desilusão no sentido em que o desenho é priorizado enquanto que a escultura se aborda “pouco ou nada”, apesar de estar no programa. E que esta Unidade foi a redenção por conseguirem ter de facto essa experiência prática que tanto queriam. Outra aluna referiu que foi bom terem colocado “o papel de lado” e terem trabalhado uma parte da escultura mais conceptual, mais prática e mais contemporânea. Uma outra aluna referiu que esta Unidade a ajudou a decidir o seu futuro académico.

Um dos aspetos realçados pelos alunos foi também o projeto ter o fim de exposição fora da comunidade escolar. Não se tratar de uma exposição escolar e ser mais pessoal e legítimo, definindo a identidade dos alunos como artistas locais e não apenas como alunos da Escola Secundária Leal da Câmara. Duas alunas apontaram esse aspeto como sendo bastante importante. A professora cooperante afirma ter sido uma experiência enriquecedora e o ponto alto do ano letivo, pois também não conhecia o material e afirmou que de facto há uma tendência no que toca ao bidimensional no ensino secundário. A professora e os alunos são da opinião que o curso de artes visuais apesar de dar abertura para a tridimensionalidade, há um comodismo e conforto no bidimensional que priva os alunos de experimentar novos materiais e envergar a sua criatividade numa nova dimensão. Foi com muito orgulho que três alunas confiaram à mestrandia que seguiriam escultura como curso académico e valorizaram o “experimentar novos materiais e abordar mais a escultura que dentro do curso de artes visuais apesar de estar no programa não é muito abordado pelos professores.”

## **V. Análise dos resultados**

### **5.1 Critérios de avaliação**

Os critérios de avaliação utilizados para a presente Unidade Didática basearam-se em tabelas de planificação a médio prazo elaboradas em conjunto com a professora cooperante, consultando os critérios de Oficina de Artes e de Desenho A, meses antes da implementação da Unidade e são os seguintes:

Avaliação Formativa (sistemática e continua)

- . Poder de observação
- . Capacidade de interpretar /registar;
- . Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais;
- . Capacidade de leitura/ análise de imagens;
- . Domínio dos meios de representação;
- . Invenção criativa e Interesse;
- . Formulação de questões pertinentes;
- . Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;
- . Persistência na aprendizagem;

- . Empenho no trabalho;
- . Aquisição e compreensão de conhecimentos;
- . Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.
- . Grelha de registo do Desenvolvimento Pessoal e Social referida nos instrumentos de avaliação.

A grelha de planificação a médio prazo encontra-se completa em apêndice 5.

Foram também elaboradas as planificações de Unidade diária, que se encontram completas em apêndice 6. Os critérios são os descritos acima, distribuídos por pertinência de conteúdos.

## **5.2 Instrumentos de avaliação**

Para atitudes e valores, foi elaborada uma tabela com os indicadores de desenvolvimento pessoal e social, tratando-se dos mesmos para todas as aulas, alguns evidenciados pela sua relevância quanto à aula específica. Veja-se então:

Parâmetros de avaliação na grelha de registo de comportamentos:

Uso adequado do tempo de aula;

Utilização apropriada do material;

Cumprimento de normas;

Cumprimento de prazos;

Uso de feedback para orientação;

Tolerância e respeito pelo outro;

Cooperação/Espírito de entreaajuda;

Comportamento adequado.

Sendo que o mais valorizado é o parâmetro de “Cooperação/Espírito de entreatajuda” ao longo de todas as aulas, na aula prática dos moldes valorizou-se o anteriormente referido mais a “Utilização apropriada do material” e o “Uso de feedback para orientação”. A grelha completa encontra-se em apêndice 9, sendo que os nomes dos alunos foram excluídos por motivos de privacidade e proteção dos mesmos.

Para consolidação do projeto foi elaborado em conjunto com a professora cooperante um documento com os níveis de desempenho máximo e mínimos para avaliação individual de cada aluno. Esta grelha corresponde aos conteúdos pedidos no documento de Projeto a entregar no final da Unidade, abrangendo as fases de Investigação, Projeto, Realização e Apresentação/Avaliação, sendo que as duas últimas seriam no terceiro período, caso não tivesse surgido o surto de COVID19.

Na parte investigativa foi pedido que os alunos tratassem a pesquisa de informação sobre o Leal da Câmara (tema da Unidade Didática) com uma biografia sumária, feitos e contributos como docente e artista, para o qual os alunos utilizaram informações online e informações dadas pelo guia na visita extracurricular à Casa Museu do artista, bem como exemplos fotográficos de obras e do seu percurso. Devem também incluir uma pesquisa sobre o que é Arte Colaborativa. Na fase de projeto devem abordar o desenvolvimento da ideia do grupo com ajuda de esboços, ponderar e justificar a escolha da ideia selecionada em relação às outras ideias consideradas, falar ou considerar intervenção plástica na peça (facultativo), estudos de cor, tais como o contraste entre a peça e o local selecionado, a implantação no espaço e justificar o espaço selecionado, fotografias auxiliares, a memória descritiva e justificativa e a apresentação do documento. O documento com o nível máximo de desempenho encontra-se completo em apêndice 10. O documento com os níveis de desempenho considerados encontra-se completo em apêndice 11. Na aula de apresentação foi entregue aos alunos uma tabela de autoavaliação com os elementos descritos acima para que pudessem tomar conhecimento dos parâmetros de avaliação acima descritos e a mesma encontra-se em apêndice 8.

### 5.3 Resultados

A forma de avaliar os alunos viu-se alterada como consequência do surto de COVID19. Os critérios e conteúdos foram avaliados diferentemente no sentido em que após a segunda aula, os alunos iniciaram a investigação sobre o patrono e a pesquisa sobre arte colaborativa nas suas casas, em confinamento obrigatório. Na aula prática autorizada pela direção com a duração de uma hora os alunos receberam todos a classificação máxima, dadas as circunstâncias. A presente Unidade Didática seria supostamente um complemento de avaliação no segundo período, acabando por se prolongar até ao final do terceiro. Pelo que os alunos foram avaliados maioritariamente pela professora cooperante, que em conversações com a escola beneficiou os alunos com um valor extra no segundo período a nível de participação e beneficiou no terceiro, com a classificação da aula prática, conferindo a opinião da mestranda em relação a tal. A avaliação à pesquisa sobre Leal da Câmara e sobre Arte Colaborativa foi também efetuada pela professora cooperante Mariana Azevedo, que avaliou da seguinte forma:

*Tabela 2. Grelha de avaliação da Unidade Didática. Elaborada pela professora cooperante Mariana Azevedo.*

INVESTIGAÇÃO- LEAL DA CAMARA	INVESTIGAÇÃO - ARTE COLABORATIVA	MOLDES - MÃOS
147	100	200
144	115	200
98	80	200
109	90	200
119	64	200
168	163	200
167	120	200
129	129	200
151	90	200

166	145	200
129	115	200
179	151	200
119	100	200
117	129	200
166	116	200
167	125	200
158	164	200

A média resultante da investigação sobre Leal da Câmara foi de 14.3 valores e a média resultante da investigação sobre Arte Colaborativa foi de 11.7 valores. Note-se que ambas as investigações foram elaboradas em contexto de pandemia mundial, pelo que se pode considerar como fator adjudicante a pouca motivação, e consequentemente uma patologia no desempenho. Como referido acima a mestrande e a professora cooperante tomaram a decisão de favorecer os alunos na aula prática, valorizar a presença e participação. Assim sendo, a média resultante dos três elementos de avaliação da Unidade Didática foi de 15.4 valores.

## **VI. Conclusão**

### **6.1 Discussão de resultados**

O presente relatório representa o percurso de estágio curricular realizado, que visou desenvolver aptidões de planificação e lecionação no contexto de prática pedagógica, bem como a reflexão e entendimento dos efeitos do ensino-aprendizagem inerentes à Unidade Didática criada e implementada. A Unidade Didática relatada neste documento foi desenvolvida para e pelos alunos do 12º ano do Ensino Secundário, na Escola Secundária Leal da Câmara.

Iniciou-se o projeto com os alunos a partir de uma chuva de ideias sobre identidade e cultura. Tratou-se de uma ferramenta de diálogo com os alunos para ouvir os seus contributos, bem como analisar a forma como comunicam com os colegas e como complementam as linhas de raciocínio uns dos outros, servindo como introdução à colaboração que se seguia. De seguida apresentou-se o projeto aos alunos com a maior clareza e concisão possíveis,



As dificuldades que se apresentaram ao longo da Unidade Didática centraram-se com causas e consequências da COVID19. As primeiras aulas pré surto correram como planeado, os alunos ficaram aliciados e curiosos por experimentarem um material novo e mostraram cooperação e criatividade com a ideia de trabalharem em arte colaborativa contemporânea. Quando surgiu o surto houve uma mudança soberba na planificação da Unidade, na execução e uma incerteza se seria possível concluir o projeto ou não. Obteve-se uma descida abismal na motivação dos alunos, que dadas as circunstâncias, a professora cooperante e a mestranda reduziram a quantidade de trabalho pedido e ainda assim, a parte teórica poderia ter sido melhor executada, com mais cuidados e mais dedicação (havendo alunos que não aproveitaram as sugestões e oportunidades de melhoramento dos trabalhos). Alguns alunos simplesmente se desligaram das atividades curriculares e das aulas online, alguns deles não presenciaram nenhuma das 22 realizadas pela professora cooperante. Do documento de projeto pedido no início do projeto, apenas três fases das sete pedidas foram realizadas a saber, a pesquisa sobre Leal da Câmara, a pesquisa sobre Arte Colaborativa e as reflexões sobre cada fase do projeto.

Em forma de análise à aula prática com os moldes podemos concluir que é uma atividade que interessa aos alunos, no sentido de se tratar de um material novo para eles e de lhes permitir ter uma réplica de uma parte de si, torna a experiência pessoal e intimista. Em termos de dificuldades a gestão de tempo condicionou a secagem do gesso e consequentemente a leitura de algumas peças, bem como dificuldades em conseguir gerir o tempo de aula no sentido de tirar tempo para explicar detalhadamente o processo aos alunos. O maior conflito de toda a Unidade foi mesmo tentar concretizar todos os moldes, ensinando com calma e espaçadamente todos os passos do processo, reconhecendo que não existiu essa oportunidade, dado que elaborar os moldes de todos os alunos no escasso espaço de uma hora e ter o tempo de acompanhar e explicar detalhadamente a cada um deles foi de facto impraticável. Embora todos os alunos tenham tido a oportunidade de experienciar em primeira mão todos os passos do processo de moldagem, alguns podem não ter assimilado completamente devido à rapidez necessária para concluir a atividade na sua hora delineada, com limpeza do espaço incluída. Houve dificuldades em termos de manejo do material, mais concretamente sobre a consistência do alginato e as quantidades e proporções a colocar. Na confeção do gesso também existiram divergências nas quantidades utilizadas, no sentido em que algumas dasavas o gesso ficava demasiado espesso e devido à gestão de tempo, teria de se confeccionar o gesso enquanto o aluno imobilizava a mão no alginato, de modo a agilizar o processo. Em relação à sujidade, apesar das precauções, de se ter colocado um plástico no chão para evitar a mesma, existiu sempre alguma, mas

foi facilmente resolvida pela mestrande e pela professora cooperante no final, inclusive com a ajuda de alguns alunos. Ainda relativamente ao material, o único aspeto incontornável é o seu custo, porque apesar de ser didático e recompensador para os alunos, é um custo elevado e muitas escolas podem não ter a segurança e estabilidade financeira para compartilhar o mesmo.

## **6.2 Avaliação da Unidade Didática**

Um dos documentos entregue aos alunos, para avaliação da Unidade Didática e respetiva avaliação à prestação da mestrande, apenas 11 dos 17 alunos entregaram o documento preenchido à professora cooperante, sendo a avaliação dos alunos ao projeto refletida com base nos documentos entregues. Os mesmos entregues completos encontram-se no apêndice 3. O critério fornecido pela aluna estagiária foi de 1 a 5 pontos/valores sendo que 1 representa - Não me agradou e 5 - Adorei. Em relação à prática dos moldes, os alunos classificaram em média de 4.63 pontos. Relativamente à instalação (neste caso como projeto visto que não se realizou dadas as circunstâncias de pandemia) uma média de 4.45 pontos. No que diz respeito à Unidade em geral resultou numa média de 4.63 pontos. E finalmente a respeito da prestação da professora estagiária foi atribuída uma média de 4.72 pontos.

Em relação ao feedback/comentários dos alunos, superou as expectativas e creio que todos os objetivos foram concretizados (mesmo diante das circunstâncias e obstáculos que o projeto enfrentou). De seguida apresenta-se partes das suas reflexões e considerações finais, estando as da professora cooperante cortadas por apresentar os dados dos alunos e as reflexões distribuídas pela mestrande estando disponíveis na íntegra em apêndice 12, dado que os alunos se encontram inidentificáveis. Os comentários seguintes são, portanto, retirados de ambos os documentos:

**Na execução dos moldes, foi a melhor parte, foi algo bastante fácil de fazer, e foi também bastante divertido, onde todos conseguimos participar a ajudar uns aos outros, acho que não existiu assim nenhuma dificuldade a fazer os moldes.**

*Figura 87. Reflexão contínua de um dos alunos sobre a aula prática dos moldes. Fonte: professora cooperante Mariana Azevedo.*

Comentário adicional (opcional)

**A professora estagiária mostrou bastante interesse tanto no projeto como em ajudar os alunos e acho que tivemos relações positivas perante ambos os lados**

Refira o que este projeto significou para si:

**Para mim o projeto foi bom porque podemos explorar**

**Algo diferente do habitual, tinha capacidades**

**Para ser melhor se tivesse sido como planeado**

**Porem não foi possível infelizmente**

Figura 88. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.

Refira o que este projeto significou para si:

Este projeto trouxe mais interesse pela escultura e das formas como pode ser abordada.

Algo bastante pessoal, dado a relevância da individualidade nas nossas obras.

Figura 89. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.

Comentário adicional (opcional)

Obrigada Professora Inês por indiretamente através desta experiência me ter feito refletir e escolher o meu futuro.

Refira o que este projeto significou para si:

O projeto teve muito significado para mim como pessoa e aluna porque eu estava com dúvidas sobre o curso e faculdade que iria seguir e com este trabalho consegui refletir, pensar e escolher o meu futuro. Também me fez adquirir conhecimentos básicos em relação a escultura o que foi algo bastante importante e divertido e educacional. Obrigada professora Inês.

Figura 90. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.

Refira o que este projeto significou para si:

Apesar de não termos concluído o projeto devido às circunstâncias, gostei do facto de termos de trabalhar em conjunto/turma para atingirmos um objetivo.

Foi muito boa a oportunidade de podermos fazer moldes das nossas mãos, esta foi uma experiência onde conhecermos um material novo que pessoalmente nunca tinha experimentado.

Figura 91. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.

**Refira o que este projeto significou para si:**

Gostei muito deste projecto, independentemente da possibilidade da instalação final. Acho importante a implantação de actividades como estas na disciplina de Oficina de Artes. É uma boa forma de mostrar outras possibilidades no mundo das artes como a Instalação. É algo em que estou muito interessada e ter esta experiência ajuda a conhecer mais deste meio. Acredito que também tenha despertado curiosidade aos meus colegas de turma.

Sinto que com estes projectos colectivos criamos uma maior conexão entre a turma. Gostei muito de trabalhar para este projecto, de fazer esta experiência a uma escala maior e de usar materiais diferentes do habitual. Sem deixar de mencionar a possibilidade de expormos num espaço público e muito requisitado como a Casa-Museu Leal da Câmara.

*Figura 92. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

**Refira o que este projeto significou para si:**

**Eu gostei muito do projeto pois foi uma experiência nova.**

*Figura 94. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

**Comentário adicional (opcional)**

Gostei muito da prestação da professora Inês neste projeto. Para além de profissional foi muito amigável e simpática e só espero que ela consiga alcançar os seus objetivos, como professora e como pessoa!

**Refira o que este projeto significou para si:**

Gostei muito deste projeto porque nunca tinha trabalhado com gesso nem com alginato e gostei muito da experiência! Para além disso gostei do facto de ser um trabalho colaborativo onde todos tínhamos de trabalhar para alcançar o objetivo da instalação!

*Figura 93. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

**Refira o que este projeto significou para si:**

**Para mim foi uma nova experiencia da qual gostei muito e achei bastante interessante**

*Figura 95. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

Refira o que este projeto significou para si:  
Foi um projeto interessante totalmente diferente daquilo a que estava habituado.

---

*Figura 96. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

Refira o que este projeto significou para si:  
O projeto significou bastante para mim, já que raramente fizemos projetos colaborativo sem ser com o objetivo de ser para a escola, acredito que conseguimos deixa-lo mais pessoal e deu-nos boas bases do que queremos seguir e explorar melhor várias formas de arte.

*Figura 97. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

Comentário adicional (opcional)  
Na minha opinião a professora Inês é e vais ser uma professora muito boa porque acho q quem consegue não ficar “chateado” comigo é um professor com uma grande paciência e no geral a professora foi sempre muito interativa e amigável, mas também muito perspicaz durante a fase de trabalho!

Refira o que este projeto significou para si:  
Para mim foi um projeto importante de certa forma pois foi a primeira vez que usei gesso e alginato e se calhar a última e foi também a primeira “aula/trabalho” da professora Inês o que só por si já tem um valor muito grande e não só para mim, mas acho que também para a professora Inês.  
Adorei este trabalho e obrigado pela oportunidade à professora Inês!

*Figura 98. Reflexão final de um dos alunos sobre a globalidade do projeto. Fonte: própria.*

Refletindo sobre o feedback dos alunos é possível concluir que a maioria tomou partido e valorizou o projeto por envolver experimentação de novos materiais e a introdução de um novo processo artístico. O objetivo desta Unidade era que trabalhassem em conjunto, aprendessem a argumentar, a expôr as suas ideias e sentimentos com educação e respeito e que entrassem cognitivamente no processo artístico contemporâneo. Os alunos expressaram o entusiasmo em trabalhar em torno de uma exposição destinada a uma exposição fora do contexto de agrupamento/escola, realçando a importância de

independência que iriam ter do meio escolar. Crê-se que este sentimento provém de uma vontade de conexão com o mundo da arte e o sentir que também são artistas fora do território escolar.

Refletiram também sobre a abordagem à escultura na área das Artes Visuais no Ensino Secundário, refletiram que sentem que a escultura é de algum modo negligenciada pelos professores, apesar de se encontrar no programa de estudos. Uma aluna afirma que “quando foi para artes achava que ia sujar mais as mãos” e que tal não aconteceu. Este aspeto é caso para se investigar, o porquê de os professores não evidenciarem a pintura e a escultura, e priorizarem o ensino do bidimensional aos seus alunos.

Em forma de conclusão, afirma-se com convicção que apesar das instalações colaborativas não terem chegado a ganhar forma física, os objetivos continuaram a ser cumpridos. Os objetivos de trabalho de equipa, de descoberta, de criatividade e de saber-fazer foram atingidos. Esta Unidade teve um impacto na forma dos alunos verem a arte, a conservação e abriu possibilidades no mundo da escultura, que era o pretendido com este projeto.

### **6.3 Futuros Desenvolvimentos**

Este projeto trouxe à luz um problema recorrente no ensino secundário na área das Artes Visuais quanto ao desleixo com o ensino da escultura e a subvalorização do desenho. Este caso não é único, dado que na experiência de ensino secundário da mestranda o mesmo aconteceu, tendo envergando pela via académica da escultura sem ter tido contacto prévio com materiais de moldar, ou seja, pelas palavras dos alunos, materiais “que sujem as mãos”. Nos tempos de hoje em que existe uma sobrecarga de estímulos audiovisuais através da tecnologia, é importante que os alunos tenham contacto com materiais e texturas novas, interação com a tridimensionalidade e com a visão no espaço num modo literal e não só de um modo hipotético, como acontece na geometria descritiva. Tais exercícios contribuiriam para alastrar a sua criatividade e as suas bases artísticas. Espera-se, portanto, que este projeto traga mais interesse e mais abordagem à escultura e à tridimensionalidade no ensino secundário.

## Referências bibliográficas

12.º ano - Ensino secundário, Oficina de artes (2018) Aprendizagens essenciais | Articulação com o perfil dos alunos. República Portuguesa - Educação. Disponível: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/12\\_oficina\\_de\\_artes.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/12_oficina_de_artes.pdf)

ABALADA, Luísa Fernanda Moura. (2012). Intervenção nos Espaços. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Universidade do Algarve. Disponível: <http://docplayer.com.br/8188419-Universidade-do-algarve-intervencao-nos-espacos.html>

Agrupamento de Escolas Leal da Câmara. (2018). Projecto Educativo 2018-2022. Sintra. Disponível: [http://www.aelc.pt/files/escola/pe/PE\\_2018\\_2022.pdf](http://www.aelc.pt/files/escola/pe/PE_2018_2022.pdf)

ALMEIDA, L., & FREIRE, T. (2003). Metodologia da investigação em psicologia da educação. Braga: Psiquilibrios.

ARIAS, Patricio Guerrero (2002). La Cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidade, la diversidad, la alteridade y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala. Disponível: [https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1009&context=abya\\_yala](https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1009&context=abya_yala)

AUSUBEL, David ; HANESIAN, Helen ; NOVAK, Joseph D. (1968) Education Psychology: A Cognitive View.

Autor desconhecido. (s/d). Multiples, Fragments, Assemblages. Musée Rodin. Disponível: <http://www.musee-rodin.fr/en/resources/educational-files/multiples-fragments-assemblages>



Autor desconhecido. (s/d). The Fortune Teller. Metropolitan Museum of Art. Disponível: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/60.30/>

Autor desconhecido. (s/d). The Goddess Durga Slaying the Demon Buffalo Mahisha. Metropolitan Museum of Art. Disponível: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1993.7/>

Autor desconhecido. (s/d). The Hand of Rodin. Metropolitan Museum of Art. Disponível: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/204715>

BASTOS, Paulo Bernardino; LOPES, Maria Manuela. (2016) Participação colaborativa: reflexões sobre práticas enquanto artistas visuais. International Meeting of Art and Technology #15. Disponível: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/Manuela\\_e\\_Paulo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/Manuela_e_Paulo.pdf)

BERNARDINO, Arminda. (2008). O desenho caricatural de Leal da Câmara na coleção da Casa Museu da Rinchoa (1895-1915), Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa: Lisboa. Disponível: [file:///C:/Users/35191/Downloads/18104\\_ULFBA\\_TES301%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/35191/Downloads/18104_ULFBA_TES301%20(1).pdf)

BUCKINGHAM, David. (2008) "Introducing Identity." Youth, Identity, and Digital Media. In The John D.

CALÉ, Maria. (2017). Construção de Identidade e Emancipação em Educação Artística. Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Educação Artística apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa: Lisboa. Disponível: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32360/2/ULFBA\\_TES1087\\_Dissertacao5712.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32360/2/ULFBA_TES1087_Dissertacao5712.pdf)

Câmara Municipal de Sintra. (2005). Casa Museu Leal da Câmara - Manual Pedagógico 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico. C.M. Sintra, 2005. Disponível: [http://2.bp.blogspot.com/-kxJVNs6kYrU/URPF9i6AnsI/AAAAAAAAAFTY/hLEKiLUon08/s1600/p25\\_s.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-kxJVNs6kYrU/URPF9i6AnsI/AAAAAAAAAFTY/hLEKiLUon08/s1600/p25_s.jpg)

CHAVES, Débora (2016) Moldes: Conservação e Restauro – Artísticos. Trabalho realizado para a cadeira de Conservação e Restauro III. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa: Lisboa.

Comissão para a igualdade no trabalho e no emprego. (s/d). Porque é importante falar em Igualdade de género actualmente?. In Caderno prático para a integração da igualdade de género na caritas em Portugal. Fascículo I. Disponível: [Http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/cadernocaritas Fasciculo I.pdf](http://cite.gov.pt/asstscite/downloads/caritas/cadernocaritas_Fasciculo_I.pdf)

Creative Commons Attribution-ShareAlike License. (2020). The Creation of Adam. Disponível: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Creation\\_of\\_Adam](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Creation_of_Adam)

CRESWELL, J. W. (2010). Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed.

Decreto Lei no 17/2012. (2012). Recomendação sobre Educação para a Cidadania. Em Diário da República II Série. N.º 17 (24.01.2012) (pp. 2821-2824). Lisboa: Direção Geral de Educação. Disponível: [http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec\\_Ed\\_Cidadania.pdf](http://www.cnedu.pt/content/antigo/images/stories/2011/PDF/Rec_Ed_Cidadania.pdf)

Decreto Lei no 54/2018. (2018). Em Diário da República I Série. N.º 129 (06.12.18) (pp. 2918-2828). Lisboa: Direção Geral de Educação. Disponível: <https://dre.pt/application/conteudo/115652961>

DILLENBOURG, Pierre. (1999). What do you mean by collaborative learning. In Dillenbourg, P. Collaborative learning:cognitive and computational approaches. (pp.1-

19) Oxford: Elsevier. Disponível: <http://tecfa.unige.ch/tecfa/publicat/dil-papers-2/Dil.7.1.14.pdf>

Direção Geral de Educação. (2019). Cidadania e Desenvolvimento. Disponível: <https://cidadania.dge.mec.pt/>

Direção-Geral da Educação. (2013). Educação para a Cidadania – linhas orientadoras. Disponível: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao\\_para\\_cidadania\\_linhas\\_orientadoras\\_nov2013.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_para_cidadania_linhas_orientadoras_nov2013.pdf)

EARLEY, Caitlin ; FELLOW, Jane ; FELLOW, Morgan. (2016–17) Hacha in the Shape of Bound Hands. Metropolitan Museum of Art. Disponível: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1979.206.1042/>

Equipe Editorial. (2020) O que é instalação? Saiba tudo aqui. Arteref. Disponível: <https://arteref.com/instalacao/o-que-e-instalacao-saiba-tudo-aqui/>

ESTRELA, Albano. (1994). Teoria e prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores (4a Edição ed.). Porto: Porto Editora.

FERREIRA, Samuel. (2016) A mão, técnica como pensamento. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Disponível: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28494/2/ULFBA\\_TES\\_983.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28494/2/ULFBA_TES_983.pdf)

FONTES, Alice. & FREIXO, Ondina. (2004). Vigotsky e a aprendizagem cooperativa. Lisboa: Livros Horizonte.

FRADE, Marta (2016), “A importância do ensino dos moldes na Reabilitação, Conservação e Restauro de Estuques Decorativos em gesso: técnica tradicionais e modernas” Revista Matéria Prima Vol. 4 (2): 72-82. Disponível: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26211/2/ULFBA\\_MatPrima\\_V4\\_2\\_p72-82.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26211/2/ULFBA_MatPrima_V4_2_p72-82.pdf)

FRADE, Marta (2018) Conservação e Restauro de Esculturas em Gesso Valorização, Metodologia, Ensino Volume I. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Disponível:

[file:///C:/Users/35191/Downloads/ULFBA\\_TES1212\\_vol.I\\_tese%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/35191/Downloads/ULFBA_TES1212_vol.I_tese%20(3).pdf)

FRANÇA, Marta Marques (2018) Pés nas representações artísticas, Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, Mestrado em Ensino de Artes Visuais, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa: Lisboa.

Disponível:

[file:///C:/Users/35191/Downloads/ulfpie053104\\_tm%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/35191/Downloads/ulfpie053104_tm%20(2).pdf)

GONÇALVES, Luísa & ALÍRIO, Emília. (2005). Programa De Oficina De Artes, 12º Ano, Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Ministério da Educação.

Disponível:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos\\_Disciplinas\\_novo/Curso\\_de\\_Artes\\_Visuais/oficina\\_artes\\_12.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/oficina_artes_12.pdf)

GRAÇA, Tânia. (2016) A aprendizagem colaborativa no contexto do ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84311/2/137329.pdf>

GROYS, Boris. (2009) Politics of Instalation. E-flux, Journal #2. Disponível: <https://www.e-flux.com/journal/02/68504/politics-of-installation/>

HONOUR, Hugh & FLEMING, John. (1982) A World History of Art. Laurence King; 7th Revised edition (2009).

Human Development Perspectives. (2020). Tackling social norms a game changer for gender inequalities.

Disponível:

[https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma\\_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html](https://www.arabstates.undp.org/content/rbas/en/home/library/huma_development/tackling-social-norms-a-game-changer-for-gender-inequalities.html)

LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G., & BOUTIN, G. (1994). Investigação qualitativa: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget.

LOURO, Lúcia (2016) Moldes em Conservação e Restauro, Trabalho realizado para a cadeira de Laboratório de Conservação e Restauro III, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa

LOZANO, Elisa. El molde en la arte. (2007): Tecnologías y estrategias para la creación artística.

MARCIA, James. (1980). Identity in adolescence. In Handbook of Adolescent Psychology. P. 109-131. Disponível: [file:///C:/Users/35191/Downloads/Identity\\_in\\_adolescence.pdf](file:///C:/Users/35191/Downloads/Identity_in_adolescence.pdf)

MCCABE, Cynthia. (1984) Artistic Collaboration in the Twentieth Century. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press: EUA.

Ministério da Educação. (1991) Programa de Ciências da Natureza. Disponível: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_cn\\_programa\\_cn\\_2c\\_ii.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_cn_programa_cn_2c_ii.pdf)

MONTEIRO, Dinora (2016) Moldes de Produção Artística vs Moldes de Conservação e Restauro, Trabalho policopiado para a cadeira de Laboratório de Conservação e Restauro III, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa

MONTEIRO, Rosa. [et. al.] Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. XXI Governo Constitucional, República Portuguesa. Disponível: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/estrategia\\_cidadania\\_original.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/estrategia_cidadania_original.pdf)

MOREIRA, Fernando. CARVALHAS, M. Lúcia. Escola Secundária Leal da Câmara · 1986-2006 · Memória de 20 anos. (2007) Lisboa: Escola Secundária Leal da Câmara

MUNARI, Bruno. (1981). Das coisas nascem coisas. Lisboa: Edições 70.

NOELLE, Alexander J. & KELLY, Chelsea Emelie. (2019). Leonardo da Vinci's 'Study of Hands'. Disponível: <https://www.thoughtco.com/leonardo-da-vincis-study-of-hands-183299>

OLIVEIRA, Diana Filipa da Silva. (s/d) Educação para a Cidadania: um desafio da escola actual. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra: Coimbra. Disponível: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/185.pdf>

PONTE, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), Reflectir e investigar sobre a prática profissional (pp. 5-28). Lisboa: APM.

PRATS, Llorenç. (2005). Concepto y gestión del patrimonio local em Cuadernos de Antropología Social Nº 21, pp. 17-35. Universidad de Buenos Aires. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180913910002.pdf>

REIS, Catarina. (2020) Governo fecha todas as escolas a partir de segunda-feira até dia 9 de abril pelo menos. Diário de Notícias. (12-03-2020) Disponível: <https://www.dn.pt/pais/covid-19-governo-fecha-escolas-a-partir-de-segunda-feira-11922363.html>

SANTOS, Jorge. (2014) Público(s) de Arte Contemporânea- A Exposição Joana Vasconcelos no Palácio Nacional da Ajuda. ISCTE IUL: Lisboa.

SARDENBERG, Trajano. [et al.] (2002). A evolução da representação da mão nas artes plásticas. Departamento de Artes da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-78522002000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-78522002000300003)

SCHWARZ, Alice. (s/d). Hands. Metropolitan Museum of Art. Disponível: <https://www.metmuseum.org/connections/hands#/Feature/>

SILVA, Rui Duarte. (2020) Ministra confirma primeiro caso positivo de coronavírus em Portugal. Expresso. (02-03-2020) Disponível: <https://expresso.pt/sociedade/2020-03-02-Ministra-confirma-primeiro-caso-positivo-de-coronavirus-em-Portugal>

SILVA, Susie Barreto; MENDES, Rosicléia Lopes Rodrigues. (s/d) A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo. Brasil Escola. Disponível: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm>

SOUSA, A.B. (2009). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte.

Teachnology, Inc. (s/d). Should sculpture be taught in schools? Disponível: [https://www.teach-nology.com/teachers/subject\\_matter/arts/sculpture/](https://www.teach-nology.com/teachers/subject_matter/arts/sculpture/)

TEIXEIRA, Pedro Anjos, (2006) Tecnologias da Escultura, Câmara Municipal de Sintra, Sintra, p.51.

TUCKMAN, B. (2005). Manual de investigação em educação. Lisboa: Gulbenkian.  
Metodologia de investigação. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa: Lisboa.  
Disponível:  
[https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod\\_resource/content/0/PPT\\_\\_metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://elearning.ulisboa.pt/pluginfile.php/306842/mod_resource/content/0/PPT__metodologia%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf)

WASEM, Marcelo ; MORAES, Mariana. (2015). Possíveis aberturas da obra de arte colaborativa: Dispositivos, ressonâncias e territórios acionáveis. 24º Encontro da Associação de Pesquisadores em Artes plásticas. Disponível: [http://Anpap.Org.Br/Anais/2015/Simposios/S10/Marcelo\\_Wasem\\_Mariana\\_Moraes.Pdf](http://Anpap.Org.Br/Anais/2015/Simposios/S10/Marcelo_Wasem_Mariana_Moraes.Pdf)





## Apêndice 1 - Questionário Inicial

<http://www.albrechtdurer.org/praying-hands/>

### Apêndices

#### MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS

#### Disciplina – Iniciação à Investigação Educacional

#### Caracterização do contexto e dos participantes do estudo.

No âmbito do mestrado em Ensino das Artes Visuais venho solicitar-vos a resposta a este questionário para conhecer algumas características dos alunos da turma. Os dados são confidenciais, anónimos e apenas serão utilizados no âmbito deste mestrado.

#### Questionário

Género: Feminino ☐ Masculino ☐ Outro ☐

Idade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Agregado familiar: \_\_\_\_ (nº de elementos)

Escolaridade do Pai: \_\_\_\_\_

Escolaridade da Mãe: \_\_\_\_\_

Computador: Sim ☐ Não ☐

Acesso à Internet: Sim ☐ Não ☐

Deslocação p/ a escola (tempo): \_\_\_\_\_ Meio de transporte: \_\_\_\_\_

1- Disciplinas preferidas:	
2- Disciplinas de que gostas menos:	
3- Área artística preferida:	
4- Curso superior desejado:	
5- Profissão desejada:	
6- Caracteriza- te como aluno em três palavras:	

7- Caracteriza- te como pessoa em três palavras:	
--	--

No âmbito de um trabalho para a disciplina de Didáctica das Artes Plásticas:

Que **cor** associas ao conceito de escola? (especifica a cor) \_\_\_\_\_

Que **palavra** associas à escola? \_\_\_\_\_

Obrigada pela contribuição 😊 Inês Costa

## Apêndice 2 - Reflexão Contínua



RELATÓRIO / REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO  
 PROJETO: *A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O  
 contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o  
 Contemporâneo.*

Trabalho de estágio da aluna estagiária – Inês Costa

**Nome do(a) aluno(a):**

---

Disciplina: OFICINA DE ARTES

Professora: Mariana Azevedo

Professora Estagiária: Inês Costa

## ANO LETIVO 2019/2020

Fase da **INVESTIGAÇÃO** (a partir de uma visita ao museu Leal da Camara):

Fase do **PROJETO** (instalação colaborativa)

Fase da **Realização**

Proposta de classificação final.

### Apêndice 3 – Questionário final



#### MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS

##### Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

○ ○ ○ ○ ○

O que achou da unidade de trabalho da instalação?

1 2 3 4 5

○ ○ ○ ○ ○

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

○ ○ ○ ○ ○

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

○ ○ ○ ○ ○

Comentário adicional (opcional)

---

Refere o que este projecto significou para ti:

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

Apêndice 4 - Power Point apresentado aos alunos



Identidade

Cultura



## Objetivo

Moldes das mãos  
(ponto de partida físico)

Tomás Leal da Câmara  
(ponto de partida temático)

Instalação Colaborativa



# Calendarização

**9/3** – Apresentação e Brainstorm

**11 e 12/3** – Brainstorm e definição das posições das mãos

**16/3** – Moldes das mãos

**18 e 19/3** – Polimento das peças e planeamento da peça final

**23/3** – Entrega do Documento de Projecto e Avaliação

Montagem da peça para exposição com data a definir

# Avaliação

Documento de projeto deve incluir:

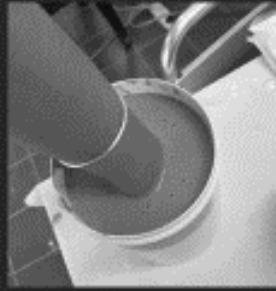
1. Biografia de Leal da Câmara e exemplos fotográficos das suas obras (visita à Casa-Museu);
2. Pesquisa breve sobre arte colaborativa e instalação (exemplos);
3. Esboços;
4. Processo de escolha entre alternativas e processo de montagem;
5. Montagem digital de implementação no espaço;
6. Memória descritiva e justificativa;
7. [Grelha de avaliação e reflexão contínua](#) distribuída pelas professoras;
8. [Atitudes e valores.](#)

## Moldes

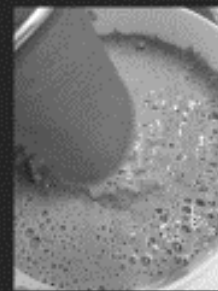
## Procedimento



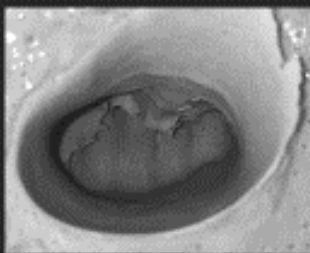
1. Mistura do alginato com água



2. Imobilização da mão



3. Solidificação do alginato



4. Retirar a mão e encher o molde com gesso



5. Retirar alginato do balde



6. Revelação da peça após secagem do gesso

Ideias?



Apêndice 5 – Grelha de planificação a médio prazo

Didáctica de Geometria (Oficina de Artes)						12º ano de escolaridade
Planificação de Projecto (Médio prazo)						
Tema: <i>A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo</i>						
Objectivo Geral: Entender os modos de projectar como parte integrante do processo artístico						
Pré-requisitos: Sensibilidade e a consciência crítica e criativa; Manipulação sensível e técnica dos materiais, suportes e instrumentos; hábitos de pesquisa e métodos de trabalho experimental.						
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação	Tempo
<p>Módulo 2 – Projecto Artístico (Questões Permanentes)</p> <p>1. PROJECTO E OBJECTO</p> <p>1.1. Conceito(s) de Projecto</p> <p>1.2. O Projecto como sistema de relações transversais a várias áreas</p> <p>1.3. Do Projecto ao Objecto</p> <p>1.4. Metodologias do Projecto</p> <p>CONCEITOS:</p> <p>Projecto</p> <p>Metodologia <del>Projectual</del></p> <p><del>Objecto</del></p> <p>Objecto Artístico</p> <p>Objecto de Design</p>	<p>- Identificar diferentes conceitos de Projecto;</p> <p>- Entender o Projecto como uma realidade múltipla e multifacetada;</p> <p>- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto;</p> <p>- Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projecto;</p> <p>- Estruturar um Projecto.</p> <p>- Trabalhar em equipa entre colegas, de forma a promover a entreaajuda.</p>	<p>I. Introdução teórica do conteúdo a abordar (PowerPoint);</p> <p>II. Metodologia de trabalho:</p> <p>Método de Projecto - Situação/Problema</p> <p>- Investigação</p> <p>- Projecto</p> <p>- Realização (Apresentação pública)</p> <p>- Avaliação (individual do aluno- reflexão; Professor estagiário; público)</p>	<p>III. Molde tridimensional da mão dos alunos;</p> <p>IV. Exposição final dos produtos criados</p> <p>V. Registo fotográfico do processo</p>	<p>Questionário (inicial e conclusivo)</p> <p>Computador;</p> <p>Projector</p> <p>vídeo;</p> <p>Tela;</p> <p>Quadro negro;</p> <p>Recursos informáticos (PowerPoint)</p> <p>;</p> <p>Máquina fotográfica;</p> <p><del>Alginato</del></p> <p>Gesso</p> <p>Recipientes</p>	<p>Formativa (sistemática e contínua)</p> <p>. Poder de observação</p> <p>. Capacidade de interpretar /registar;</p> <p>.Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais;</p> <p>. Capacidade de leitura/ análise de imagens;</p> <p>.Domínio dos meios de representação;</p> <p>. Invenção criativa e Interesse;</p> <p>. Formulação de questões pertinentes;</p> <p>. Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;</p> <p>. Persistência na aprendizagem;</p> <p>. Empenho no trabalho;</p> <p>. Aquisição e compreensão de conhecimentos;</p> <p>. Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.</p> <p>. Grelha de registo do</p> <p>Desenvolvimento Pessoal e Social</p>	10 tempos de 45min
Calendário:	19 aula: (9/3/2020) 90min cada turno;	22 aula: (11 e 12/3/2020) 90 min cada turno; 33 aula: (16/3/2020) 90min cada turno;				
			42 aula (18 e 19/3/2020) 52 aula (23/3/2020) Total: 15h			

Apêndice 6 – Grelha de planificação diária – Aula 1

Planificação de Aulas		12ºA1 – Oficina de Artes		2º Período		Ano Lectivo 2019/2020	
Tema: A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo							9/3/2020 – Segunda-feira
Aula nº1 – Apresentação da Unidade Didáctica/Investigação (90min a cada turno)							
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação		
Apresentação da Unidade Didáctica e do Projecto passo a passo, os materiais a utilizar e as guias para criação da instalação colectiva.  Brainstorm relativo à instalação.	- Identificar diferentes conceitos de Projecto e entender o mesmo como uma realidade múltipla e multifacetada; - Estruturar um Projecto; - Associar a prática dos moldes ao quotidiano dos alunos; - Conhecer a área da Conservação e Restauro e sua importância; - Introduzir conceito de Instalação Colaborativa. - Trabalhar em equipa entre colegas, de forma a promover a entreajuda.	Exposição com recurso a imagens dos conceitos relacionados com o projecto (Moldes; Conservação e Restauro; Instalação Colaborativa) - Atividade Brainstorm sobre instalação colaborativa. Metodologia Projectual: - Apresentação/revisão de modelos (Munari; Fallon; ...) Apresentação da Situação/Problema/Investigação: - Consulta da Internet/visita extra aula ao Museu Leal da Câmara (Detalhes relevantes sobre a vida e obra de Tomás Leal da Câmara) - reflexão e autoavaliação.	Introdução teórica do conteúdo a abordar (PowerPoint);	Computador; Projector vídeo; Tela; Quadro negro; Recursos informáticos (PowerPoint).	Formativa (sistemática e continua) - Poder de observação - Capacidade de leitura/ análise de imagens; - Capacidade de interpretar. - Formulação de questões pertinentes; - Aquisição e compreensão de conhecimentos; - Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações. - Desenvolvimento de competências de pesquisa e recolha; - Empenho e interesse no trabalho; - Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;		



## Apêndice 7 – Grelha de planificação diária – Aula 2

12ºA1 – Oficina de Artes 2º Período Ano Lectivo 2019/2020					
Planificação de Aulas					
Tema: A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo					
Aula nº2 – Investigação/Projecto (90min a cada turno)					
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação
Reunião de ideias e chegada a conclusões sobre as posições das mãos nos moldes a realizar na aula seguinte, relacionadas com a temática da instalação colaborativa (Tomás Leal da Câmara).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto;</li> <li>- Estruturar um Projecto;</li> <li>- Reconhecer novas técnicas como meios de expressão;</li> <li>- Construção de Projecto colaborativo.</li> <li>- Trabalhar em equipa entre colegas, de forma a promover a entreaajuda.</li> </ul>	<p>Metodologia Projectual:</p> <p>Fase de Projecto:</p> <p>Esboços relativos a possibilidades de concretização:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Considerações sobre as fragilidades na execução dos moldes;</li> <li>- Estudos sobre as posições das mãos na futura obra conjunta.</li> <li>- Seleção da posição da mão para o projecto final.</li> </ul>	<p>Ideias e esboços relativos aos diversos projectos das mãos e posterior instalação colaborativa</p>	<p> Materiais riscadores - grafites de diferentes durezas);</p> <p> Suportes para esboços – papel cavallinho e vegetal.</p> <p> Computadores.</p>	<p>Formativa (sistemática e continua)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Desenvolvimento de competências de experimentação de materiais;</li> <li>. Formulação de questões pertinentes;</li> <li>. Capacidade de registar em esboço;</li> <li>. Aquisição e compreensão de conhecimentos;</li> <li>. Invenção criativa;</li> <li>. Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações;</li> <li>. Persistência na aprendizagem;</li> <li>. Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;</li> <li>. Empenho e interesse no trabalho;</li> </ul>

Apêndice 8 - Grelha de planificação diária - Aula 3

Planificação de Aulas					
12ºA1 – Oficina de Artes 2º Período Ano Lectivo 2019/2020					
Tema: A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo					
Aula nº3 – Realização dos moldes (90min a cada turno)					
16/3/2020 – Segunda-feira					
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação
Realização dos moldes de uma mão de cada aluno.  Polimento das peças.  Simulação e integração dos moldes em ideias relativas à instalação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto;</li> <li>- Reconhecer novas técnicas como meios de expressão;</li> <li>- Experimentar, de forma orientada, fases e itinerários de formulação do Projecto;</li> <li>- Trabalhar em equipa entre colegas, de forma a promover a entreaajuda.</li> </ul>	<p>Metodologia Projectual:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Fase de Projecto: <ul style="list-style-type: none"> <li>- desenvolvimento e conclusão da fase</li> <li>- reflexão e auto-avaliação.</li> </ul> </li> <li>Fase da Realização: <ul style="list-style-type: none"> <li>Sistematização da fase da Realização.</li> <li>- considerações prévias à execução dos moldes (cuidados e precauções na execução; higiene e segurança no trabalho);</li> <li>- execução dos moldes em alginato;</li> <li>- considerações prévias ao polimento das peças (cuidados e precauções; higiene e segurança no trabalho);</li> <li>- polimento das peças resultantes</li> </ul> </li> </ul>	<p>Moldes concluídos e polidos. Esboços sobre a instalação.</p>	<p>Alginato; Recipientes; Gesso; Água; Máquina fotográfica; Instrumento de mistura; Plástico protector para proteger o chão de sujidade; Saco para lixo; Panos para limpar as mãos dos alunos. Teques.</p>	<p>Formativa (sistemática e continua)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Poder de observação</li> <li>. Aquisição e compreensão de conhecimentos;</li> <li>. Capacidade de interpretar /registar;</li> <li>. Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.</li> <li>. Formulação de questões pertinentes;</li> <li>. Invenção criativa;</li> <li>. Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;</li> <li>. Empenho e interesse no trabalho;</li> <li>. Desenvolvimento de competências com experimentação de materiais;</li> <li>. Persistência na aprendizagem;</li> </ul>

Apêndice 9 - Grelha de planificação diária - Aula 4

Planificação de Aulas					
12ºA1 – Oficina de Artes 2º Período Ano Lectivo 2019/2020					
Tema: A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo					
Aula nº4 – Concretização / Realização da Instalação					
18 e 19/3/2020 – Quarta e Quinta-feira					
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação
Continuação do polimento das peças.  Reunião de ideias e chegada a conclusões sobre a instalação colaborativa em homenagem ao patrono (Tomás Leal da Câmara).	- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto; - Reconhecer novas técnicas como meios de expressão; - Trabalhar em equipa entre colegas, de forma a promover a entreaajuda.	Metodologia Projectual: - polimento das peças resultantes (conclusão) - esboço/ensaio sobre possível instalação colaborativa - formulação da proposta de projecto de exposição dos trabalhos no Museu Leal da Câmara; - selecção da proposta mais viável atendendo a: pertinência das propostas; tempo de execução; recursos (humanos e materiais); custos Fase da Avaliação: - memória descritiva e justificativa; - reflexão e auto-avaliação.	Esboços sobre a instalação. Ideia concretizada com os respectivos materiais necessários, orçamento e memória descritiva.	Computador; Projector vídeo; Tela; Quadro negro; Teques; Materiais a designar pelos alunos. Suportes – papel cavallinho; Materiais riscadores – grafite de diferentes durezas.	Formativa (sistemática e continua) - Poder de observação - Capacidade de interpretar / registar; - Desenvolvimento de competências de pesquisa, recolha e experimentação de materiais; - Capacidade de leitura/ análise de imagens; - Invenção criativa; - Formulação de questões pertinentes; - Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo; - Persistência na aprendizagem; - Empenho e interesse no trabalho; - Aquisição e compreensão de conhecimentos; - Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.

Apêndice 10 - Grelha de planificação diária - Aula 5

Planificação de Aulas					
12ºA1 – Oficina de Artes 2º Período Ano Lectivo 2019/2020					
Tema: A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo					
Aula nº5 –Avaliação e reflexão final (90min a cada turno)					
23/3/2020 – Segunda-feira					
Conteúdos	Objectivos (específicos)	Metodologias/Estratégias (Actividades a desenvolver)	Produto	Recursos	Avaliação
Reflexão final dos alunos e avaliação das suas prestações bem como avaliação à prestação da professora estagiária.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar e reflectir sobre a génese do Objecto;</li> <li>- Identificar diferentes conceitos de Projecto;</li> <li>- Entender o Projecto como uma realidade múltipla e multifacetada;</li> </ul>	<p>Metodologia Projectual:</p> <p>Fase final da Avaliação: -auto e heteroavaliação</p>	Reflexão final e questionário conclusivo.	<p>Recursos</p> <p>Material de riscadores;</p>	<p>Formativa (sistemática e continua)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Poder de observação</li> <li>. Capacidade de interpretar /registar;</li> <li>. Formulação de questões pertinentes;</li> <li>. Envolvimento e capacidade de integração no trabalho individualmente e em grupo;</li> <li>. Persistência na aprendizagem;</li> <li>. Empenho e interesse no trabalho;</li> <li>. Aquisição e compreensão de conhecimentos;</li> <li>. Capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos e de os utilizar em novas situações.</li> </ul>

CALENDÁRIO ESCOLAR – 3º PERÍODO		PROPOSTA DE ATIVIDADES			OFICINA DE ARTES:	
MÊS	SEMANA/DIA DA SEMANA	2ª (turno 1 e 2)	3ª	4ª (turno 2)	5ª (turno 1)	12º ANO DE ESCOLARIDADE 2019/2020
ABRIL	1ª	Dia 13 - FASE DA INVESTIGAÇÃO (a partir de uma visita ao Museu Leal da Câmara) Pesquisa de informação sobre Leal da Câmara (biografia sumária; feitos e contributos como docente e artista)	Dia 14	Dia 15 - FASE DA INVESTIGAÇÃO Exemplos fotográficos ilustradores do percurso	Dia 16 - FASE DA INVESTIGAÇÃO Exemplos fotográficos ilustradores do percurso	
	2ª	Dia 20 FASE DA INVESTIGAÇÃO Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa	Dia 21	Dia 22 - FASE DA INVESTIGAÇÃO Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa ENTREGA DO TRABALHO VIA EMAIL REFLEXÃO/AUTOAVALIAÇÃO	Dia 23 - FASE DA INVESTIGAÇÃO Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa ENTREGA DO TRABALHO VIA EMAIL REFLEXÃO/AUTOAVALIAÇÃO	
	3ª	Dia 27 - FASE DE PROJETO Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço da possível instalação colaborativa	Dia 28	Dia 29 FASE DE PROJETO Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço da possível instalação colaborativa	Dia 30 FASE DE PROJETO Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço da possível instalação colaborativa	
MAIO	1ª	Dia 4 - FASE DE PROJETO Escolha entre alternativas para a instalação colaborativa Estudos de cor	Dia 5	Dia 6 FASE DE PROJETO Escolha entre alternativas para a instalação colaborativa Estudos de cor	Dia 7 FASE DE PROJETO Escolha entre alternativas para a instalação colaborativa Estudos de cor	
	2ª	Dia 11 - FASE DE PROJETO Implantação no espaço (museu) Exercício de infografia (aplicação de um programa informático) Fotografias auxiliares - facultativo	Dia 12	Dia 13 - FASE DE PROJETO Implantação no espaço (museu) Exercício de infografia (aplicação de um programa informático) Fotografias auxiliares - facultativo	Dia 14 - FASE DE PROJETO Implantação no espaço (museu) Exercício de infografia (aplicação de um programa informático) Fotografias auxiliares - facultativo	
	3ª	Dia 18 - FASE DE PROJETO Memória descritiva e justificativa Apresentação do documento do projeto	Dia 19	Dia 2 - FASE DE PROJETO Apresentação do documento do projeto ENTREGA DO TRABALHO VIA EMAIL REFLEXÃO/AUTOAVALIAÇÃO	Dia 21 - FASE DE PROJETO Apresentação do documento do projeto ENTREGA DO TRABALHO VIA EMAIL REFLEXÃO/AUTOAVALIAÇÃO	
JUNHO	4ª	Dia 25	Dia 26	Dia 27 REFLEXÃO E AUTOAVALIAÇÃO	Dia 28 REFLEXÃO E AUTOAVALIAÇÃO	
	1ª	Dia 1 AUTOAVALIAÇÃO e AVALIAÇÃO	Dia 2	Dia 3 AVALIAÇÃO	Dia 4 AVALIAÇÃO	

Apêndice 12 - Grelha de conteúdos de avaliação entregue aos alunos

Parâmetros de avaliação		PROPOSTA FINAL DO GRUPO
<b>INVESTIGAÇÃO</b> (a partir de uma visita ao museu Leal da Camara)	Pesquisa de informação sobre Leal da Camara (biografia sumária; feitos e contributos como docente e artista) 20	<b>De 0 a 50 pontos</b>
	Exemplos ilustradores do percurso (fotografias) 5	
	Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa 15	
	Reflexão/avaliação 10	
<b>PROJETO</b>	Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço 10	<b>De 0 a 80 pontos</b>
	Escolha entre alternativas 5	
	Descrições/anotações escritas 5	
	Intervenção plástica da peça escultórica (mãos) - facultativo	
	Estudos de cor 5	
	Implantação no espaço (museu) 10	
	Fotografias auxiliares - facultativo	
	Qualidades formais, técnicas e expressivas 30	
	Apresentação do documento do projecto 5	
	Reflexão/avaliação 10	
<b>Realização</b>	Escultura	<b>De 0 a 60 pontos</b>
	Qualidades formais, técnicas e expressivas (produto final) (10+15+10) 35	
	Exposição	
	Planificação da realização 5	
	Montagem 10	
	Reflexão/avaliação 10	
<b>Apresentação</b>	Grupo/turma/Proponentes 5	<b>De 0 a 10 pontos</b>
	Pública 5	



Apêndice 13 - Grelha de registo de comportamento

Parâmetros	Datas	09/03/2020							11 e 12/03/2020							16/03/2020							18 e 19/3/2020							23/03/2020						
		Uso adequado do tempo de aula	Utilização apropriada do material	Cumprimento de normas	Cumprimento de prazos	Uso de feedback para orientação	Tolerância e respeito pelo outro	Cooperação/Espírito de entrega/ajuda	Comportamento adequado	Uso adequado do tempo de aula	Utilização apropriada do material	Cumprimento de normas	Cumprimento de prazos	Uso de feedback para orientação	Tolerância e respeito pelo outro	Cooperação/Espírito de entrega/ajuda	Comportamento adequado	Uso adequado do tempo de aula	Utilização apropriada do material	Cumprimento de normas	Cumprimento de prazos	Uso de feedback para orientação	Tolerância e respeito pelo outro	Cooperação/Espírito de entrega/ajuda	Comportamento adequado	Uso adequado do tempo de aula	Utilização apropriada do material	Cumprimento de normas	Cumprimento de prazos	Uso de feedback para orientação	Tolerância e respeito pelo outro	Cooperação/Espírito de entrega/ajuda	Comportamento adequado			

Apêndice 14 - Grelha de nível de desempenho máximo

Parâmetros de avaliação		DESCRIPTORES (nível de desempenho máximo)
<b>INVESTIGAÇÃO</b> (a partir de uma visita ao museu Leal da Câmara)	Pesquisa de informação sobre Leal da Câmara (biografia sumária; feitos e contributos como docente e artista) 20	Biografia: data nascimento/morte; naturalidade; percurso académico e profissional; contributos políticos, sociais e artísticos
	Exemplos fotográficos ilustradores do percurso 5	10 exemplos fotográficos (cumprimento do nº de registos; pertinência dos registos fotográficos)
	Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa 15	Conceito e objectivo
	Reflexão/avaliação 10	Referência à vida e obra de Leal da Câmara e à Arte Colaborativa Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas.
	<b>Subtotal 50</b>	
<b>PROJETO (instalação colaborativa)</b>	Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço 10	2 estudos em esboços de uma possível instalação
	Escolha entre alternativas 5	Elencar dois critérios de seleção (pertinência das propostas; tempo de execução; recursos (humanos e materiais); custos)
	Intervenção plástica da peça escultórica (mãos em estudo gráfico) - facultativo	Exercício de exploração gráfica da peça
	Estudos de cor 5	Estudos cromáticos vinculativos entre a mão e a peça final
	Implantação no espaço (museu) 10	Infografia (aplicação de um programa informático)
	Fotografias auxiliares - facultativo	
	Qualidades formais, técnicas e expressivas 30	. Faz um registo à mão livre no qual transmite adequadamente a morfologia, as proporções, as distâncias e os ângulos relativos do modelo e do espaço. . O registo das sombras próprias e projectadas transmite correctamente o volume do modelo e a tridimensionalidade do espaço. . Utiliza grafites num modo de registo que conjuga traço e mancha; risca e mancha com segurança, fluidez e desenvoltura. . Integra as formas numa composição visual sugestiva que sugere profundidade espacial e atende às posições relativas
	Memória descritiva e justificativa 5	Identificação das tarefas a realizar; Identificação do/s conceito/os; clareza do discurso; identificação de facilidades e dificuldades encontradas; materiais e técnicas.
	Apresentação do documento do projecto 5	Organização sequencial das várias fases com apresentação da documentação respeitante.

	Reflexão/avaliação 10		Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas.
	<b>Subtotal 80</b>		
<b>Realização</b>	Instalação	Qualidades formais, técnicas e expressivas (produto final) (10+15+10) 35	. Integra as formas numa composição visual atendendo ao espaço seleccionado( suportes, iluminação, ...)
	Exposição	Planificação da realização 5	Plano conjunto da montagem da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores)
		Montagem 10	Montagem conjunto da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores)
	Reflexão/avaliação 10		Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas.
	<b>Subtotal 60</b>		
<b>Apresentação</b>	Grupo/turma/Proponentes 5		Registo áudio dos comentários.
	Pública 5		Análise dos registos escritos dos visitantes
	<b>Subtotal 10</b>		

## Apêndice 15 - Grelha de níveis de desempenho

Parâmetros de avaliação		DESCRITORES (nível de desempenho máximo)	DESCRITORES (nível de desempenho médio)	DESCRITORES (nível de desempenho baixo)
INVESTIGAÇÃO (a partir de uma visita ao museu Leal da Camara)	Pesquisa de informação sobre Leal da Camara (biografia sumária, feitos e contributos como docente e artista)	Descreve com riqueza a Biografia: data nascimento/morte; naturalidade; percurso académico e profissional; contributos políticos, sociais e artísticos 20	Descreve com alguma riqueza a Biografia: data nascimento/morte; naturalidade; percurso académico e profissional; contributos políticos, sociais e artísticos 10	Descreve com pouca riqueza a Biografia: data nascimento/morte; naturalidade; percurso académico e profissional; contributos políticos, sociais e artísticos 5
	Exemplos fotográficos ilustradores do percurso	10 exemplos fotográficos (cumprimento do nº de registos; pertinência dos registos fotográficos) 5	5 exemplos fotográficos (cumprimento do nº de registos; pertinência dos registos fotográficos) 3	3 exemplos fotográficos (cumprimento do nº de registos; pertinência dos registos fotográficos) 1
	Pesquisa sobre o que é a Arte Colaborativa	Define com clareza o conceito e objectivo 15	Define com alguma clareza o conceito e objectivo 10	Define com pouca clareza o conceito e objectivo 5
	Reflexão/avaliação	Referencia com riqueza à vida e obra de Leal da Câmara e à Arte Colaborativa. Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas. 10	Referencia com alguma riqueza à vida e obra de Leal da Câmara e à Arte Colaborativa. Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas. 5	Referencia com pouca riqueza vida e obra de Leal da Câmara e à Arte Colaborativa. Reflexão com identificação de facilidades e dificuldades encontradas. 3
	<b>Subtotal 50</b>			
PROJETO (instalação colaborativa)	Desenvolvimento da ideia com estudos em esboço	Apresenta 2 estudos em esboços de uma possível instalação 10	Apresenta 1 estudos em esboços de uma possível instalação 5	Não apresenta estudos em esboços de uma possível instalação 0
	Escolha entre alternativas	Elenca dois critérios de seleção (pertinência das propostas; tempo de execução; recursos (humanos e materiais); custos) 5	Elenca 1 critérios de seleção 3	Não elenca critérios de selecção 0

Intervenção plástica da peça escultórica (mãos em estudo gráfico) - facultativo	Apresenta exercício de exploração gráfica da peça			Não apresenta exercício de exploração gráfica da peça	
Estudos de cor	Apresenta vários estudos cromáticos (3 ou mais) vinculativos entre a mão e a peça final 5	Apresenta alguns estudos (2) cromáticos vinculativos entre a mão e a peça final 3		Não apresenta estudos cromáticos vinculativos entre a mão e a peça final 0	
Implantação no espaço (museu)	Elabora exercício de infografia (aplicação de um programa informático) 10	Elabora exercício pouco satisfatório de infografia 5		Não elabora exercício de infografia 0	
Fotografias auxiliares - facultativo	Apresenta fotografias auxiliares			Não apresenta fotografias auxiliares	
Qualidades formais, técnicas e expressivas	<p>. Faz um registo à mão livre no qual transmite adequadamente a morfologia, as proporções, as distâncias e os ângulos relativos do modelo e do espaço.</p> <p>. O registo das sombras próprias e projectadas transmite correctamente o volume do modelo e a tridimensionalidade do espaço.</p> <p>. Utiliza grafites num modo de registo que conjuga adequadamente traço e mancha; risca e mancha com segurança, fluidez e desenvoltura.</p> <p>. Integra as formas numa composição visual sugestiva que</p>	<p>. Faz um registo à mão livre no qual transmite com algumas lacunas adequadamente a morfologia, as proporções, as distâncias e os ângulos relativos do modelo e do espaço.</p> <p>. O registo das sombras próprias e projectadas transmite com algumas lacunas o volume do modelo e a tridimensionalidade do espaço.</p> <p>. Utiliza grafites num modo de registo que conjuga com pouca adequação traço e mancha;</p> <p>. Integra as formas com algumas lacunas numa composição visual sugestiva que sugere profundidade</p>	<p>. Não faz um registo à mão livre</p> <p>. O registo das sombras próprias e projectadas não transmite corretamente o volume do modelo e a tridimensionalidade do espaço.</p> <p>. Não utiliza adequadamente grafites num modo de registo que conjuga traço e mancha;</p> <p>. Não integra as formas numa composição visual sugestiva que sugere profundidade espacial e</p>		

Realização	Instalação	Qualidades formais, técnicas e expressivas (produto final) (10+15+10)				Subtotal 80	Reflexão/avaliação	Apresentação do documento do projecto	Memória descritiva e justificativa	sugere profundidade espacial e atende às posições relativas	espacial e atende às posições relativas	atende às posições relativas	10
		35	25	15	1								

	Exposição	Planificação da realização	Apresenta plano conjunto da montagem da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 5	Apresenta com algumas lacunas plano conjunto da montagem da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 3	Não apresenta plano conjunto da montagem da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 0
		Montagem	Montagem colaborativa da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 10	Montagem pouco colaborativa da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 5	Montagem nada colaborativa da instalação ( ver grelha sobre atitudes e valores) 1
		Reflexão/avaliação	Reflexão com identificação completa de facilidades e dificuldades encontradas. 10	Reflexão com algumas lacunas na identificação de facilidades e dificuldades encontradas. 5	Reflexão com muitas lacunas na identificação de facilidades e dificuldades encontradas. 1
		<b>Subtotal 60</b>			
Apresentação	Grupo/turma/Proponentes		5	Contribui com comentários/críticas construtivas e assertivos.	Não contribui com comentários/críticas construtivos e assertivos.
	Pública		5	Aceita e reflete sobre a crítica de forma assertiva	Tem dificuldade em aceitar e refletir sobre a crítica.
	<b>Subtotal 10</b>				



Apêndice 16 - Reflexões finais preenchidas pelos alunos



MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

A professora estagiária mostrou bastante interesse tanto no projeto como em ajudar os alunos e acho que tivemos relações positivas perante ambos os lados

Refira o que este projeto significou para si:

**Para mim o projeto foi bom porque podemos explorar**

**Algo diferente do habitual, tinha capacidades**

**Para ser melhor se tivesse sido como planeado**

**Porem não foi possível infelizmente**

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

---

Refira o que este projeto significou para si:

Este projeto trouxe mais interesse pela escultura e das formas como pode ser abordada. Algo bastante pessoal, dado a relevância da individualidade nas nossas obras.

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela colaboração 😊  
Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

Obrigada Professora Inês por indiretamente através desta experiência me ter feito refletir e escolher o meu futuro.

Refira o que este projeto significou para si:

O projeto teve muito significado para mim como pessoa e aluna porque eu estava com dúvidas sobre o curso e faculdade que iria seguir e com este trabalho consegui refletir, pensar e escolher o meu futuro. Também me fez adquirir conhecimentos básicos em relação a escultura o que foi algo bastante importante e divertido e educacional. Obrigada professora Inês.

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes? 5  
1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)? 5  
1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Como classifica a Unidade no geral? 5  
1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Como classifica a prestação da professora estagiária? 5  
1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Comentário adicional (opcional)

---

Refira o que este projeto significou para si:  
Apesar de não termos concluído o projeto devido às circunstâncias, gostei do facto de termos de trabalhar em conjunto/turma para atingirmos um objetivo.  
Foi muito boa a oportunidade de podermos fazer moldes das nossas mãos, esta foi uma experiência onde conhecermos um material novo que pessoalmente nunca tinha experimentado.

Muito obrigada pela colaboração 😊  
Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Comentário adicional (opcional)

A professora podia ter desenvolvido melhor a explicação do processo de produção dos moldes.

Refira o que este projeto significou para si:

Gostei muito deste projecto, independentemente da possibilidade da instalação final. Acho importante a implantação de actividades como estas na disciplina de Oficina de Artes. É uma boa forma de mostrar outras possibilidades no mundo das artes como a Instalação. É algo em que estou muito interessada e ter esta experiência ajuda a conhecer mais deste meio. Acredito que também tenha despertado curiosidade aos meus colegas de turma.

Sinto que com estes projectos colectivos criamos uma maior conexão entre a turma.

Gostei muito de trabalhar para este projecto, de fazer esta experiência a uma escala maior e de usar materiais diferentes do habitual. Sem deixar de mencionar a possibilidade de expormos num espaço público e muito requisitado como a Casa-Museu Leal da Câmara.

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

---

Refira o que este projeto significou para si:  
Eu gostei muito do projeto pois foi uma experiência nova.

Muito obrigada pela colaboração 😊  
Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☒ ☐ ☐

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Comentário adicional (opcional)

---

Refira o que este projeto significou para si:

Foi um projeto interessante totalmente diferente daquilo a que estava habituado.

---

---

---

---

Muito obrigada pela colaboração ☺  
Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5  
☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5  
☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5  
☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5  
☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

Gostei muito da prestação da professora Inês neste projeto. Para além de profissional foi muito amigável e simpática e só espero que ela consiga alcançar os seus objetivos, como professora e como pessoa!

Refira o que este projeto significou para si:

Gostei muito deste projeto porque nunca tinha trabalhado com gesso nem com alginato e gostei muito da experiência! Para além disso gostei do facto de ser um trabalho colaborativo onde todos tínhamos de trabalhar para alcançar o objetivo da instalação!

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa



MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

Refira o que este projeto significou para si:

\_\_Para mim foi uma nova experiencia da qual gostei muito e achei bastante interessante

Muito obrigada pela colaboração ☺  
Inês Costa

MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS  
Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☒ ☐

Comentário adicional (opcional)

---

Refira o que este projeto significou para si:

O projeto significou bastante para mim, já que raramente fizemos projetos colaborativo sem ser com o objetivo de ser para a escola, acredito que conseguimos deixa-lo mais pessoal e deu-nos boas bases do que queremos seguir e explorar melhor várias formas de arte.

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

## MESTRADO EM ENSINO DAS ARTES VISUAIS

### Questionário/Reflexão Final

De 1 a 5 sendo que 1- não gostei nada e 5- adorei, responda consoante a sua opinião:

O que achou da unidade de trabalho dos moldes?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

O que achou da unidade de trabalho da instalação (em termos teóricos e de possível projeto)?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a Unidade no geral?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Como classifica a prestação da professora estagiária?

1 2 3 4 5

☐ ☐ ☐ ☐ ☒

Comentário adicional (opcional)

Na minha opinião a professora Inês é e vais ser uma professora muito boa porque acho q quem consegue não ficar "chateado" comigo é um professor com uma grande paciência e no geral a professora foi sempre muito interativa e amigável, mas também muito perspicaz durante a fase de trabalho!

Refira o que este projeto significou para si:

Para mim foi um projeto importante de certa forma pois foi a primeira vez que usei gesso e alginato e se calhar a última e foi também a primeira "aula/trabalho" da professora Inês o que só por si já tem um valor muito grande e não só para mim, mas acho que também para a professora Inês.

Adorei este trabalho e obrigado pela oportunidade à professora Inês!

Muito obrigada pela colaboração ☺

Inês Costa

Apêndice 17 - Relatório da professora cooperante Mariana Azevedo.



## RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA MESTRANDA

INÊS MADEIRA DA COSTA

## ANO LETIVO 2019/2020

### UNIDADE CURRICULAR DE IPP

#### RELATÓRIO SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA MESTRANDA

INÊS COSTA

O relatório que se apresenta de seguida procura satisfazer o protocolo estabelecido entre o Agrupamento de Escolas Leal da Câmara e a instituição de ensino superior- Universidade de Lisboa, no cumprimento do trabalho de orientadora cooperante da mestranda Inês Costa.

O horário cumprido pela mestranda foi o acordado com a professora cooperante e esteve condicionado à sua disponibilidade de horário. Assim, a mestranda acompanhou as aulas de Oficina de Artes do 12º Ano do curso de prosseguimento de estudos – Artes Visuais no seguinte horário:

2ª feira das 10.00 às 13. 15 (turno 1 e turno 2, seguidos)

Fora das aulas supracitadas a mestranda esteve em trabalho de planificação às

5ª feiras das 10.00 às 11.30 – projeto (médio prazo) – *A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo.*

A mestranda cumpriu o horário estabelecido e quando não pode estar presente teve, dum modo geral o cuidado e a responsabilidade de contactar com a professora cooperante, informando-a e justificando o seu impedimento.

A relação da mestranda com a turma pautou-se por princípios éticos como:

- afirmação da cidadania, respeitando a integridade física e moral, as diferenças individuais e a diversidade dos alunos tendo em conta os princípios de igualdade, equidade e justiça.
- o desempenho da mestranda revelou ainda responsabilidade e zelo, baseando-se em valores sociais, lealdade e respeito mútuo.

#### PRÁTICA DE ENSINO - AULAS ASSISTIDAS:

Observação e acompanhamento das atividades letivas.

Nas aulas da professora cooperante a mestranda acompanhou-as observando, colaborando e refletindo, em conjunto, sobre a prática da professora.

Em momentos chave foram abordados e refletidos, após aulas, os seguintes tópicos: plano e desenvolvimento da aula; metodologia/estratégias de ensino; recursos; relação aluno/aluno e aluno/professor e avaliação.

Ainda no decorrer das aulas a mestranda apoiou a professora cooperante acompanhando os alunos no trabalho em desenvolvimento, dando sugestões/ orientações e ajudando os alunos no projeto “MareNostrum”, que foi aprovado em Conselho Pedagógico e consta do Plano Anual de Atividades do agrupamento.

#### **ATIVIDADES DE NATUREZA PEDAGÓGICA:**

A mestranda participou em duas reuniões do Conselho de Turma do 12º ano como observadora do trabalho desenvolvido sobretudo ao nível das estruturas intermédias de gestão do Agrupamento. Quando solicitada a sua opinião contribuiu prontamente.

Não ficou agendada nenhuma participação da mestranda no trabalho desenvolvido ao nível do Departamento e da Direção de Turma, nesta última porque à professora cooperante não foi atribuída nenhuma Direção de Turma.

#### **INTERVENÇÃO LETIVA POR PARTE DA MESTRANDA:**

**PLANIFICAÇÃO E PREPARAÇÃO DO PROJETO: *A Escultura como Elo entre a Identidade e a Cultura – O contributo do Ensino das Artes Visuais na fusão entre o Clássico e o Contemporâneo.***

##### **a) Planificação das atividades letivas:**

Ao longo do 1º período e 1ª metade do 2º período a mestranda, atendendo às orientações e indicações que constam do protocolo preparou a planificação do projeto (médio prazo) e as planificações das unidades diárias (curto prazo).

A mestranda trabalhou com o programa da disciplina de Oficina de Artes; consultou o Perfil de saída do aluno no final do Ensino Secundário/Escolaridade obrigatória e os critérios de avaliação propostos pelo M. Educação relativamente à disciplina de Desenho A (critérios de avaliação – níveis de desempenho).

Nesta fase foram propostas algumas pesquisas sobre Método de Projeto (métodos propostos por Munari, Fallon, ...), foi feita referência à taxonomia de Bloom (na definição dos objetivos) e uma abordagem à obra de Valter Lemos “O critério do sucesso” pela sistematização da informação sobre a questão da planificação e avaliação.

Para qualquer uma das planificações consideraram-se como tópicos: conteúdos; objetivos (específicos); metodologias/estratégias de ensino (atividades a desenvolver); produto; recursos; avaliação e tempo.

Na planificação do projeto (médio prazo) consideraram-se ainda os pré-requisitos.

Em termos de conteúdos, objetivos e recursos foram selecionados os que estavam previstos no programa da disciplina.

Relativamente à metodologia/ estratégias de ensino optou-se pelo Método de Projeto, (indicado também no programa da disciplina) desenvolvido em cinco fases: Situação/Problema; Investigação; Projeto; Realização e Avaliação.

No ponto sobre a avaliação a mestranda foi confrontada com a possibilidade de se poderem definir objetivos mínimos e objetivos de desenvolvimento, tendo-se optado por não os integrar nas planificações do projeto, quer a médio prazo quer de unidade diária, pela sobrecarga de informação.

Definiram-se níveis de desempenho para cada item de avaliação e decidiu-se apresenta-los aos alunos junto da grelha de registo das observações e classificações das várias fases da metodologia.

A mestranda, para além da planificação a médio prazo (1) e das planificações de unidades diárias (6), construiu a grelha de registo de avaliação das várias fases do projeto ( docente e alunos) com descrição pormenorizada dos itens a serem observados/avaliados em cada fase, tendo como suporte informático o Excell.

Construiu os descritores dos três níveis de desempenho – mínimo, médio e máximo, e estabeleceu as cotações a atribuir.

Para a apresentação do seu projeto de trabalho a mestranda construiu um PowerPoint com uma sequência de diapositivos elucidativos e sequenciais de todo o trabalho a ser desenvolvido.

b) Lecionação das aulas na turma do professor cooperante:

1ª Aula.

A mestranda iniciou a lecionação supervisionada no dia 9 de março aos dois turnos, explorando o PowerPoint construído; recorreu ao brainstorm para trabalhar os conceitos de IDENTIDADE, CULTURA e INSTALAÇÃO COLABORATIVA; esclareceu os alunos sobre a metodologia utilizada, as suas diferentes fases; a calendarização e a avaliação do projeto; registando e anotando as propostas sugeridas pelos alunos.

No fim da 1ª aula foi proposta pela mestranda uma visita ao Museu Leal da Câmara, aceite por todos os alunos e agendada para o dia 10 de março à tarde uma vez que os alunos não têm aulas.

O plano da aula foi cumprido de forma bastante satisfatória.

REFLEXÃO:

Foi feita uma breve reflexão tendo sido apontados, como pontos a melhorar, os seguintes aspetos:

- aumentar o tempo para os alunos responderem;
- explorar mais a prática de brainstorm no 1º turno;
- atuar de forma mais imediata sobre intervenções menos contextualizadas ao trabalho em desenvolvimento no 2º turno.

Em relação a este último grupo de alunos a mestranda reconhece a dificuldade de alguns alunos em serem mais assertivos, situação mesmo assim gerida de forma bastante satisfatória pela mestranda.

## VISITA AO MUSEU LEAL DA CÂMARA

O feedback dado quer pela mestranda quer pelos alunos foi de que a visita tinha corrido bem e cumprido os objetivos propostos. A reação por parte do museu da proposta apresentada pela mestranda foi de bastante agrado.

### 2ª Aula.

A segunda aula decorreu para o 2º turno no dia 11 de março e para o 1º turno no dia 12 de março.

A mestranda começou por fazer um balanço sobre a visita ao Museu Leal da Câmara, solicitando a opinião dos alunos quanto aos pontos fortes e eventuais pontos fracos.

Sobre a visita foi mencionado pela mestranda o agrado do museu quanto ao interesse da turma em visitar o museu, sem que esta estivesse calendarizada para um tempo de aula.

Retomou-se o plano do projeto revendo as ideias que tinham ficado definidas e acordadas.

O plano das aulas foi cumprido de forma bastante satisfatória.

### REFLEXÃO:

Foi feita uma breve reflexão tendo sido apontados como pontos fortes os seguintes aspetos:

- resposta atempada e em tempo útil às questões;
- atenção aos alunos menos participativos, questionando-os;
- boa interação com os alunos;
- boa gestão do tempo de aula;
- boa gestão do espaço da aula, posicionando-se junto do quadro aquando das exposições e do registo das decisões e junto dos alunos aquando do esclarecimento das ideias propostas.

### 3ª e 4ª Aula.

As aulas dos dias 16 e 19 de junho decorreram segundo as normas de segurança inerentes ao plano de contingência da pandemia resultante do COVID 19.

A mestranda, por questões de precaução, organizou e preparou o espaço da sala de aula adequando-o ao processo de execução do trabalho dos moldes em alginato das mãos dos alunos.



A gestão do espaço e do tempo foi apropriada e ajustada à tarefa, tendo todas as peças ficado concluídas.

Os alunos cumpriram as orientações e recomendações da mestranda e manifestaram interesse e agrado na execução da atividade proposta.

A projeto de trabalho ficou concluído com exceção da Instalação prevista para o Museu Leal da Câmara. (8 horas)

O plano das aulas foi cumprido de forma bastante satisfatória.

c) Acompanhamento da atividade de Direção de Turma e Conselho de Turma:

A atividade inerente ao trabalho da Direção de Turma não foi realizada uma vez que a professora cooperante não contemplou no seu horário este serviço.

Ao nível do Conselho de Turma a mestranda assistiu como observadora a três reuniões, duas presenciais e uma sob a forma de videoconferência.

d) Participação em outras tarefas acordadas com o orientador cooperante.

A mestranda acompanhou e colaborou com a professora cooperante e os alunos no projeto *MareNostrum* e na visita de estudo ao bairro Padre Cruz em Lisboa para visionamento das obras de Arte Urbana integrado no PAA do Agrupamento.

**PARECER DO ORIENTADOR COOPERANTE SOBRE A QUALIDADE DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELA MESTRANDA.**

Do exposto a professora cooperante propõe como classificação final: **18 valores (dezoito valores)**

Rio de Mouro, 8 de julho de 2020.

A Professora Cooperante.

Mariana Rita Santos de Almeida Azevedo, PQND.